RACHEL CUSK



TRÂNSITO ...



Rachel Cusk

Trânsito

tradução
Fernanda Abreu

todavia

Trânsito

Autora

Créditos

Uma astróloga me mandou um e-mail dizendo que tinha notícias importantes com relação a acontecimentos no meu futuro próximo. Conseguia ver coisas que eu não conseguia: tivera acesso a meus dados pessoais e isso lhe permitira estudar os planetas para obter informações. Queria que eu soubesse que um trânsito importante estava previsto para acontecer em breve no meu céu. Essa informação a estava deixando muito animada ao pensar nas mudanças que poderia representar. Por uma tarifa singela, ela a compartilharia comigo e me capacitaria a tirar dela o melhor proveito.

Podia sentir — continuava o e-mail — que eu estava perdida na vida, que às vezes tinha dificuldade para encontrar sentido na minha atual situação e ter esperança em relação ao que estava por vir; sentia haver entre nós uma conexão pessoal forte e, embora não pudesse explicar esse sentimento, sabia também que algumas coisas não tinham mesmo explicação. Sabia que muita gente não dava importância ao significado do céu acima de nossas cabeças, mas estava convicta de que eu não era uma dessas. Eu não tinha a crença cega na realidade que levava os outros a pedir explicações concretas. Ela sabia que eu já sofrera o suficiente a ponto de começar a fazer determinadas perguntas para as quais ainda não obtivera resposta. Mas os movimentos planetários representavam para o destino humano uma zona de reverberação infinita; talvez algumas pessoas simplesmente não conseguissem acreditar ser importantes o suficiente para estarem incluídas nisso. A triste verdade, dizia ela, era que nesta época de ciência e descrença nós perdemos a noção do nosso próprio significado. Tornamo-nos cruéis, com nós mesmos e com os outros, pois acreditamos no fundo que não temos valor. O que os planetas oferecem, dizia ela, é nada menos que a oportunidade de recuperar a fé na grandeza do humano: quanto mais honra e dignidade, quanto mais gentileza, responsabilidade e respeito nós traríamos para nossas interações mútuas se acreditássemos que todos nós, sem exceção, temos uma importância cósmica? Sentia que eu, particularmente, era capaz de discernir as implicações que isso tinha para o desenvolvimento da paz e da prosperidade mundiais, sem falar na revolução que um conceito aprimorado de

destino poderia acarretar ao aspecto pessoal das coisas. Torcia para que eu a perdoasse por entrar em contato comigo daquela forma, e por falar de modo tão franco. Como já tinha dito, sentia haver entre nós uma forte conexão pessoal, e isso a incentivara a expressar seus sentimentos mais íntimos.

Parecia possível o mesmo algoritmo de computador que havia gerado esse e-mail ter gerado também a própria astróloga: suas expressões eram excessivamente cheias de personalidade, e esse aspecto se repetia com exagerada frequência; ela havia sido de modo evidente demais baseada num tipo humano para ser, por sua vez, humana. Em consequência, sua empatia e preocupação eram ligeiramente sinistras; por esse mesmo motivo, porém, pareciam também imparciais. Um amigo meu, deprimido após o divórcio, admitira recentemente que muitas vezes ficava à beira das lágrimas diante da preocupação com a sua saúde e o seu bem-estar expressados na terminologia dos anúncios e das embalagens de alimentos, e também com as vozes automatizadas nos trens e ônibus, que pareciam temerosas de que ele deixasse passar seu ponto ou sua estação; ele sentia até mesmo algo semelhante ao amor pela voz feminina que o guiava, enquanto ele dirigia seu carro, com muito mais dedicação do que sua mulher jamais tivera. Tinha havido uma grande coleta, disse ele, de linguagem e informações da vida, e talvez fosse o caso de o falso humano estar se tornando mais sólido e mais interpessoal do que o original, de ser mais possível receber afeto de uma máquina que de nosso próprio semelhante. Afinal, a interface mecanizada era resultado da destilação não de um humano, mas de muitos. Em outras palavras, fora preciso que muitos astrólogos vivessem para aquele exemplo específico ser criado. O que tranquilizava, na opinião dele, era o simples fato de esse coro oceânico não estar vinculado a nenhuma pessoa em especial, de parecer vir de toda parte e de lugar nenhum: reconhecia que muita gente achava essa ideia enlouquecedora, mas para ele a erosão da individualidade significava também a erosão do poder de machucar.

Fora esse mesmo amigo — um escritor — quem havia me aconselhado, na primavera, que mais valia comprar uma casa ruim numa rua boa do que uma casa boa num lugar ruim. Apenas os muito sortudos e os muito azarados, disse ele, recebem um destino homogêneo; o restante de nós precisa optar. O corretor de imóveis ficara surpreso por eu acatar esse sábio conselho, se é que de fato era sábio. Na sua experiência, disse ele, pessoas criativas muitas vezes valorizavam as vantagens da luz e do espaço mais que as da localização. Tendiam a procurar o potencial das coisas, enquanto a maioria buscava a segurança da conformidade, do que já havia alcançado seu potencial máximo, de imóveis cuja

aparência era apenas a soma de possibilidades exauridas, aos quais nada mais se podia acrescentar. A ironia, disse ele, era que esse tipo de pessoa, embora tivesse medo de ser original, era também obcecada pela originalidade. A simples menção de algum elemento de época fazia seus clientes se extasiarem; ora, era só se afastar um pouco do centro para ter esses elementos em abundância por um preço bem menor. Também era um mistério para ele, disse-me o corretor, por que as pessoas continuavam a comprar em pontos hiperinflacionados da cidade quando era possível encontrar pechinchas nos bairros em ascensão. Supunha que no cerne disso estivesse a sua falta de imaginação. Atualmente o mercado estava em alta, disse ele; longe de desencorajar os compradores, essa situação na verdade parecia inflamá-los. Ele vinha assistindo diariamente a cenas de puro caos, vendo seu escritório ser invadido por hordas de gente se acotovelando para pagar muito por muito pouco, como se sua vida dependesse disso. Tinha feito visitas nas quais houve até brigas, intermediou duelos de ofertas de uma agressividade sem precedentes, e chegou a receber propostas de suborno em troca de tratamento preferencial; tudo isso, segundo ele, por imóveis que, quando analisados à fria luz do dia, nada tinham de excepcional. O que impressionava era o desespero genuíno dessas pessoas, uma vez aprisionadas pelas garras do desejo: elas lhe telefonavam de hora em hora querendo novas informações, ou então apareciam no escritório sem motivo; imploravam, e às vezes chegavam a chorar; num minuto se mostravam iradas e, no minuto seguinte, contritas, e muitas vezes o presenteavam com longas confissões relacionadas às suas circunstâncias pessoais. Ele teria sentido pena dessas pessoas não fosse o fato de elas invariavelmente apagarem o drama da mente no mesmo segundo em que tudo terminava e a compra se concluía, livrando-se não só da lembrança do próprio comportamento, mas também das pessoas que o haviam suportado. Alguns clientes compartilhavam com ele as intimidades mais repulsivas numa semana e, na semana seguinte, cruzavam com ele na rua sem o menor sinal de reconhecimento; conheceu casais que tinham chegado ao fundo do poço diante dos seus olhos e agora cuidavam de sua vida no bairro como se nada fosse. Somente no caráter absoluto do seu alheamento ele às vezes detectava algum indício de vergonha. Nos primeiros anos de sua carreira, havia ficado abalado com esses incidentes, mas felizmente a experiência tinha lhe ensinado a não levá-los para o lado pessoal. Compreendia que, para essas pessoas, ele representava um personagem surgido da névoa vermelha do seu desejo, um objeto de transferência, por assim dizer. No entanto, o desejo em si ainda o deixava perplexo. Às vezes ele chegava à conclusão de que as pessoas só

queriam o que não tinham certeza de conseguir; em outros momentos, tudo lhe parecia mais complexo. Com frequência, seus clientes se confessavam aliviados com o fato de o seu desejo não ter sido atendido: as mesmas pessoas que haviam se descontrolado e chorado como crianças frustradas por não conseguirem um imóvel podiam ser vistas dias depois sentadas calmamente na sua sala expressando gratidão por não terem conseguido comprá-lo. Podiam ver agora que o imóvel teria sido totalmente impróprio para elas; queriam saber o que mais ele tinha disponível. Para a maioria das pessoas, disse ele, achar e comprar um imóvel era um estado intensamente ativo; e a atividade acarreta certa cegueira, a cegueira da fixação. É só quando as suas vontades se exaurem que a maioria das pessoas reconhece as leis do destino.

Estávamos sentados na sala dele quando esse diálogo ocorreu. Lá fora, o tráfego avançava com lentidão pela rua cinza e suja de Londres. Falei que o frenesi por ele descrito, longe de me incentivar a competir, eliminava qualquer entusiasmo que eu pudesse ter sentido em relação a procurar uma casa e me dava vontade de ir embora no mesmo instante. Além do mais, eu não tinha dinheiro para duelos de ofertas. Entendia que, nas condições de mercado descritas por ele, era portanto improvável que eu encontrasse um lugar para morar. Ao mesmo tempo, contudo, me rebelava contra a ideia de que pessoas criativas, como ele as havia chamado, devessem sempre permitir que os outros as marginalizassem por meio do que ele havia educadamente descrito como seus valores superiores. Ele tinha usado, acreditava eu, a palavra “imaginação”: a pior coisa possível para uma pessoa assim era sair do centro num ato de autoproteção e ir se refugiar numa realidade estética por meio da qual o mundo exterior permanecesse intacto. Se eu não queria competir, queria menos ainda criar novas regras em relação ao que constituía a vitória. Iria querer o que todo mundo queria, mesmo que não pudesse obtê-lo.

O corretor pareceu um pouco espantado com esses comentários. Disse não ter tido a intenção de sugerir que eu devesse ser marginalizada. Apenas pensou que eu talvez pudesse conseguir mais pelo dinheiro que tinha, e com mais facilidade, num bairro menos concorrido. Podia ver que eu estava numa situação vulnerável. E um fatalismo como o meu era raro no mundo em que ele trabalhava. No entanto, se eu estivesse decidida a competir com os outros, bem, ele tinha algo que poderia me mostrar. Estava com os detalhes bem ali na sua frente: o imóvel acabara de voltar ao mercado naquela mesma manhã, depois de a compra original não se concretizar. Era um imóvel de propriedade do governo; eles queriam encontrar logo outro comprador, e o preço refletia esse fato. Como

eu podia ver, disse ele, estava em condições bem ruins — na verdade, era praticamente inabitável. A maioria dos clientes, por mais ávida que estivesse, não teria chegado nem perto. Se eu lhe permitisse usar a palavra “imaginação”, estava além do alcance da imaginação da maioria; embora ele reconhecesse que se situava num local muito desejável. Considerando a minha situação, contudo, ele não podia, em sã consciência, me incentivar. Aquele era um imóvel para um empreendedor ou para um construtor independente, alguém que pudesse olhá-lo com imparcialidade; o problema era que a margem era pequena demais para esse tipo de cliente se interessar. Ele me encarou nos olhos pela primeira vez. Obviamente não se trata de um lugar adequado para morar com crianças.

Semanas mais tarde, quando a transação foi concluída, por acaso cruzei com o corretor na rua. Ele estava caminhando sozinho, com um maço de papéis apertado junto ao peito e um molho de chaves tilintando na mão. Fiz questão de cumprimentá-lo, lembrando o que ele tinha dito, mas ele apenas me encarou com um olhar vazio e tornou a desviar os olhos. Isso tinha sido no começo do verão; estávamos agora no início do outono. Foram os comentários da astróloga sobre crueldade que me fizeram recordar esse incidente, que na época parecera provar que, a despeito do que desejemos acreditar em relação a nós mesmos, somos apenas o resultado de como os outros nos trataram. No e-mail da astróloga havia um link para a leitura dos planetas que ela havia feito para mim. Paguei pelo serviço e li o que estava escrito.

Reconheci Gerard na hora: ele estava pedalando sua bicicleta no meio do tráfego debaixo do sol e passou sem me ver, com o rosto erguido. Exibia uma expressão exaltada que me lembrou o aspecto dramático da sua personalidade e a noite, quinze anos antes, em que ele havia se sentado nu no peitoril de nosso apartamento no último andar, com as pernas penduradas no escuro, e dito não acreditar que eu o amasse. A única diferença perceptível eram os cabelos, que ele havia deixado crescer numa impressionante juba de cachos escuros revoltos.

Tornei a vê-lo alguns dias mais tarde: era de manhã cedo, e dessa vez ele estava em pé na rua, ao lado de sua bicicleta, segurando a mão de uma menina pequena vestida com um uniforme escolar. Eu havia morado com Gerard por vários meses no apartamento que ele tinha e onde, pelo que eu sabia, ainda morava. Ao final desse período, sem muita cerimônia ou explicação, o havia deixado por outra pessoa e me mudado de Londres. Durante alguns anos depois disso, ele às vezes ligava para nossa casa na zona rural, e sua voz soava tão débil e distante que era como se ele estivesse ligando de algum verdadeiro lugar de exílio. Então, um belo dia, ele me mandou uma carta de várias páginas escrita à mão na qual parecia explicar por que havia considerado o meu comportamento ao mesmo tempo incompreensível e moralmente incorreto. A carta tinha chegado na fase exaustiva logo após o nascimento do meu filho mais velho; eu não conseguira lê-la até o final, e havia somado à lista dos meus pecados o fato de não a ter respondido.

Depois de nos cumprimentarmos e expressarmos uma surpresa, de minha parte fingida, dado que eu já o vira uma vez sem que ele me visse, Gerard me apresentou a menininha como sua filha.

“Clara”, disse ela com uma voz firme, aguda e oscilante quando lhe perguntei seu nome.

Gerard perguntou que idade tinham os meus agora, como se a realidade patente do fato de ser pai pudesse ser suavizada se eu também estivesse implicada. Disse que tinha me visto ser entrevistada em algum lugar — já devia fazer anos agora, para ser sincero — e a descrição da minha casa no litoral de

Sussex o havia deixado com bastante inveja. A região de South Downs era uma das suas preferidas no país. Ele disse estar surpreso por cruzar comigo de volta ali na cidade.

"Clara e eu fomos caminhar em South Downs uma vez", disse ele. "Não foi, Clara?"

"Foi", disse ela.

"Muitas vezes pensei que é para lá que iríamos se algum dia saíssemos de Londres", disse Gerard. "Diane me deixa ler os anúncios imobiliários, contanto que eu pare por aí."

"Diane é a minha mãe", explicou Clara com dignidade.

A rua em que estávamos era uma daquelas avenidas largas margeadas por árvores com belas casas vitorianas que parecem ser uma garantia de respeitabilidade do bairro. Quando eu passava por elas, suas cercas vivas bem aparadas e grandes janelas frontais muito limpas sempre haviam me causado sensações injustificadas tanto de segurança quanto de absoluta exclusão. O apartamento em que eu tinha morado com Gerard ficava ali perto, numa rua onde as primeiras débeis mudanças decrescentes de tom podiam ser ouvidas conforme o bairro iniciava sua transição rumo aos setores malconservados e sufocados pelo tráfego mais ao leste: embora ainda belas, as casas apresentavam imperfeições ocasionais; as cercas vivas eram um pouco mais descontroladas. O apartamento era um espaçoso e extenso labirinto de cômodos nos andares superiores de uma *villa* eduardiana, cujas vistas impressionantes permitiam compreender a transição da salubridade para a imundície, dicotomia esta que Gerard na época parecia dominar, ou então que parecia aprisioná-lo. Nos fundos ficava a vista palladiana para o oeste, de gramados bem cuidados, imensas árvores e discretos vislumbres de outras belas residências. Na frente ficava um sombrio panorama de desolação urbana do qual, como o prédio ficava no alto de uma subida, o apartamento tinha uma vista particularmente desimpedida. Gerard certo dia tinha apontado para uma estrutura comprida e baixa ao longe e me dito se tratar de um presídio feminino; a visão que tínhamos dele era tão boa que à noite os pontinhos cor de laranja, que eram as brasas dos cigarros das detentas, podiam ser vistos quando elas iam fumar na passarela que margeava as celas.

Os barulhos do pátio de recreio vindos de trás do grande muro ao nosso lado estavam ficando mais fortes. Gerard pôs a mão no ombro de Clara e se abaixou para falar em voz baixa no seu ouvido. Obviamente estava fazendo algum tipo de reprimenda, e peguei-me mais uma vez recordando sua carta e o catálogo de falhas que ela trazia. Clara era uma criatura pequenina, frágil e bonita, mas

enquanto o pai falava seu rosto de elfo adotou uma expressão de martírio supremo que sugeriu que a menina havia herdado parte do seu comportamento dramático. Ela escutou interessada enquanto ele a corrigia, fitando sem piscar a rua ao longe com seus sagazes olhos castanhos. Após menear a cabeça muito de leve em resposta à última pergunta dele, virou as costas e atravessou os portões de modo distraído junto com as outras crianças.

Perguntei a Gerard quantos anos sua filha tinha.

"Oito", disse ele. "Oito quase dezoito."

Fiquei surpresa com a descoberta de que Gerard tinha uma filha. Na época em que eu o conhecera, ele estava tão longe de resolver as dificuldades da própria infância que era difícil acreditar que agora fosse pai. Essa estranheza foi acentuada pelo fato de que sob todos os outros aspectos ele parecia igual: o rosto de pele amarelada com os olhos suaves, de cílios longos e levemente infantil não tinha envelhecido; a perna esquerda da calça continuava presa como sempre estivera por uma presilha de bicicleta; o estojo de violino pendurado em suas costas sempre tinha sido um item tão permanente da sua aparência que não pensei em perguntar o que ainda estava fazendo ali. Depois de Clara sumir de vista, Gerard falou:

"Alguém me disse que você estava se mudando de volta para cá. Eu não soube se devia acreditar ou não."

Ele perguntou se eu tinha comprado um imóvel e em que rua estava morando, e eu lhe respondi enquanto ele ficava parado e meneava vigorosamente a cabeça.

"Eu nem mudei de casa", disse ele. "É estranho", disse ele, "você sempre ter mudado tudo e eu não ter mudado nada, e mesmo assim continuarmos os dois no mesmo lugar."

Alguns anos antes, continuou ele, havia passado um curto tempo no Canadá, mas tirando isso as coisas haviam permanecido em grande parte do mesmo jeito que sempre tinham sido. Ele se perguntava, falou, qual seria a sensação de ir embora, de se distanciar do que você conhecia e se mudar para outro lugar. Durante algum tempo depois de eu ir embora, ao sair de casa de manhã para o trabalho, ele olhava para o pé de magnólia que ficava ao lado do porão, e pensar que eu já não via mais aquela planta o soterrava por sua estranheza. Havia um quadro que tínhamos comprado juntos — ainda pendurado exatamente no mesmo lugar, entre as grandes janelas que davam para o jardim dos fundos — e ele se sentava, olhava para aquilo e ficava pensando como eu podia ter suportado abandoná-lo ali. No início via essas coisas — o pé de magnólia, o quadro, os livros e demais objetos que eu não tinha levado — como vítimas de abandono,

mas com o tempo isso havia mudado. Houve um período no qual se deu conta de que eu sentiria dor ao rever essas coisas, as coisas que tinha abandonado. Então, mais tarde ainda, ele começou a sentir que àquela altura talvez eu fosse ficar feliz em revê-las. Tinha guardado tudo, aliás, e o pé de magnólia — embora os outros moradores houvessem falado em cortá-lo — continuava lá.

Um grupo cada vez maior de pais e crianças uniformizadas se aglomerava ao redor dos portões, e estava ficando difícil conversar com o barulho. Gerard toda hora precisava tirar a bicicleta do caminho, segurando-a de leve pelo guidom. A maioria dos outros responsáveis eram mulheres: mulheres com cães na coleira e outras com carrinhos, mulheres elegantemente vestidas com pastas de trabalho e mulheres carregando mochilas, lancheiras e instrumentos musicais infantis. O som de suas vozes foi aumentando com a aglomeração, competindo com o barulho cada vez mais alto que vinha de trás dos muros conforme mais e mais crianças entravam no pátio. Houve a sensação de um crescendo inexorável, quase de histeria, que cessaria de modo abrupto assim que o sinal da escola tocasse. De vez em quando, uma das mulheres cumprimentava Gerard com um grito, e eu o via responder com o entusiasmo que sempre servira de camuflagem para sua desconfiança social.

Ele removeu a bicicleta do meio da confusão e a deslocou para a rua, onde as primeiras folhas cor de ferrugem tinham começado a cair ao redor dos carros estacionados. Atravessamos para o outro lado. A manhã estava amena, nublada e sem vento; em contraste com a cena barulhenta que acabáramos de presenciar, o mundo ali de repente pareceu tão silencioso e estacionário que foi como se o tempo houvesse parado. Gerard admitiu que ainda se sentia pouco à vontade em frente ao portão, apesar de já fazer anos que levava Clara à escola. Diane trabalhava muitas horas e, além disso, se identificava ainda menos do que ele com a cultura escolar; o fato de ele ser homem pelo menos lhe proporcionava algum disfarce. Quando Clara era menor, era ele quem frequentava os grupos de brincadeiras e ia aos cafés da manhã. Tinha aprendido muito, não sobre a paternidade, mas sobre os outros. Ficara surpreso ao descobrir que as mulheres eram hostis com ele nos grupos de bebês, apesar do fato de nunca ter se considerado particularmente másculo. Sempre tivera amigas próximas; sua melhor amiga ao longo de toda a adolescência fora Miranda — eu devia me lembrar dela —, e os dois, em determinado momento, pareciam intercambiáveis, muitas vezes dividindo a cama ou trocando de roupa um na frente do outro sem constrangimento. No mundo das mães, porém, sua masculinidade de repente virou um estigma: as outras pareciam considerá-lo alternadamente com

ressentimento e desprezo, como se ele não pudesse vencer nem com a sua presença, nem com a sua ausência. Muitas vezes se sentira solitário cuidando de Clara nessa época, e com frequência ficara assoberbado com as novas percepções em relação à própria criação que ser pai lhe proporcionava. Diane voltara a trabalhar em tempo integral, e embora ele às vezes se espantasse com a sua falta de sentimentalismo em relação à maternidade e com a sua aversão pelas atividades maternas, aos poucos passou a entender que esse conhecimento — do cuidar e suas consequências — não era algo de que ela fizesse questão. Ela sabia tanto quanto precisava saber sobre ser mulher; quem precisava saber, aprender era ele. Precisava saber como cuidar de outra pessoa, como ser responsável, como construir e manter um relacionamento, e ela o havia deixado fazer isso. Entregara-lhe Clara com uma totalidade que ele estava certo de que a maioria das mulheres não teria sido capaz, e fora difícil, mas ele havia perseverado.

"Eu hoje sou o dono de casa favorito delas", disse ele, meneando a cabeça para as mulheres com cachorros e carrinhos que agora se dispersavam.

Começamos lentamente a nos afastar da escola e a subir o aclive gradual em direção à estação de metrô. Essa escolha de direção teve algo de automático: eu não pretendia pegar o metrô, e obviamente Gerard, com a sua bicicleta, também não, mas a complexidade daquele nosso encontro depois de tanto tempo parecia ter gerado o acordo tácito de que, até termos certeza de onde estávamos pisando, deveríamos permanecer em território neutro e navegar guiados pelos pontos de referência públicos. Tinha esquecido, disse-lhe eu, o quanto o anonimato da cidade podia ser um alívio. Ali as pessoas não viviam tendo de se explicar o tempo todo; uma cidade era uma interface decifrável, uma espécie de léxico do comportamento humano que fazia metade do trabalho de decodificar o mistério do indivíduo, tornando possível uma comunicação eficiente por meio de uma espécie de estenografia. Lá onde eu morava antes, na zona rural, cada indivíduo era a representação única e muitas vezes ilegível dos próprios atos e objetivos. Muita coisa se perdia ou era mal compreendida no processo da autoexplicação, falei; pressupunha-se muita coisa sem fundamento; muitas palavras não conseguiam manter um significado integral.

"Quanto tempo faz que você saiu de Londres?", perguntou Gerard. "Deve fazer o quê… uns quinze anos?"

Houve algo de fingido no caráter vago da sua pergunta: ele deu a impressão — oposta da que decerto pretendia — de ter uma profunda familiaridade com os fatos que fingia desconhecer, e senti uma pontada de culpa e vergonha pelo modo como o havia tratado. Espantei-me uma vez mais que ele tivesse mudado

tão pouco desde então, a não ser pelo fato de ter sido de algum modo preenchido. Naquela época ele era um rascunho, um esboço; eu tinha desejado que ele fosse mais do que era sem conseguir ver de onde viria esse extra. Mas o tempo lhe havia conferido densidade, como um artista que preenche o desenho esboçado. Ele passava os dedos com frequência pelos cabelos bagunçados; parecia muito saudável e queimado de sol, e estava usando uma camisa quadriculada folgada vermelha e azul do tipo que o seu eu mais jovem gostava de usar, consideravelmente aberta para deixar à mostra o pescoço bronzeado. As cores da camisa estavam tão desbotadas pelo tempo e pelas lavagens que me perguntei se aquela seria na verdade a mesma camisa que eu me lembrava de tê-lo visto usar tantos anos antes. Ele sempre fora uma pessoa frugal, a tal ponto que o desperdício e o excesso o deixavam genuinamente incomodado, além de levá-lo a um julgamento involuntário dos outros; mas eu me lembrava de ele ter confessado certa vez que, nas suas fantasias, se entregava aos mesmos atos de extravagância e destruição inúteis que condenava.

Comentei que muito pouca coisa parecia ter mudado ali durante a minha ausência; eu tinha percebido, continuei, que quando meus vizinhos saíam pela porta de suas casas de manhã impecavelmente vestidos para o trabalho, muitas vezes paravam para olhar em volta com um leve sorriso, como se houvessem acabado de recordar algo agradável. Gerard riu.

“É difícil não se sentir presunçoso”, disse ele, “com tanta presunção em volta.”

Uma das vantagens de ir embora, ele agora entendia, era que ficava mais fácil mudar. Imaginava que fosse justamente isso que sempre temera: ir parar em algum lugar e se dar conta de que, nesse processo, havia se perdido. Diane era canadense, continuou ele, e viver num continente diferente do que aquele em que fora criada não parecia incomodá-la nem um pouco. Pelo contrário, ela acreditava ter se poupado o trabalho de lidar com diversas questões emocionais paralisantes — entre as quais a principal era sua mãe — simplesmente se mudando para o outro lado do mundo. Mas havia certa inexorabilidade, admitiu Gerard, no fato de ele morar em Londres e no destino que isso tinha lhe mapeado: ele passara a entender que a maioria das pessoas não era atrapalhada pelas próprias origens da mesma forma. Passara dois anos morando em Toronto com Diane, e embora lá tivesse se sentido liberado — libertado, para ser sincero, do que parecia ser um peso esmagador —, seu sentimento de culpa era ainda mais forte. E depois que Clara nasceu o dilema piorou: a única coisa mais inimaginável do que a ideia de Clara ter uma infância parecida com a dele era a

ideia de isso não acontecer, de ela talvez passar a vida inteira alheia a tudo que, para Gerard, constituía a realidade.

Perguntei-lhe por que ele tinha usado a palavra “culpa” para descrever o que outras pessoas teriam chamado de saudades de casa, e que de toda forma era na verdade apenas a ausência do seu próprio mundo conhecido.

“Parecia errado estar escolhendo”, disse Gerard. “Parecia errado a vida inteira estar baseada na escolha.”

Ele havia conhecido Diane por acaso, numa fila de cinema. Fora para Toronto com uma bolsa de pesquisa de seis meses oferecida por um departamento de estudos de cinema de lá. Havia se candidatado com a certeza absoluta de que não iria ganhá-la, mas de repente lá estava ele, longe de casa, a vinte graus negativos de temperatura e na fila para ver um clássico reconfortante, *A noite dos mortos-vivos*. Revelou-se que Diane também era fã de filmes de terror. Ela trabalhava para a CBC num emprego com um horário puxado. Eles vinham saindo esporadicamente havia algumas semanas quando a pessoa que Diane pagava para passear com sua cadela — uma poodle grande e vigorosa chamada Trixie — se mudou da cidade. A cadela já era motivo de ansiedade para Diane: na época, ela estava envolvida com um projeto de trabalho particularmente estressante, saía de casa cedo e voltava tarde da noite, e de toda forma a hora de Trixie com o passeador não era nem de longe suficiente. Diane era uma amante ardorosa de cachorros e considerava a crueldade da situação de Trixie com a máxima seriedade. Agora que aquela crise tinha acontecido, seria obrigada a doar a cadela, “o que no caso de Diane”, disse Gerard, “era como se estivessem lhe pedindo para doar o próprio filho”.

Embora não conhecesse Diane muito bem — e não soubesse absolutamente nada sobre cachorros —, Gerard se ofereceu para ajudá-la. Ministrava um curso noturno na universidade, mas durante o dia tinha o tempo mais ou menos livre. Estava planejando voltar para Londres no fim do semestre, mas até lá se dispunha a passar todo dia no apartamento de Diane, prender a guia de Trixie na coleira e levá-la saltitando e se contorcendo até o parque.

No início a cadela o deixara nervoso — era grande, obstinada e muda —, mas em pouco tempo ele começou a apreciar os passeios, que o levavam a partes de Toronto que ele nunca tinha visto, além de terem a vantagem de eliminar da sua vida diária o elemento da escolha, embora ele às vezes olhasse para si mesmo passeando com um cachorro de porte grande por uma cidade estrangeira e se perguntasse como diabos tinha ido parar ali. Depois de uma semana ou duas, parecia ter encontrado uma rotina com Trixie, ou pelo menos a achava menos

assustadora quando entrava no apartamento e ela se levantava com um pulo e rosnava. A cadela o acompanhava com razoável facilidade; ia trotando orgulhosa ao seu lado, de cabeça erguida, e ele constatou que caminhava com uma postura um pouco mais orgulhosa também, com aquele animal silencioso trotando ao seu lado. Ele e Diane mal se viam, mas ele foi sentindo uma intimidade cada vez maior com Trixie, e certo dia lhe ocorreu que não era necessário mantê-la na guia — na verdade, isso era um leve insulto para ela —, uma vez que a cadela caminhava ao seu lado com muita disciplina e controle de si. Sem parar para refletir, abaixou-se e soltou a guia, e no mesmo instante Trixie fugiu. Ele estava numa esquina movimentada da Richmond Avenue. Viu-a de relance, chispando feito uma flecha marrom pelo meio do tráfego em direção ao norte da cidade, e depois disso ela desapareceu por completo.

Foi estranho, disse ele, mas ali, em pé na calçada, com os imensos cânions cinzentos das ruas de Toronto a se estender para todos os lados de onde ele estava e a guia pendurada na mão, ele havia se sentido pela primeira vez em casa: a sensação de ter provocado sem querer uma mudança irreversível, de o seu fracasso ser a força que permitia o surgimento de algo novo, aquilo era, percebeu ali em pé, a coisa mais profunda e mais familiar que conhecia. Ao fracassar, havia criado a perda, e a perda era o limiar da liberdade: um limiar canhestro e desconfortável, mas o único que ele fora capaz de cruzar; em geral, disse ele, porque era empurrado para o outro lado em consequência dos acontecimentos que o tinham conduzido até lá. Voltou para o apartamento de Diane e ficou esperando enquanto os cômodos escureciam, com a guia ainda na mão, até ela chegar em casa. Ela percebeu na hora o que tinha acontecido; e por estranho que pareça, disse Gerard, seu relacionamento começou nesse ponto. Ele havia destruído aquilo que ela mais amava; ela, por sua vez, o havia exposto ao fracasso por meio de expectativas que ele era incapaz de atender. Sem terem essa intenção, eles haviam encontrado as mais profundas vulnerabilidades um do outro; por aquele terrível atalho, tinham chegado ao lugar onde, para ambos, os relacionamentos em geral terminavam, e partido dali.

“Diane conta essa história melhor do que eu”, acrescentou Gerard com um sorriso.

Eles agora haviam entrado no pequeno parque que servia de atalho até o metrô por entre a falange de ruas residenciais. A essa hora da manhã, estava praticamente vazio. No parquinho infantil delimitado por uma cerca, algumas mulheres com crianças que ainda não iam à escola as observavam escalar os brinquedos ou olhavam seus celulares.

Eles tinham ficado mais um ano e meio em Toronto, continuou Gerard, e nesse tempo Clara nasceu. Não tinham dinheiro para comprar sequer um minúsculo apartamento em Toronto, enquanto em Londres apartamentos como o que Gerard ainda tinha, e que havia comprado por uma quantia modesta muitos anos antes, estavam sendo vendidos por centenas de milhares de libras. Além do mais, Clara precisava de parentes: na opinião de Diane, criar uma criança totalmente protegida era impróprio.

"A família de Diane é bem disfuncional", disse ele. "Em comparação, a minha só faz ativar o sistema imunológico."

Eles tinham se mudado de volta para Londres quando Clara estava com três meses de idade; ela não teria lembrança alguma da cidade pálida e árida na qual havia nascido, lembrança alguma do grande lago agitado em cujas margens ventosas Gerard havia caminhado com ela dentro de um carregador junto ao peito, lembrança alguma da esquisita casa de ripas de madeira ao lado dos trilhos de bonde que Gerard e Diane tinham dividido com uma comunidade rotativa de artistas, músicos e escritores. A casa antes era uma loja, e a grande vitrine fora mantida: formava parte da área de estar principal, de modo que era possível ver de fora os moradores cuidando de seus afazeres. Muitas vezes, Gerard tinha voltado para casa e se espantado — principalmente à noite, quando as luzes estavam acesas e a vitrine se transformava num grande palco iluminado — com os quadros humanos que via ali, as cenas de amor e os bate-bocas, as cenas de solidão, diligência, amizade, às vezes de tédio e dissociação. Conhecia todos os atores — assim que entrava, tornava-se um deles —, mas com frequência continuava lá fora apenas assistindo, fascinado. Em certo sentido, sabia que tudo não passava de afetação de artistas, mas para ele aquilo resumia algo em relação a Toronto e à sua vida ali, alguma distinção vital que ele reconhecia, mas que não conseguia compreender de todo, embora a palavra que sempre lhe ocorresse quando tentava descrevê-lo fosse "inocência".

"Não acho que teria sido possível", disse ele, "aqui em Londres, entre as pessoas que eu conhecia, viver assim. Aqui tem ironia demais. Não se pode ser afetado aqui — tudo já é uma imitação de si mesmo."

Mesmo assim, ele e Diane tinham voltado, e embora o clima de esperteza fosse às vezes sufocante — "até o pub é irônico", disse ele quando nos aproximamos do bar, cujo prédio antes sórdido era agora uma alusão reformada à própria história não existente —, a força da continuidade atualmente agia como um vento a favor. Eles tinham uma vida impressionantemente estável, algo bastante milagroso, disse ele, considerando aquilo de que ambos eram capazes.

Na superfície, pelo menos no caso dele, os fatos dessa vida eram os mesmos desde a época em que eu o conheci: ele morava no mesmo apartamento, tinha mantido os mesmos amigos, frequentava os mesmos lugares nos mesmos dias como sempre fizera; ainda usava até muitas das mesmas roupas. A diferença era que Diane e Clara o acompanhavam: elas formavam uma espécie de plateia; não fosse isso, ele duvidava que teria conseguido manter aquela vida. Cada vez mais, continuou, via sua estada em Toronto como a base dessa continuidade, uma incursão ao estrangeiro durante a qual havia encontrado em outro lugar os recursos que lhe possibilitariam cimentar de vez sua existência aqui. Era um pensamento interessante, que a estabilidade pudesse ser vista como um produto do risco; talvez fosse quando as pessoas tentavam manter as coisas iguais que o processo de declínio começava.

"De certa forma, é como se ainda estivéssemos vivendo numa vitrine de loja", disse ele. "É uma construção, mas também é real."

Eu lhe disse que quando tinha me mudado de volta para Londres com meus filhos, no verão, no começo fora tudo tão estranho que meu filho mais velho dissera ter a sensação de estar desempenhando um papel numa peça de teatro: os outros diziam suas falas e ele dizia as dele, e tudo que acontecia e todos os lugares aos quais ele ia pareciam de certa forma irreais, como acontecimentos roteirizados que se desenrolavam no cenário de um palco. Eles tiveram de entrar numa escola nova, onde precisavam ser muito mais independentes: na vida antiga dependiam de mim para tudo, mas aqui, quase no mesmo instante, se tornaram ambos menos indolentes, e tinham começado a se organizar de maneiras sobre as quais eu agora nada sabia. Falamos muito pouco sobre a vida antiga, de modo que ela também começou a parecer irreal. Assim que chegamos aqui, falei para Gerard, às vezes passeávamos pelas ruas do bairro à noite, olhando em volta como turistas. No início meus filhos seguravam discretamente a minha mão enquanto andávamos, mas em seguida pararam e passaram a andar com as mãos nos bolsos. Depois de algum tempo, os passeios noturnos cessaram porque os meninos diziam ter deveres de casa demais. Jantavam depressa, depois voltavam para o quarto. Pela manhã, saíam cedo para a aurora cinzenta e avançavam a passos largos pelas calçadas cheias de lixo com as pesadas mochilas escolares sacudindo nas costas para cima e para baixo. As pessoas que conhecíamos aplaudiam essas mudanças, falei, que obviamente consideravam uma questão de necessidade. Ouvi tantas vezes o quanto era bom ver como eu estava me recuperando que comecei a me perguntar se eu representava mais do que um objeto de empatia; se na verdade passara a personificar algum medo ou

temor específico das pessoas que me conheciam, algo de que elas prefeririam não ser lembradas.

“Eu achava que tudo tivesse saído perfeito para você”, disse Gerard devagar. “Pensei que estivesse levando a vida perfeita. Quando você me largou”, disse ele, “o que me deixou triste foi a ideia de que estava dando amor para outra pessoa quando poderia com a mesma facilidade ter dado para mim. Mas para você fazia diferença quem você amava.”

Lembrei-me então da irracionalidade e da infantilidade de Gerard antigamente, da sua volatilidade e do seu exibicionismo ocasional. Falei que a maioria dos casamentos me parecia funcionar da mesma forma que dizem que as histórias funcionam, graças à suspensão da descrença. Em outras palavras, o que os sustentava não era a perfeição, mas sim a fuga de certas realidades. Eu tinha plena consciência, falei, de que Gerard representava uma realidade assim na época em que esses eventos tinham ocorrido. Seus sentimentos precisavam ser atropelados sem dó; não havia outro modo de construir a história. Mas eu agora, falei, quando pensava nessa época, via que esses elementos descartados — tudo que fora negado ou voluntariamente esquecido em prol dessa narrativa — eram o que predominava cada vez mais. Como os objetos que eu havia deixado no seu apartamento, essas coisas descartadas tinham mudado de significado ao longo dos anos, e nem sempre de maneiras fáceis de aceitar. Minha própria indiferença em relação ao sofrimento de Gerard, por exemplo, na qual eu mal havia prestado atenção na época, tinha se tornado cada vez mais criminosa para mim. As coisas que eu havia abandonado na minha busca de um novo futuro, agora que esse próprio futuro fora abandonado, mantinham um poder incriminador cada vez mais forte, a ponto de eu passar a ter medo de ser punida em proporção direta por algo que eu nem sequer fora capaz de avaliar ou enumerar. Talvez, falei, nunca fique claro o que deve ser salvo e o que deve ser destruído.

Gerard tinha parado de andar e me escutava com uma expressão de espanto crescente no rosto.

“Mas eu te perdoei”, disse ele. “Falei isso na minha carta.”

Eu disse que a carta tinha chegado numa época em que eu não conseguira lê-la direito, e minha culpa em relação a ela tinha chegado a tal ponto que eu evitara lê-la mesmo quando poderia tê-la visto com mais objetividade.

“Eu te perdoei”, disse Gerard, pondo a mão no meu braço, “e espero que você também tenha me perdoado.”

Tínhamos parado em frente ao pub, e depois de algum tempo ele perguntou se eu me lembrava do estabelecimento lamentável que costumava ocupar aquele

ponto.

“O verniz da gentrificação”, disse ele. “Está acontecendo por toda parte, até na nossa própria vida.”

O que ele criticava não era o princípio da melhoria em si, mas sim o constante nivelamento, a padronização que essas melhorias pareciam acarretar.

“Onde quer que ela aconteça”, disse ele, “elimina o que existia ali antes — mas apesar disso é feita para dar a impressão de que sempre esteve aqui.”

Ele me contou que, no verão, ele e Clara tinham passado várias semanas caminhando pela região central da Inglaterra, e haviam percorrido um grande trecho da trilha chamada Pennine Way. Diane teve de ficar em Londres trabalhando; de qualquer forma, ela não gostava de caminhar. Eles tinham levado as próprias barracas e preparado a própria comida todas as noites, nadaram em rios, enfrentaram tempestades e pegaram sol em encostas ensolaradas, e percorreram a pé mais de cento e sessenta quilômetros no total. Para Gerard essas pareciam ser as únicas experiências autênticas que perduravam. Parecia impossível acreditar que quando setembro chegasse eles estariam de volta, presos na camisa de força da rotina, mas ali estavam eles mesmo assim.

Expressei assombro com o fato de a delicada menina que acabara de ver ser capaz de andar essa distância toda.

“Ela é mais forte do que parece”, disse Gerard.

A menção a Clara obviamente tinha feito seus pensamentos tomarem outro rumo, e observei-o de repente levar a mão às costas e tocar o estojo do violino ali pendurado.

“Droga”, falou. “Ela precisa do violino hoje.”

Falei que não tinha me dado conta de que o violino era dela.

“A história se repete”, disse ele. “Era para eu estar vacinado, né?”

Lembrei-me de ele ter me contado certa vez que a mãe, ao ouvi-lo declarar a intenção de abandonar o violino, tinha cuspido no seu rosto. Tanto seu pai quanto sua mãe eram músicos de orquestra; Gerard aprendera a tocar violino tão cedo, e tivera de treinar tanto, que os dois dedos menores da sua mão esquerda haviam ficado deformados de tanto pressionar as cordas. O professor de Clara, disse ele então, chegara a classificar o talento dela de excepcional, embora Gerard estivesse longe de ter certeza de querer para a filha essa vida, por cujas possibilidades ele próprio tinha sido atormentado por tanto tempo. Para começar, às vezes quase desejava nunca ter lhe mostrado um violino, o que demonstra bem, disse ele, que pouco examinamos aquilo que mais nos moldou, e que no

lugar disso somos impelidos cegamente a repeti-lo. Talvez seja só nas nossas feridas que o futuro consegue se enraizar, disse ele.

"Embora, para ser totalmente sincero", acrescentou, "nunca sequer me ocorreu que uma criança pudesse ser criada sem música."

Ele havia tentado se manter indiferente ao fato de a filha tocar violino; fazia questão de que ela não crescesse com a nítida impressão que ele costumava ter dos próprios pais, a de que o seu amor por ele era condicionado ao fato de ele aceitar seus desejos. E talvez o verdadeiro motivo de ele ter abandonado o violino, falou, tivesse sido para descobrir a resposta a essa pergunta, à pergunta sobre o amor. Na sua escola havia um menino, prosseguiu, que ele nunca chegou a conhecer muito bem, e que era extremamente ruim em música. Sua surdez musical era motivo de piadas constantes, não especialmente cruéis, mas, quando eles cantavam os hinos no auditório da escola, a voz do menino — claramente audível — era motivo de certa irreverência, e na apresentação pública de Natal, segundo diziam, tinham chegado a lhe pedir para articular as canções natalinas com a boca em vez de cantá-las. Não se sabe como, esse menino tinha começado a tocar clarinete, e através dele produzia sons igualmente dissonantes, mas sua tenacidade para aprender o instrumento era sem dúvida inabalável. Mil vezes ele pediu para ingressar na orquestra da escola, onde Gerard era a estrela, e ouviu um não; com lentidão e esforço cruciantes, foi avançando de série em série. Seu domínio da música era o oposto total de instintivo, mas mesmo assim um dia, depois de ele finalmente conseguir alcançar o padrão mínimo, a orquestra da escola o aceitou. Por volta da mesma época, Gerard saiu da orquestra; praticamente não voltou a pensar nesse menino. Mas uns dois anos depois, no último semestre de Gerard, por acaso foi assistir a uma apresentação escolar do concerto para clarinete de Brahms. O solista era ninguém menos que esse menino; e alguns anos depois disso Gerard viu seu nome escrito em letras graúdas no *flyer* de um concerto em Wigmore Hall. Ele hoje é um músico famoso, disse Gerard — muitas vezes liga o rádio e lá está ele, tocando seu clarinete. Eu nunca consegui entender direito a moral dessa história, disse Gerard. Acho que talvez tenha alguma coisa a ver com prestar atenção não naquilo que vem mais naturalmente, mas naquilo que você acha mais difícil. Nós somos tão doutrinados a aceitar o que somos que o conceito de nos recusarmos a nos aceitar se torna bastante radical.

Ele passou a perna por cima do selim da bicicleta e enfiou o capacete sobre os cabelos despenteados.

"É melhor eu voltar lá e entregar o violino", falou. Olhou para mim com um

afeto genuíno. “Espero que dê tudo certo para você por aqui”, falou.

Eu disse que ainda não sabia; era cedo demais para saber. Muitas vezes, falei, ainda saía para caminhar à noite, depois de os meninos irem dormir, e sempre ficava surpresa com o silêncio, com o fato de as ruas escuras serem tão vazias. Ao longe podia-se ouvir o débil zum-zum da cidade, o que fazia o silêncio próximo parecer de certa forma fabricado. Essa sensação, falei para Gerard, a sensação de o próprio ar ser fabricado, era para mim a essência da civilização. Se ele quisesse saber o que eu sentia em relação a estar de volta à cidade, a sensação dominante era de alívio.

“Eu adoraria que você conhecesse Diane”, disse Gerard. “E gostaria que visse o antigo apartamento. Pode ser que ele te surpreenda.”

Seu primeiro ato, confessou ele, na fase abalada depois de eu o ter abandonado, fora derrubar todas as paredes internas do apartamento para criar um espaço enorme. Durante semanas o apartamento virou um caos de entulho e poeira; Gerard não conseguia comer nem dormir, os vizinhos reclamavam sem parar, e uma imensa viga de aço teve de ser transportada escada acima para sustentar o telhado. As pessoas o achavam louco de pedra, mas Gerard estava tomado por um frenesi, o de poder se postar em frente às janelas num dos extremos do apartamento e conseguir ver as janelas do outro. Continuava satisfeito com o resultado, embora devesse admitir que era menos prático agora que Clara estava ficando maior. Mas a questão, disse ele enquanto empurrava a bicicleta para a rua, a questão era que, embora no presente momento pudesse não parecer, a mudança para Londres na verdade era uma grande oportunidade. Aquela era uma das cidades mais importantes do mundo, disse ele, e me adaptar a ela iria me fortalecer de um modo que, na sua opinião, eu iria reconhecer muito em breve.

O mestre de obras falou que eu estava tentando pegar carne de quinta e transformar em filé.

"É a matéria-prima", disse ele. "Simplesmente não existe."

Ele estava olhando pela janela da cozinha para o pequeno jardim, onde as placas de concreto do piso tinham levantado em ângulos pontiagudos, deslocadas pelas raízes das árvores que cresciam por baixo. Havia uma macieira com os galhos caídos em meio a seus próprios frutos apodrecidos no chão e uma conífera predominante que tinha obrigado as árvores em volta a crescer em ângulos estranhos, de modo que pareciam congeladas em poses de loucura ou aflição. Algumas tinham sido desviadas para o lado por cima da cerca e a quebrado no ponto em que ela dividia o jardim ao meio.

A metade mais distante era nossa, acessível por um corredor estreito a partir da porta dos fundos. A mais próxima pertencia às pessoas que moravam no andar de baixo, no apartamento do subsolo. A sua metade estava repleta de coisas em diferentes estágios do processo de decomposição, de modo que a fronteira entre ornamento e lixo tinha sido apagada. Havia pedaços de lonas de plástico rasgadas e móveis quebrados, frigideiras amassadas, vasos de plantas estilhaçados, um alimentador de pássaros enferrujado, um varal de roupas de metal caído de lado, tudo recoberto por folhas apodrecidas; havia também diversas estátuas, homenzinhos lascados com varas de pesca na mão, um buldogue marrom brilhante de bochechas caídas, e no centro de tudo a estranha figura montada de um anjo negro com as asas erguidas em pé sobre um pedestal preto. Essa parte do jardim estava tomada pelos pombos e esquilos; apesar dos indícios de sujeira e descaso, o alimentador de pássaros era preenchido diariamente até a borda. Os animais lotavam o recipiente cheio, remexendo-se, e quando ele ficava vazio tornavam a sair e iam assumir seus postos ali perto, aparentemente esperando o ciclo se repetir. Durante todo o dia, pombos cinzentos e corcundas de aspecto doentio ficavam pousados nos peitoris externos das janelas e nas calhas. De vez em quando um ruído ou movimento os assustava, e o bater de suas asas produzia um barulho de ar se deslocando contra

as janelas quando eles se erguiam pesadamente no ar e em seguida tornavam a pousar.

A porta dos fundos para o subsolo ficava bem embaixo da janela da minha cozinha. Duas vezes por dia, ela se abria para liberar um cão encarquilhado e manco para o pátio imundo, em seguida tornava a se fechar com força. Eu via a criatura subir os degraus de concreto rachado se arrastando até o jardim, onde soltava um jato de líquido por entre as pernas trêmulas que lentamente tornava a escorrer escada abaixo. Então ficava sentado no alto da escada, ofegante, até gritos vindos lá de dentro o instarem a fazer o percurso de volta com uma lentidão aflitiva. A laje entre os dois apartamentos era muito fina, e as vozes das pessoas lá embaixo, claramente audíveis. Debaixo da cozinha, em especial, o som de seus gritos repentinos podia provocar sustos. Os moradores eram um casal no fim da casa dos sessenta: eu havia encontrado o homem na rua um dia, e ele tinha me dito que eles eram os moradores mais antigos e que viviam ali fazia quase quarenta anos. Eram também os últimos inquilinos subsidiados remanescentes, depois de os moradores da nossa unidade terem lhes conferido essa honra ao se mudarem.

“Eles eram africanos”, disse-me ele num sussurro rouco e conspiratório.

O governo estava vendendo esses imóveis mais antigos, dissera-me o corretor, logo que eram desocupados. Por causa do custo de manutenção, disse ele: num imóvel mais antigo, sempre havia alguma coisa dando problema. No que diz respeito ao governo, acrescentou, o quanto antes essa gente bater as botas, melhor. Ele piscou o olho e apontou para baixo em direção ao chão. Nunca se sabe, talvez nem demore tanto assim. Se a senhora conseguir segurar as pontas, disse ele, um dia talvez possa comprar o subsolo e transformar isto aqui de volta numa casa só. Nesse caso, você estaria realmente sentada em cima de uma mina de ouro.

Os moradores do subsolo obviamente não tinham se conformado com o fato de outras pessoas irem morar em cima deles. Na nossa segunda ou terceira manhã na casa nova, uma sequência surpreendente de batidas furiosas tinha sacudido o nosso piso. Nós nos calamos e ficamos olhando uns para os outros, e depois de algum tempo meu filho mais novo perguntou o que era aquilo. Assim que ele falou, uma nova sequência de batidas veio lá de baixo. Ao ouvir aquilo pela segunda vez, ficou claro que nossos vizinhos estavam batendo de propósito no teto do subsolo como forma de reclamar.

“Dor de cabeça certa”, disse o mestre de obras, virando-se e correndo os olhos pela cozinha, onde os armários subiam e desciam pelo piso ondulante. As portas

tinham sido pintadas, mas por dentro os armários eram lascados e cinza de tão velhos, e as prateleiras estavam bambas nos suportes. As paredes eram forradas de um papel grosso com estampa em relevo que lembrava um problema de pele; também tinham sido pintadas, o que fizera o papel criar bolhas e se soltar em alguns pontos, arrancando consigo pedaços de reboco velho. O mestre de obras tocou uma dessas línguas dependuradas. “Estou vendo que a senhora tentou dar um jeito nas coisas”, falou, tornando a pressioná-la na parede. Ele respirou fundo por entre os dentes. “Meu conselho agora seria deixar tudo isso pra lá.”

Ele tinha um rosto bondoso, mas que mesmo assim exibia um curioso aspecto atormentado, como o rosto de um bebê segundos antes de abrir o berreiro. Cruzou os braços que pareciam duas toras e examinou o chão com ar pensativo. Uma veia roxa latejava no domo careca e redondo de seu crânio.

“A senhora fez exatamente o que eu lhe teria dito para fazer”, afirmou após um longo silêncio, “ou seja, tapar tudo com uma boa e grossa camada de tinta fresca e fechar a porta.” Ele bateu com o pé no chão, que exibia uma forte inclinação no meio e estava coberto por lajotas plásticas laminadas imitando madeira. “Não quero nem pensar o que tem por baixo desse piso”, falou.

Movimentos e murmúrios se fizeram ouvir do subsolo. No mínimo eu precisava fazer alguma coisa em relação ao piso, falei para o mestre de obras. Precisava de um isolamento acústico. Eu não tinha escolha: aquilo não podia ficar do jeito que estava.

Ele encarou o piso sem dizer nada, com os braços ainda cruzados, parecia refletir sobre o que eu havia acabado de dizer. Então foi até o centro da depressão e deu um pulinho. Na mesma hora, uma sequência enfurecida de batidas irrompeu lá embaixo. O mestre de obras deu uma risada chiada.

“O velho e bom cabo de vassoura”, falou.

Ele me encarou. Tinha olhos azuis pequenos e úmidos que viviam semicerrados, como se a luz lhes causasse dor, ou como se ele tivesse olhado vezes demais para coisas que não queria ver. Perguntou-me o que eu fazia da vida, e eu respondi que era escritora.

“Isso dá dinheiro?”, perguntou ele. “Para o bem da senhora, espero que dê, porque vou lhe dizer uma coisa, isto aqui é um ralo de dinheiro.” Tornou a andar até a janela, olhou para a parte do jardim que pertencia aos vizinhos e balançou a cabeça. “Tem gente que vive de cada jeito”, falou.

Contei-lhe que eu tinha conhecido a antiga moradora do meu apartamento na primeira vez em que o corretor me levara até lá para visitar. Ela estava terminando de empacotar suas coisas; levou um tempão para atender a porta.

Depois de algum tempo, eu a vi espiando pela fresta das cortinas de renda que protegiam a janela da frente. O corretor a chamou pela janela e disse quem éramos, e a convenceu a nos deixar entrar. Era uma mulher miúda, retraída e encarquilhada, cuja voz, quando falou, mal passava de um sussurro. Mas depois que o corretor foi embora, ela se mostrou mais receptiva. Estávamos num dos quartos do andar de cima; ela estava sentada na cama, com a parede manchada por trás. Perguntei como eram os moradores de baixo, e ela passou um bom tempo me olhando, com os olhos castanhos cansados, afundados e sem piscar dentro das órbitas enrugadas. A mulher é pior do que o homem, falou por fim. Os moradores da casa ao lado, acrescentou, eram pessoas gentis, pessoas boas — professores universitários, falou com orgulho. Sempre a tinham ajudado desde que os problemas com os vizinhos de baixo começaram. Seus olhos passearam pelo meu rosto com uma expressão avaliadora. Mas talvez com a senhora seja diferente, disse ela.

Perguntei-lhe para onde ela estava se mudando, e ela me disse que iria voltar para Gana; os filhos já tinham todos saído de casa e ido morar nos próprios apartamentos. Ela me perguntou se eu já estivera em Gana, e respondi que não. Lá é lindo, falou, e seu rosto se desencarquilhou e se ergueu. Ela havia passado todos aqueles anos sonhando sem parar com o país. Sua filha mais nova, uma menina chamada Jewel, fora a última a sair de casa, mas recentemente havia enfim concluído os estudos e se mudado. Tinha decidido estudar medicina — "leva muito, muito tempo!", exclamou a mulher, batendo com as mãos nas bochechas e se balançando para a frente e para trás na borda da cama em silenciosa hilaridade —, mas finalmente tinha terminado. A senhora está livre, falei para ela, e vi um pequeno sorriso surgir em seu rosto enrugado. Sim, disse ela, aquiescendo devagar enquanto o sorriso se alargava, estou livre.

"Coitada", disse o mestre de obras. "Mas pelo menos a senhora não pode dizer que ela não avisou."

Um cheiro horrível de carne começou a tomar conta da cozinha, e ele farejou o ar e fez uma careta.

"Imagino que isso seja o andar de baixo preparando o almoço", falou. Tornou a cruzar os braços grossos e peludos e tamborilou os dedos nos bíceps. "A senhora não vai melhorar as relações começando uma obra", falou.

Ele perguntou se eu tinha tido algum contato com os vizinhos desde que chegara — "tirando por código Morse", acrescentou, tornando a bater com o pé no chão. Dessa vez tinha batido com um pouco mais de força; um grito abafado soou lá embaixo acompanhado por uma espécie de grasnado, e então, pouco

depois, várias batidas vigorosas soaram em resposta. Eu lhe disse que assim que tínhamos nos mudado eu havia descido e batido na porta deles para me apresentar.

“E como é lá embaixo?”, perguntou ele. “Um inferno, imagino. Avaliando o pé-direito por fora, eles devem estar morando feito ratos numa mina de carvão.”

Na verdade, o mais perceptível tinha sido o cheiro. Eu havia tocado a campainha e ficado do lado de fora enquanto o cachorro latia sem parar, e até mesmo na soleira da porta a presença do animal era sufocante. Por fim, depois de um longo tempo, eu tinha escutado barulhos de movimentação lá dentro, e o homem com quem havia falado na rua abriu a porta.

“Quem é, John?”, perguntou uma voz de mulher lá de dentro. “John, quem é?”

Eles tinham sido relativamente corteses, falei, até eu mencionar meus filhos. A mulher em especial — Paula era seu nome — não se dera ao trabalho de disfarçar sua opinião. A senhora deve estar de brincadeira, me dissera devagar, sem nunca desviar os olhos dos meus. Estávamos na sala de estar do apartamento deles; tínhamos descido um corredor opressivo com um teto afundado e amarelado, do qual eu pudera ver de relance um quarto de dormir com um colchão no chão em meio a uma pilha de lençóis e cobertores imundos e garrafas vazias. A sala abarrotada parecia uma caverna; Paula estava sentada num sofá de veludo marrom. Era uma mulher obesa de físico avantajado, com cabelos grisalhos ressecados cortados curtos em volta do rosto. Seu corpo grande e flácido tinha um núcleo de violência inconfundível, que pude vislumbrar quando ela de repente se virou para dar um violento tapa no cão encarquilhado — que vinha latindo sem parar durante toda a minha visita — e fazê-lo voar até o outro lado da sala.

“Cale essa boca, Lenny!”, berrou ela.

Em meio ao entulho, reparei numa fotografia em preto e branco num porta-retratos em cima da televisão. Era a foto de uma mulher de maiô orgulhosamente em pé numa praia: uma mulher alta, bem-feita de corpo e atraente, e meus olhos não paravam de ser atraídos para aquela imagem, não apenas pelo alívio que ela proporcionava para a imundície ao redor, mas com uma sensação cada vez mais forte de que aquela mulher era conhecida, até finalmente perceber, pelo nariz arrebitado e o queixo pontudo ainda visíveis no rosto deformado à minha frente, que a mulher era Paula.

O homem, John, parecera levemente mais conciliador. Nós aguentamos anos disso, entende, disse ele com sua voz rouca. Sua pele tinha o tom cinza-azulado da falta de oxigênio, e os cabelos brancos estavam sujos; pelos brancos lhe

brotavam das orelhas e de diversas verrugas grandes no rosto. A mulher aquiesceu, com o queixo pontudo levantado e os lábios contraídos. Isso mesmo, John, disse ela. Anos e anos a fio, disse John. Esses africanos, a senhora não acredita no barulho que eles fazem. Conte para ela, John, disse a mulher, conte para ela. Depois disso ela se recusara a dizer qualquer outra coisa, e ficara sentada ali, com a boca fechada e o nariz erguido até eu ir embora. Falei para o mestre de obras que eu tinha aprendido a pisar do modo mais leve possível pela casa, mas que fora mais difícil incutir esse hábito nos meus filhos. Eles estavam acostumados a viver de um modo diferente, falei.

O mestre de obras permaneceu calado, pensativo.

"Eu sei reconhecer uma encrenca quando a vejo", disse ele por fim. Tivera dois infartos nos últimos dez anos. "E não quero ter um terceiro", falou.

Ele perguntou se mais alguém tinha orçado o serviço, e respondi que sim: um mestre de obras polonês que dirigia um carro de luxo e tinha um nome a zelar; e uma empresa de homens jovens, eficientes e de modos refinados, que tinham invadido a casa com seus jeans impecáveis e seus sapatos de camurça e digitado informações em seus laptops antes de confessar que estavam tão atarefados que não conseguiriam começar antes de um ano, no mínimo. Ele perguntou os valores e eu lhe disse. Então estreitou os olhos com a cabeça inclinada para trás.

"É preciso refazer a fiação e o reboco", disse ele. "E isto aqui", ele tornou a bater com o pé no chão, "vai ter de sair. Como eu disse, só Deus sabe o que vamos encontrar."

Ele falou que podia me dar uma estimativa de valor, mas que um serviço como aquele sempre envolvia custos adicionais. Faria o possível para garantir que não fossem altos; só queria ter certeza de que eu sabia em que estava me metendo, só isso. Enquanto falava, ele havia começado a andar pela cozinha, batendo em paredes, examinando batentes de janelas e se agachando para arrancar um pequeno pedaço de rodapé com uma chave de fenda para examinar atrás, o que provocou uma nova saraivada de batidas.

"Acredite, eu já vi uma porção de vizinhos na vida", disse ele por cima do ombro. "Com as pessoas morando amontoadas como acontece aqui, é natural."

Ele já tinha visto gente entrar em imóveis onde seus operários estavam trabalhando e tentar arrancar as ferramentas das suas mãos; tinha sofrido incontáveis ameaças, jurídicas e de outras naturezas; ouvira pessoas o culparem por seus infortúnios, por suas doenças e colapsos nervosos, às vezes pela sua vida inteira, porque tem gente — ele apontou para o chão sob nossos pés — que nunca assume responsabilidade e vive atrás de outro alguém em quem pôr a

culpa. E por mais óbvio que pudesse parecer que ele não era merecedor dessa culpa, que era apenas o representante dos objetivos e desejos de outra pessoa e só estava fazendo o seu trabalho, mesmo assim ficava na linha de tiro.

"A senhora se importa se eu der uma olhada lá atrás?", perguntou.

Ele saiu para a minha metade do jardim a fim de examinar os fundos da casa. Quando abriu a porta, uma nuvem de pombos assustados bateu as asas e levantou voo no ar à nossa volta ao som de estalos e pios. O mestre de obras levou a mão ao peito.

"Quase morro de susto", falou, desculpando-se com uma risada chiada.

O alvoroço de aves de cor suja tornou a se acomodar pesadamente nos peitoris das janelas e nos canos que ziguezagueavam pela parede de tijolos.

"Jesus do céu", disse o mestre de obras, estreitando os olhos. "São centenas. Detesto pombos", disse, e estremeceu. "Bichos horrorosos."

Era verdade que havia algo de malévolo no modo como as aves se aglomeravam nos lugares em que ficavam empoleiradas, à espera. Muitas vezes se estranhavam, bicando e empurrando umas às outras até se erguerem no ar batendo as asas para em seguida lutar freneticamente para reocupar um espaço. As casas de um lado e de outro pareciam fingir ignorar a imundície que havia entre elas: dali era possível distinguir suas fachadas traseiras tranquilas e recém-pintadas, que davam para jardins arrumados com churrasqueiras, móveis de exterior e canteiros de flores perfumados. No verão, eu muitas vezes ficara sentada na cozinha já perto do anoitecer observando os vizinhos da casa ao lado, cujo jardim dava para vislumbrar pela janela: eram uma família, e nas noites mais quentes com frequência jantavam do lado de fora, com as crianças correndo e rindo até tarde pelo gramado e os adultos sentados à mesa bebendo vinho. Às vezes eles falavam inglês, mas na maioria das vezes falavam francês ou alemão; recebiam muitos amigos, e frequentemente, sentada no escuro naquele cômodo desconhecido ouvindo o burburinho estrangeiro das suas conversas, eu ficava confusa e esquecia onde estava e em que fase da vida me encontrava. A luz da janela do subsolo recaía sobre o sórdido jardim e lhe dava o aspecto fantasmagórico de uma ruína ou de um cemitério, com o anjo negro espectral a se erguer no centro. Parecia muito estranho aqueles dois extremos — o repugnante e o idílico, a morte e a vida — poderem estar a poucos metros um do outro e permanecerem mutuamente intactos.

À direita do meu jardim ficava o dos professores universitários, cujo projeto geométrico de caminhos de cascalho, estátuas abstratas e plantas frondosas e esotéricas sugeria pensamento e contemplação. Às vezes eu via um ou outro

sentados num banco na sombra, lendo. Eles tinham falado comigo uma vez, por cima da cerca, e perguntado se eu me importaria em lhes dar algumas das minhas maçãs, como costumava fazer a minha antecessora. Ao que parecia, a triste macieira do meu jardim era da variedade Bramley. Produzia frutas surpreendentemente saborosas: ela sempre lhes dava uma quantidade generosa, que lhes permitia fazer tortas o inverno inteiro.

"A senhora não facilitou a própria vida, isso eu posso dizer", comentou o mestre de obras quando tornou a entrar. "Como eu falei, isto aqui é dor de cabeça certa." Ele me olhou com um ar intrigado. "É uma pena a senhora ter de passar por tudo isso", falou. "Sempre se pode pôr o imóvel à venda outra vez e deixar algum outro bobo comprar. Compre alguma coisa num agradável prédio novo — sobrariam uns bons trocados, acredite, quando tiver terminado a obra aqui."

Perguntei-lhe onde morava, e ele respondeu que morava em Harringey com a mãe. Não era ideal mas, para ser sincero, quando você passava o dia inteiro trabalhando nas casas dos outros, não sobrava muita energia para se interessar pela sua. Ele e a mãe se davam bem; ela não se importava em lhe preparar uma refeição para a noite, e a sua dieta já era ruim o suficiente, sem falar na falta de exercício. A senhora poderia pensar que a construção é uma profissão exigente fisicamente, falou, mas eu passo o tempo inteiro dentro da minha van. Quando era mais jovem, ele tinha sido do Exército — devia a isso qualquer boa forma física que ainda lhe restasse. Agora que o seu coração estava capenga, tinha começado a pensar na saúde.

"Se é que se pode chamar isso de pensar", falou, "ficar deitado na cama à noite apavorado durante os trinta segundos que você leva para apagar depois de um dia de trabalho."

Pela parede da cozinha vinham os sons hesitantes de um trombone, como sempre acontecia àquela hora do dia: era a filha da família internacional da casa vizinha, que sempre praticava seu instrumento com tamanha monotonia e regularidade que cheguei a aprender de cor os erros que cometia.

"São essas construções com paredes de uma camada só", disse o mestre de obras, balançando a cabeça. "Tudo que é som passa direto."

Perguntei-lhe quando ele tinha deixado o Exército, e ele disse que fazia mais ou menos quinze anos. Tinha visto algumas coisas durante o serviço militar, como se podia imaginar, mas por mais complexas que essas situações se tornassem — mesmo durante seus períodos no exterior —, os elementos que as compunham eram basicamente conhecidos para ele. O que vira em seus anos

como mestre de obras, por sua vez, era em grande parte um território desconhecido.

"Sem querer insinuar nada", disse ele, virando-se e olhando pela janela com os braços cruzados, "quando se está na casa das pessoas todos os dias, você aprende muito sobre a vida delas. E o mais engraçado", disse ele, "é que por mais constrangidas que as pessoas sejam no início, por mais que comecem mantendo as aparências, depois de uma semana ou duas elas esquecem que você está lá, não no sentido de que você se torna invisível — é difícil ser invisível quando se está derrubando divisórias com um martelo", disse ele com um sorriso, "mas elas esquecem que você pode vê-las e escutá-las."

Eu disse que devia ser interessante poder ver as pessoas sem que elas vissem você. Parecia-me que as crianças muitas vezes eram tratadas assim, como testemunhas cuja presença de alguma forma não era levada em conta.

O mestre de obras deu uma risada melancólica.

"Verdade", disse ele. "Pelo menos até começar o divórcio. Aí todo mundo fica atrás delas para ganhar seu voto."

De certa forma, retomou depois de algum tempo, sentia que os clientes às vezes esqueciam que ele era uma pessoa; em vez disso, ele se tornava em certo sentido uma extensão dos seus próprios desejos. Muitas vezes eles começavam lhe pedindo para fazer coisas, como se costuma fazer com os criados, coisas em geral triviais, mas às vezes tão pretensiosas que ele começava a duvidar que tinha escutado direito. Tinham lhe pedido para passear com cachorros e ir buscar roupas no tintureiro, para desentupir privadas, e certa vez — ele sorriu — para tirar as botas de uma senhora, porque estavam tão apertadas que ela mesma não conseguia tirar. Ninguém nunca tinha lhe pedido literalmente — com o perdão da expressão — para limpar sua bunda, mas ele não duvidava que isso fosse uma possibilidade. É claro que isso também acontece no Exército, acrescentou. Quando você põe pessoas numa posição de poder em relação a outras pessoas, disse ele, não há como prever o que elas farão. Mas o equilíbrio de poder é diferente, disse ele, porque por mais que os seus clientes possam odiar você e se ressentir de você, eles também precisam de você, pelo simples motivo de que não sabem fazer o que você faz.

"Minha avó era empregada doméstica", disse ele, "e lembro que ela dizia que o que mais a deixava assombrada era a quantidade de coisas que as pessoas não conseguiam fazer elas mesmas. Não conseguiam acender uma lareira nem cozinhar um ovo — não conseguiam sequer se vestir. Pareciam crianças, dizia ela. Embora no seu caso", acrescentou, "ela nunca sequer tenha sabido o que era

ser criança.”

Ele conhecia vários mestres de obras, prosseguiu, que tinham chegado a uma situação de desrespeito fundamental em circunstâncias como aquelas; a perda do sentimento de solidariedade podia tornar a pessoa perigosa. Alguém como a senhora, disse-me ele, não quer cair nas mãos de uma pessoa assim. Mas havia uma indiferença, quase um *ennui*, que também era perigosa e advinha do excesso de realização das visões e sonhos dos outros: às vezes era exaustivo estar sempre à mercê das obsessões dos clientes, ser o instrumento do seu desejo ao mesmo tempo que se permanecia o guardião da possibilidade. Ele chegava em casa após um dia removendo ladrilhos novinhos em folha que ele próprio havia instalado poucos dias antes porque o cliente tinha decidido que eram da cor errada, ou depois de horas construindo um boxe que deveria reproduzir a experiência de estar na natureza debaixo de uma cachoeira, e constatava que mal tinha energia para cuidar de si mesmo ou das próprias coisas. Havia removido cozinhas inteiras que ele próprio jamais teria podido pagar e jogado fora; havia instalado pisos de madeira tão caros que o cliente ficara em pé ao seu lado enquanto ele trabalhava, dizendo-lhe para tomar cuidado. E ainda havia os clientes que não faziam a menor ideia do que queriam, que desejavam alguém para lhes dizer, como se os seus anos de trabalho o tivessem transformado em algum tipo de especialista. É engraçado, disse ele, mas quando alguém pede a minha opinião, ou então me pergunta como eu reformaria algum lugar se pudesse decidir, cada vez mais imagino morar num lugar totalmente vazio, em que todos os ângulos fossem retos, as quinas quadradas, e onde não existisse nada, nem cores nem detalhes, talvez nem mesmo luz. Mas em geral não falo isso para os clientes, disse ele. Não gostaria que eles pensassem que eu não estou nem aí.

Ele olhou para o relógio graúdo em seu pulso e disse que precisava ir embora: tinha deixado a van estacionada na rua, e sabia como eram os guardas de trânsito por ali. Acompanhei-o até a rua, que estava silenciosa sob a tarde cinza. Passamos alguns instantes no pé da escada olhando juntos para a casa, que vista de fora era igualzinha a todas as outras casas da rua. Compactas construções vitorianas de três andares feitas de tijolo cinza, cada qual com um lance de escada que subia até a porta da frente e outro que descia para o subsolo. A porta do subsolo ficava diretamente abaixo da porta da frente, fazendo os degraus formarem um espaço semelhante a um túnel em volta da entrada, como a boca de uma caverna. No térreo, que ficava um pouco acima do nível do chão e se projetava ligeiramente para fora, as casas tinham janelas arredondadas, e quando você ficava em pé junto a elas tinha a sensação de estar suspenso no espaço

acima da rua. Algumas casas adiante, uma mulher nos observava.

“Daqui deste lado não parece tão ruim, não é?”, disse o mestre de obras. “Quase não dá para notar.”

Ele ficou ali em pé, chiando, com as mãos no quadril. Disse que acabara de ter uma obra cancelada, então se eu quisesse poderia mandar dois de seus operários para a minha casa agora mesmo. Caso contrário, provavelmente só no Natal. Deu-me a sua estimativa, que era exatamente a metade do que os outros mestres de obras tinham orçado. Durante algum tempo, seus olhos estreitos subiram e desceram pela fachada, como se procurassem algo que talvez houvessem deixado passar, algum sinal ou pista do que estava por vir. Eles se fixaram acima da porta da frente, onde havia um curioso detalhe moldado no gesso branco, um rosto humano. Todas as casas os tinham: os rostos eram todos diferentes, alguns femininos, outros masculinos; tinham os olhos levemente voltados para baixo, como se interrogassem a pessoa na soleira da porta. A casa ao lado tinha uma mulher com tranças de donzela enroladas elaboradamente em volta da cabeça; a minha tinha um homem de gesso branco com as sobrancelhas grossas, a testa proeminente e uma comprida barba pontuda. Ele tinha, ou pelo menos foi isso que eu disse a mim mesma, algo de paternalista e semelhante a Zeus. Ficava olhando lá de cima como a figura barbada de Deus, num quadro religioso, observa a confusão lá embaixo.

O mestre de obras me disse que seus operários iriam chegar pontualmente às oito horas da manhã de segunda-feira. Eu deveria embalar tudo que não quisesse que estragasse. Com sorte, ele ajeitaria a casa em poucas semanas. Baixou os olhos para o subsolo, onde a janela atarracada era protegida por sujas cortinas de renda. Podia-se ouvir debilmente o barulho do cachorro latindo lá dentro.

“Mas isso daí não tem conserto”, disse ele.

Perguntou se eu conseguiria arrumar outro lugar para ficar com tão pouca antecedência. A casa passaria algum tempo como um canteiro de obras: haveria muita poeira e muita bagunça, principalmente no começo. Eu disse não ter certeza do que iria fazer, mas meus filhos provavelmente poderiam ficar com o pai. Seus olhos estreitos se voltaram para o meu rosto.

“Então ele mora aqui perto, é?”, perguntou ele.

Se a questão das crianças estivesse resolvida, continuou, provavelmente conseguiríamos dar um jeito. O nível de ansiedade de todo mundo ficaria bem reduzido. Ele poderia deixar um dos quartos para o fim; quando todo o resto estivesse terminado, eu poderia me mudar para outro quarto enquanto esse último estivesse sendo reformado. Ele abriu a porta da sua van e subiu. Vi que a

cabine do motorista estava repleta de copos de café vazios, embalagens de comida velhas e pedaços de papel. Como falei, disse o mestre de obras com tristeza, meu trabalho requer muitas horas no carro. Às vezes ele passava o dia inteiro na van e fazia todas as três refeições lá dentro. Você acaba sentado em cima do próprio lixo, falou, balançando a cabeça. Deu a partida no motor e fechou a porta, então baixou a janela ao mesmo tempo que se afastava do meio-fio.

“Segunda-feira às oito”, falou.

Perguntei a Dale se ele poderia tentar se livrar do cinza.

Escurecia lá fora, e a chuva que batia nas grandes janelas do salão de cabeleireiro parecia tinta escorrendo por papel. O tráfego se arrastava pela rua enegrecida do outro lado. Todos os carros estavam de farol aceso. Em pé atrás de mim no espelho, Dale levantava compridos punhados de cabelo seco e os deixava cair em seguida. Seus olhos corriam por todo o meu reflexo com uma expressão de quem devora. Seu semblante era grave, e eu o observei no espelho.

“Umas luzes não cairiam nada mal”, disse ele num tom de reprovação.

A outra cabeleireira, em pé atrás de um cliente na cadeira ao lado, semicerrou as longas pálpebras sonolentas e sorriu.

“Eu faço no meu”, disse ela. “Muita gente faz.”

“Estamos falando de um compromisso”, disse Dale. “Você precisa refazer de seis em seis semanas. É uma pena de prisão perpétua”, acrescentou ele, sombrio, encarando meus olhos no espelho. “Só estou dizendo que você precisa ter certeza.”

A outra cabeleireira me olhou de esguelha com seu sorriso preguiçoso.

“Muita gente não acha isso um problema”, disse ela. “A vida dessas pessoas é quase toda compromissos, mesmo. Pelo menos, se é algo que faz você se sentir bem, já é alguma coisa.”

Dale perguntou se os meus cabelos já tinham sido tingidos alguma vez. Ao que parecia, a tinta podia se acumular, deixando o cabelo sem vida e com um aspecto sintético. As pessoas compravam caixas e mais caixas daqueles kits de tingimento caseiro à procura de um tom semelhante ao natural, e tudo que estavam fazendo era deixar os cabelos cada vez mais parecidos com uma peruca emplastrada. Mas pelo visto isso era preferível a fios brancos naturais. Na verdade, disse Dale, no que dizia respeito a cabelos, o falso em geral parecia mais verdadeiro do que o real: contanto que o que as pessoas vissem no espelho não fosse produto da natureza, a maioria não parecia se importar que os seus cabelos ficassem iguais aos de um manequim de vitrine. Embora ele tivesse uma cliente, uma senhora mais velha, que usava os cabelos grisalhos soltos até a

cintura. Assim como a barba de um ancião, os cabelos dela pareciam ser a sua sabedoria: essa senhora tinha um porte de rainha, falou, e irradiava poder na forma daquela juba cinza. Ele tornou a levantar com as duas mãos os meus cabelos, segurando-os e em seguida deixando-os cair, enquanto nos encarávamos no espelho.

“Estamos falando sobre a sua autoridade natural”, disse ele.

A mulher da cadeira ao lado estava lendo a revista *Glamour* com um semblante inexpressivo, enquanto os dedos da outra cabeleireira se agitavam na sua cabeça repleta de intrincados papelotes prateados, pintando cada mecha e dobrando-a com cuidado até criar um embrulho de alumínio bem-feito. A profissional era diligente e cuidadosa, embora a cliente não tenha erguido o rosto sequer uma vez para olhar.

O salão era um recinto de pé-direito alto, branco, fortemente iluminado, com tábuas pintadas de branco no piso e móveis barrocos estofados de veludo. Os espelhos altos tinham molduras pintadas de branco, entalhadas de modo elaborado. A luz provinha de três grandes lustres com muitos braços pendurados no teto e duplicados em reflexo por toda a volta das paredes espelhadas. Ficava numa sequência de lojas desenxabidas, lanchonetes de fast-food e lojas de ferragens. A grande vitrine de vidro temperado às vezes chacoalhava quando um veículo pesado passava lá fora.

No espelho, a expressão de Dale continuava a mesma. Os cabelos dele eram um topete escuro e rebuscado de cachos riscados de cinza. Ele tinha algo em torno de quarenta e poucos anos, era alto e delgado, com o porte elegante e ereto de um bailarino. Vestia um suéter escuro e justo que permitia detectar um indício de barriga acima dos quadris esbeltos.

“Não engana ninguém, sabe?”, disse ele. “Só deixa claro que você tem alguma coisa a esconder.”

Falei que isso me parecia preferível a ter o que você queria esconder à vista de todos.

“Por quê?”, indagou Dale. “O que tem de tão horrível em parecer o que se é?”

Eu não sabia, falei, mas evidentemente era algo que muitas pessoas temiam.

“Nem me diga”, disse Dale com desânimo. “Muitas”, continuou ele, “dizem que é porque o que veem no espelho não se parece com elas. Eu lhes pergunto: por quê? Digo que elas precisam não de uma tintura, e sim de uma mudança de atitude. Acho que é a pressão”, disse Dale. “O que deixa as pessoas com medo”, falou ele, erguendo a parte de trás dos meus cabelos para olhar lá embaixo, “é não serem desejadas.”

Do outro lado do recinto, a grande porta de vidro se abriu com um sacolejo e um menino de doze ou treze anos entrou, saído da escuridão. Deixou a porta entreaberta, e o úmido ar frio e o barulho ensurdecedor do tráfego entraram em grandes rajadas no salão aquecido e claro.

“Pode fechar a porta, por favor?”, pediu Dale num tom irritado.

O menino ficou parado, petrificado, com uma expressão de pânico no rosto. Estava sem casaco e usava apenas a camisa e a calça cinza de um uniforme escolar. Tinha a camisa e os cabelos molhados pela chuva. Segundos depois, uma mulher entrou atrás dele pela porta aberta e a fechou com cuidado atrás de si. Era muito alta e angulosa, dona de um rosto largo e chato de aspecto cinzelado e cabelos cor de mogno aparados com esmero num corte curto que batia exatamente na linha quadrada do maxilar. Seus olhos grandes se moveram depressa pelo recinto no seu rosto que parecia uma máscara. Ao vê-la, o menino ergueu a mão para colar os próprios cabelos de lado na testa. Ela passou alguns instantes parada, alerta em seu casaco de lã que lembrava o de um soldado, tentando pressentir algum perigo, então disse ao menino:

“Vá lá. Diga o seu nome a eles.”

O menino a encarou com uma expressão de súplica. Sua camisa estava aberta no pescoço, e dava para ver um pedaço do peito ossudo. Os braços pendiam nas laterais do corpo, com as palmas abertas num gesto de quem protesta.

“Vá lá”, repetiu ela.

Dale perguntou se eu estava pronta para lavar os cabelos; enquanto isso, ele passaria os olhos pelos catálogos de cores para ver se conseguia encontrar o tom certo. Nada muito fechado, falou; estou pensando mais em castanhos e ruivos, alguma coisa mais aberta. Mesmo que essa não seja a sua cor natural, disse ele, acho que assim vai ficar mais verdadeiro. Ele chamou a moça que estava varrendo o chão e disse que tinha uma cliente pronta para o lavatório. A moça automaticamente parou de varrer e encostou a vassoura na parede.

“Não deixe isso aí”, falou Dale. “Alguém pode tropeçar e se machucar.” De modo igualmente automático, ela deu meia-volta, pegou a vassoura e ficou parada com ela na mão.

“Dentro do armário”, disse Dale com cansaço. “Ponha dentro do armário.”

Ela se afastou e voltou de mãos vazias, então veio se postar junto à minha cadeira. Levantei-me e desci atrás dela alguns degraus até a alcova quente e escura onde ficavam os lavatórios. Ela amarrou uma capa de náilon em volta dos meus ombros, então cobriu a borda da pia com uma toalha para que eu inclinasse a cabeça para trás.

“Está bom assim?”, perguntou.

A água saiu num jato, alternadamente quente e fria. Fechei os olhos e me pus a acompanhar as sucessões e os retornos, o deslocamento de uma temperatura por outra e logo seu restabelecimento. A moça esfregou xampu na minha cabeça com dedos hesitantes. Depois passou um pente pelos meus cabelos, e fiquei aguardando como se estivesse esperando alguém destrinchar um problema de matemática.

“Pronto”, disse ela por fim, recuando para longe do lavatório.

Agradeci-lhe e voltei para o salão, onde Dale estava entretido misturando uma pasta numa tigela de plástico rosa com um pequeno pincel. O menino agora estava sentado na cadeira ao lado da minha, e a mulher que lia a *Glamour* tinha ido se refugiar, com os cabelos ainda envoltos pelas trouxinhas de papel-alumínio, no sofá junto à janela, onde seguia virando as páginas de modo inexpressivo, uma depois da outra. Ao seu lado estava sentada a mulher que havia entrado com o menino. Ela digitava na tela do smartphone; tinha um livro aberto sobre os joelhos. A outra cabeleireira conversava com a recepcionista, cotovelo apoiado no balcão da recepção e com uma xícara de café ao lado.

“Sammy”, chamou Dale, “seu cliente está esperando.”

Sammy trocou mais algumas observações com a recepcionista, então caminhou de volta até a cadeira.

“Então”, disse ela, pondo as mãos nos ombros do menino e o fazendo se encolher involuntariamente. “O que vai ser, afinal?”

“Você já teve a sensação”, disse-me Dale, “de que, se não estivesse lá para fazer as coisas acontecerem, tudo simplesmente iria por água abaixo?”

Falei que para mim o oposto parecia acontecer com igual frequência: alguns podiam se tornar mais capazes quando a pessoa em quem confiavam para lhes dizer o que fazer não estava presente.

“Então eu devo estar fazendo alguma coisa errada”, disse Dale. “Este pessoal aqui não seria capaz nem de encher uma banheira de água sem a minha ajuda.”

Ele pegou um grampo prateado no meio de um conjunto de outros iguais e o prendeu numa mecha dos meus cabelos. A tinta teria de permanecer no cabelo por no mínimo meia hora, falou; torcia para eu não estar com pressa. Pegou um segundo grampo e isolou outra mecha. Fiquei observando seu rosto no espelho enquanto ele trabalhava. Ele pegou um terceiro grampo e o segurou entre os lábios enquanto separava uma mecha de outra.

“Na verdade, eu mesmo não estou com essa pressa toda”, falou, depois de um breve intervalo. “Meu compromisso para hoje à noite acabou de ser cancelado.

Por sorte, pensando bem”, arrematou ele.

Sentado na cadeira ao lado, o menino se encarava no espelho com interesse.

“Como vai querer?”, perguntou-lhe Sammy. “Moicano? Raspado?”

Ele moveu os ombros numa espécie de espasmo e olhou para o outro lado. Tinha um rosto suave e amarelado, com um nariz comprido e arredondado que o deixava com uma expressão ruminativa. Um estranho sorriso secreto não parava de ameaçar surgir na sua boca rosada e carnuda. Por fim, ele murmurou alguma coisa, tão baixinho que quase não deu para escutar.

“O que você disse?”, perguntou Sammy.

Ela abaixou a cabeça na sua direção, mas ele não repetiu.

“Por estranho que isso possa parecer, fiquei bastante aliviado”, ia dizendo Dale. “E é uma pessoa de quem eu gosto muito.” Ele fez uma pausa enquanto isolava uma mecha de cabelo com um grampo. “É que ultimamente venho tendo cada vez mais essa sensação”, ele se deteve para prender outra mecha, “de que não vale a pena tanto esforço.”

Não vale a pena tanto esforço para quê, perguntei.

“Ah, sei lá”, disse ele, “vai ver é só uma coisa da idade. É que eu sinto que não vale gastar esse tempo.”

Houve uma época, continuou ele, em que a perspectiva de passar uma noite sozinho o teria deixado apavorado, na realidade teria parecido tão intimidadora que ele teria ido a qualquer lugar e feito qualquer coisa só para evitar isso. Mas agora constatava que preferia estar sozinho.

“E se os outros tiverem algum problema com isso”, falou, “então não vale a pena gastar tempo com eles.”

Observei sua silhueta escura no espelho, a meticulosidade dos dedos velozes, a concentração no rosto comprido e estreito. Atrás dele, a recepcionista se aproximou com um telefone na mão. Bateu de leve no seu ombro e lhe estendeu o aparelho.

“Para você”, falou.

“Peça para deixarem recado”, disse Dale. “Estou com cliente.”

A recepcionista tornou a se afastar e ele revirou os olhos.

“Eu insisto em acreditar que este é um trabalho criativo”, falou. “Mas às vezes fico em dúvida.”

Ele conhecia bastante gente criativa, retomou depois de algum tempo. Tinha um amigo em especial, bombeiro hidráulico, que no seu tempo livre fazia esculturas. Essas esculturas eram feitas integralmente de materiais que ele usava no seu trabalho como bombeiro: pedaços de cano, válvulas e arruelas, ralos,

sifões, qualquer coisa. Ele tinha uma espécie de maçarico que usava para aquecer o metal e dobrá-lo em diferentes formatos.

“Ele faz as esculturas na garagem”, disse Dale. “Na verdade, são bem legais. O problema é que só consegue fazê-las quando está doidão.”

Ele pegou uma nova mecha de cabelo e começou a prender os grampos ao redor.

Doidão de quê, disse eu.

“Cristal”, disse Dale. “No restante do tempo ele é um cara bastante normal. Mas, como eu disse, nas horas vagas fica alucinado de cristal e se tranca na garagem. Diz que às vezes acorda no chão da garagem de manhã e vê ao seu lado uma coisa que criou, e não tem lembrança nenhuma de ter criado aquilo. Não se lembra de absolutamente nada. Deve ser estranho mesmo”, disse Dale, posicionando o último grampo com dedos que pareciam pinças. “Como ver uma parte invisível de si mesmo.”

Ele gostava dos amigos que tinha — achava que talvez tivesse me passado a impressão errada mais cedo —, embora conhecesse muita gente que ainda se comportava aos quarenta como costumava se comportar aos vinte e cinco; na verdade, achava isso ligeiramente deprimente, o espetáculo de homens feitos se jogando no fervo, ainda enfiando coisas nariz adentro e rodopiando feito noivas em pistas de dança lotadas; pessoalmente, ele tinha mais o que fazer.

Endireitou-se e examinou o próprio trabalho no espelho, com os dedos pousados de leve nos meus ombros.

“A verdade é que esse tipo de vida”, falou, “as festas, as drogas, a viração de noites, tudo isso é basicamente uma repetição. Não leva a lugar nenhum e nem se espera que o faça, pois o que isso representa é a liberdade.” Ele pegou a tigela de plástico rosa e mexeu o conteúdo com o pincel. “E para permanecer livre”, disse ele, revestindo o pincel com a espessa pasta marrom, “é preciso rejeitar a mudança.”

Perguntei-lhe o que ele queria dizer com isso, e ele passou alguns instantes com os olhos fixos nos meus pelo espelho, o pincel suspenso no ar. Então tornou a desviar os olhos, pegou uma mecha de cabelo e começou a aplicar a pasta ali com pinceladas cuidadosas.

“Bom, é verdade, não é?”, falou, com certa petulância.

Eu disse que não tinha certeza: quando as pessoas se libertavam, em geral forçavam todas as outras a mudar também. Mas isso não significava necessariamente que permanecer livre era permanecer igual. Na verdade, a primeira coisa que as pessoas às vezes faziam com a sua liberdade era encontrar

outra versão daquilo que as aprisionava. Em outras palavras, não mudar as privava daquilo que elas haviam se esforçado tanto para conquistar.

“É meio como uma porta giratória”, disse Dale. “Você não está do lado de dentro nem do lado de fora. Pode ficar dentro da porta dando voltas e mais voltas pelo tempo que quiser, e enquanto estiver fazendo isso pode dizer que está livre.” Ele pôs de lado a mecha de cabelo tingida e começou a pintar outra. “Só estou dizendo que a liberdade é supervalorizada, só isso”, disse ele.

Ao nosso lado, Sammy corria os dedos por entre os cabelos escuros e despenteados do menino, avaliando a textura e o comprimento, enquanto ele, alarmado, olhava de banda. Suas mãos agarravam os braços da cadeira. Ela jogou os cabelos primeiro para um lado, depois para o outro, enquanto o examinava com atenção no espelho, então pegou o pente e fez um repartido preciso no meio. O menino na mesma hora fez uma cara aflita, e Sammy riu.

“Vou deixar assim, que tal?”, disse ela. “Não precisa entrar em pânico, estou brincando. É só para eu conseguir o mesmo comprimento dos dois lados. Você não vai querer sair por aí com os cabelos de comprimentos diferentes, vai?”

O menino tornou a desviar os olhos sem dizer nada.

“Como é que se diz mesmo”, disse Dale, “quando você tem um daqueles grandes clarões de compreensão que mudam o modo como vê as coisas?”

Falei que não tinha certeza; algumas palavras diferentes me vinham à mente.

Dale agitou o pincel com irritação.

“Algo a ver com uma estrada”, falou.

A estrada para Damasco, falei.

“Eu tive um momento estrada para Damasco”, disse ele. “No Réveillon do ano passado, imagine. Detesto o Réveillon. Isso fez parte, me dar conta de que eu realmente detestava o Réveillon.”

Um grupo de amigos estava no seu apartamento, disse ele. Estavam se aprontando para sair, e ele começou a pensar no fato de que detestava aquilo, e a pensar que todos os outros também deviam detestar, mas que ninguém estava disposto a dizer isso. Quando todo mundo já estava de casaco, ele anunciou que tinha decidido ficar em casa.

“De repente, eu simplesmente não consegui mais fazer aquele esforço”, disse ele.

Por que não, perguntei.

Ele passou um bom tempo sem responder, pintando as mechas de cabelo uma depois da outra até eu pensar que ou não tinha escutado a minha pergunta, ou então a estava ignorando de propósito.

“Eu estava ali sentado no meu sofá”, falou, “e de repente aconteceu, simples assim.”

Ele agitou o pincel dentro da tigela, tornando a cobrir os dois lados cuidadosamente com a pasta marrom.

“Foi um cara lá”, disse ele. “Eu na verdade não o conhecia. Ele estava sentado cheirando as carreiras que tinha esticado com cuidado para si mesmo em cima da mesa de centro. De repente senti muita pena daquele cara. Não sei por quê”, disse Dale. “Ele tinha perdido todo o cabelo, coitado.”

Ele soltou uma nova mecha de cabelo e começou a pintá-la. Fiquei observando o modo como distribuía a pasta por todos os fios com pinceladas uniformes. Começava pela raiz, mas ia ficando mais meticuloso conforme se afastava, como se houvesse aprendido a resistir à tentação de concentrar seus esforços ali no início.

“Ele tinha um rostinho meio rechonchudo”, disse Dale, fazendo uma pausa com o pincel no ar. “Deve ter sido por causa da combinação da calvície com o rosto engraçado. Pensei: esse cara parece um neném. O que um neném está fazendo sentado no meu sofá cheirando pó? E depois que comecei a ver a situação desse jeito, não consegui mais parar. De repente, era como se todos eles fossem assim. Foi meio como uma viagem de ácido”, disse ele, tornando a mergulhar o pincel na tigela, “se é que eu consigo me lembrar dessa época.”

Sammy havia começado a cortar cuidadosamente os cabelos do menino com uma tesoura.

“Mas então, de que tipo de coisa você gosta?”, ela lhe perguntou.

Ele deu de ombros de leve, com o sorriso secreto nos lábios.

“De futebol?”, disse ela. “Ou de, como é que se diz… de Xbox? Todos os meninos gostam disso, né? Você joga Xbox com os seus amigos?”

O menino deu de ombros outra vez.

Todo mundo obviamente achou que ele tivesse enlouquecido de vez, continuou Dale, por querer ficar em casa enquanto todos saíam para dançar. Ele teve de fingir que estava passando mal. Antigamente isso o teria deixado apavorado, a perspectiva de passar a noite de Ano-Novo sozinho, mas nesse dia ele não via a hora de se livrar dos outros. De repente, sentiu ter desvendado aquilo, ter desvendado todos eles. O que havia percebido nesse momento damasceno era que as pessoas ali na sua sala — ele inclusive — não eram adultos: eram crianças em corpos que cresceram muito depressa.

“E não estou querendo bancar o superior ao dizer isso”, disse ele.

“A minha filha tem mais ou menos a sua idade”, estava dizendo Sammy ao

menino da cadeira ao lado. “Quantos anos você tem, onze, doze?”

O menino não respondeu.

“Você parece ter mais ou menos a idade dela”, disse Sammy. “Ela e as amigas agora só pensam em maquiagem e garotos. Parecem meio novinhas para já estarem assim, né? Mas não há o que fazer. O problema com as meninas é que elas não têm tantos hobbies quanto os meninos”, continuou ela. “Não têm tantas coisas para fazer. Ficam sentadas conversando, enquanto os meninos saem para jogar futebol. Você não acredita em como as relações delas já são complicadas”, disse ela. “É de tanto falar: se elas estivessem lá fora correndo, não teriam tempo para essa política toda.” Ela se movimentou por trás da cadeira dele, sem parar de cortar. “As meninas podem ser bem cruéis, né?”

O menino olhou na direção da mulher com quem tinha entrado. Ela havia largado o telefone e agora estava lendo o seu livro.

“Aquela ali é a sua mãe?”, disse Sammy.

O menino aquiesceu.

“Ela deve achar você calado”, disse Sammy. “A minha filha não cala a boca nunca. Pode ficar com a cabeça parada, por favor?”, acrescentou ela, fazendo uma pausa no ar com a tesoura. “Não consigo cortar se você não parar de mexer a cabeça. Não”, prosseguiu ela, “minha filha não cala a boca nunca. Passa o dia inteiro falando, de manhã até a noite, no telefone com as amigas.”

Enquanto ela falava, o menino movia os olhos para cima e para baixo e de um lado para outro, embora a cabeça continuasse imóvel, como se ele estivesse fazendo um teste oftalmológico.

“Na sua idade o mais importante são os amigos, né?”, disse Sammy.

Agora já estava totalmente escuro lá fora. Dentro do salão, todas as luzes estavam acesas. Uma música tocava, e ouvia-se o ronco débil do tráfego na rua. Numa das paredes havia uma grande estante de prateleiras de vidro nas quais produtos para cabelos eram oferecidos em fileiras imaculadas para a venda, e quando um caminhão passou perto demais do lado de fora a estante estremeceu de leve, os vidros e os frascos chacoalharam. O recinto tinha virado uma câmara fulgurante de superfícies refletoras ao mesmo tempo que o mundo lá fora se tornava opaco. Para todo lado que se olhasse, havia apenas o reflexo do que já estava lá. Muitas vezes eu havia passado pelo salão no escuro e olhado pela vitrine. Da escuridão da rua, aquilo era quase um teatro, com os personagens se movendo sob a luz forte do palco.

Depois desse episódio, disse Dale, ele teve uma fase durante a qual, sempre que via ou falava com alguém conhecido — e cada vez mais com pessoas que

não conhecia, clientes ou estranhos na rua —, era literalmente atormentado por essa sensação de que eles eram crianças em corpos de adulto. Via isso nos seus gestos e maneirismos, na sua competitividade, na sua ansiedade, na sua raiva e na sua alegria, e mais do que tudo nas suas necessidades, tanto físicas quanto emocionais: até mesmo os seus conhecidos que tinham parcerias estáveis — relacionamentos que ele antes invejava pelo companheirismo e pela intimidade — agora lhe pareciam não passar de melhores amigos no parquinho. Ele passou semanas envolto numa espécie de bruma de dó pela raça humana, "como um sujeito da Idade Média vagando com roupas de penitente e tocando uma sineta". Foi bem debilitante, falou: havia dias em que chegava a se sentir fisicamente fraco e mal conseguia se arrastar até o salão. As pessoas pensavam que ele estivesse deprimido, "e talvez eu estivesse mesmo", disse Dale, "mas sabia que estava fazendo algo que precisava fazer, indo a algum lugar, e não iria voltar nem que isso me matasse". No final de tudo sentiu-se vazio, purificado, como se tivesse feito uma gigantesca faxina mental. Ao recordar aquela noite de Réveillon, o que sentia era que havia na sala algo imenso que todas as outras pessoas fingiam não estar ali.

Perguntei a ele o que era.

Como ele agora estava agachado atrás de mim, pintando os cabelos da nuca, eu não conseguia ver seu rosto. Depois de algum tempo, ele se levantou e reapareceu no espelho com a tigela de plástico numa das mãos e o pincel na outra.

"Medo", respondeu. "E eu pensei: não vou fugir disso. Vou ficar exatamente onde estou até ele sumir." Ele examinou os cabelos pintados por todos os lados, como um artista examina uma tela pronta. "Agora não deve demorar muito", falou. "Vamos deixar fixar um pouco."

Ele só precisava fazer uma ligação rápida, se eu lhe desse licença. Estava no momento com um sobrinho hospedado em casa; tinha de avisá-lo que seus planos para a noite haviam mudado e que, no fim das contas, ele iria voltar.

"Com um pouco de sorte", disse Dale, "quem sabe ele até fez um esforço e preparou alguma coisa para comer."

Perguntei de onde tinha vindo o sobrinho, e ele respondeu da Escócia.

"E nem é de uma das partes estilosas", disse ele. "Por algum motivo minha irmã mora no fim do mundo." Ele tinha ido lá uma vez ou duas visitá-la, e em apenas quarenta e oito horas já pensava seriamente em conversar com as ovelhas.

O sobrinho era um sujeito gozado, disse Dale; todo mundo já tinha concluído

que ele era autista ou tinha síndrome de Asperger, ou seja lá como as pessoas dizem hoje em dia quando você não é igual a todo mundo. Tinha saído da escola sem qualificação alguma: quando Dale foi visitá-los, estava desempregado, e sua diversão era ficar sentado no alto do morro atirando pedras dentro da pedreira.

"Felizmente ele mudou um pouco desde então. Na outra noite, até me perguntou se eu tinha usado ervas frescas no molho do macarrão ou 'só'" — Dale fez o sinal de aspas com os dedos — "ervas secas."

Perguntei como o menino veio parar em Londres, e Dale disse que foi depois de uma conversa dele com a irmã. Ela comentara com Dale que o menino tinha começado a lhe dizer coisas perturbadoras, que tinha a sensação de estar morando dentro do corpo errado ou da pessoa errada, ou algo assim.

"Ele passa meses sem dizer nada", falou Dale, "e de repente sai com essa. Ela não soube o que pensar. Me perguntou o que eu achava que aquilo queria dizer. Eu respondi: sou cabeleireiro", disse ele, "não psicólogo." Pegou alguns fios da minha cabeça. "Mas é claro que eu tinha um palpite. Falei para ele que se conseguisse fazer a mala e embarcar num trem, podia vir ficar comigo em Londres. Não estou procurando companhia, falei: gosto da minha vida exatamente como ela é. Tenho um bom apartamento e um bom negócio, e quero que continuem assim. Você teria de fazer a sua parte, falei, e não vou tolerar alguém que não trabalha porque não sou uma droga de uma instituição de caridade. Mas você teria a sua liberdade, falei, e Londres é um lugar grande. Se não conseguir encontrar aqui o que está procurando, não vai encontrar em lugar nenhum. E uma semana mais tarde", disse Dale, "a campainha toca e lá está ele."

Não tinha ficado inteiramente surpreso, admitiu: sua irmã lhe avisara uns dois dias antes, só para ele ter tempo de esconder qualquer coisa que não fosse passar pelo seu crivo. E nesses dois dias ele de fato se pegou hesitando. Havia percorrido os quartos do apartamento, reparando na sua limpeza e ordem; havia saboreado a paz daquele lugar, sua liberdade de ir e vir como bem entendesse, de voltar para casa depois do jantar e encontrar tudo exatamente como tinha deixado. "A ideia", disse ele, "de ter alguém sempre ali, alguém com quem eu precisasse conversar e de quem precisasse arrumar a bagunça, alguém por quem eu basicamente seria responsável, porque aos dezesseis anos você na verdade ainda é uma criança e aquele menino nunca em toda a sua vida tinha saído de um minúsculo vilarejo escocês: bom, você sabe do que estou falando", disse Dale. "Eu pensei: devo estar maluco para abrir mão de tanta coisa."

Perguntei se algum desses medos tinha se concretizado, e ele passou alguns segundos em silêncio. Fiquei observando-o no espelho, braços cruzados em

frente à barriga, bem no ponto em que a leve barriguinha se destacava no seu físico magro.

É claro que no início eles tiveram lá suas dificuldades, respondeu ele. Precisou ensinar o sobrinho a fazer as coisas como ele próprio gostava que fossem feitas, e ninguém aprende num piscar de olhos: ele mais do que ninguém sabia disso, de tanto ter treinado iniciantes no salão. É preciso tempo, falou, tempo e constância. Mas agora já fazia dois meses, e eles estavam se dando bastante bem. O menino havia arrumado um emprego de estagiário de mecânica; tinha uma vida social promissora e, de vez em quando, até saía com Dale para alguma boate à noite.

“Quando consigo deixar de lado meu cachimbo e meus chinelos e me arrastar porta afora”, disse Dale. “Uma vida compartilhada”, prosseguiu ele, “nunca pode ser igual a estar sozinho. Você perde alguma coisa”, disse ele, “e não sei se algum dia recupera. Um dia ele vai embora, e ocorreu-me que eu provavelmente vou sentir saudades — que talvez minha casa pareça vazia, quando antes parecia completa. Talvez eu tenha aberto mão de mais do que imaginava”, disse ele. “Mas não dá para impedir as pessoas de entrarem”, disse ele, “e não dá para perguntar o que você ganha quando elas entram.”

Ele atravessou o salão até o balcão da recepção para pegar seu telefone, e olhei para o menino sentado na cadeira ao meu lado, cujos cabelos escuros revoltos estavam agora cortados curtos. Ele lançava olhares frequentes de súplica para a mãe, que se mantinha absorta na leitura de seu livro de modo determinado.

“Está ficando bom”, disse-me Sammy. “Vai a algum lugar especial hoje?”

Respondi que não, embora tivesse de ir a um lugar na noite seguinte.

“Em geral dura uns dois ou três dias se ele pentear direito”, disse Sammy. “Deve ficar legal. Certo, então”, disse ela ao menino, “vamos dar uma olhada em você.”

Ela levou as mãos aos ombros dele e o encarou no espelho.

“O que achou?”, perguntou.

Não houve resposta.

“Vamos lá”, disse ela, “o que tem a dizer?”

Vi a mãe do menino erguer os olhos do seu livro.

“Temos um de verdade aqui”, disse Sammy. “Um verdadeiro homem misterioso.”

Os dedos do menino estavam brancos de tanto apertar os braços da cadeira. Seu rosto amarelado estava contraído. Sammy tirou suas mãos, e no mesmo instante ele se levantou e arrancou a capa de náilon presa em volta de seus

ombros.

“Calma!”, disse Sammy, dando um passo para trás com as palmas erguidas. “Tem equipamentos caros aqui, sabia?”

Com movimentos estranhos e o corpo todo esticado, o menino se afastou da cadeira em direção à grande porta de vidro. Sua mãe se levantou, ainda com o livro na mão, e viu quando ele abriu a porta com um puxão e revelou a rua chuvosa preta com seu tráfego sibilante. Ele havia puxado a maçaneta com tanta força que a porta continuou seu caminho pelas dobradiças depois de ele a soltar. Foi se abrindo mais e mais, até finalmente bater com força nas prateleiras de vidro onde ficavam enfileirados, um depois do outro, os produtos para cabelos. O menino permaneceu petrificado no vão da porta, rosto aceso, os cabelos cortados parecendo arrepiados, e observou as prateleiras despejarem uma enxurrada de frascos e jarros que caíram e saíram rolando com forte estrondo pelo piso do salão, e então desabarem por sua vez numa tremenda e estridente cascata de vidro quebrado.

Houve um instante de silêncio em que todos ficaram absolutamente imóveis, Dale com o telefone na mão, Sammy segurando a capa que o menino havia tirado, a mãe com o livro apertado entre os dedos; até mesmo a mulher que estava lendo a *Glamour* finalmente ergueu os olhos da revista.

“Puta que pariu”, disse Sammy.

O menino saiu em disparada pela porta e desapareceu na rua molhada e negra. Durante alguns segundos, sua mãe continuou onde estava, no meio daquele campo reluzente de frascos e vidro quebrado. Exibia uma expressão de dignidade pétrea. Encarou Sammy sem piscar. Então pegou a bolsa, guardou com cuidado o livro lá dentro e saiu atrás do filho, deixando a porta aberta.

As árvores eram uma bênção contraditória, disse Lauren. Suas formas imensas, que se avultavam na escuridão como ogros ou gigantes, estavam por toda parte na cidade. Erguiam-se altíssimas entre os prédios e na margem das ruas; ela precisava admitir que eram bastante dramáticas. Ali onde caminhávamos, os grossos troncos eram fincados nas calçadas feito estacas, fazendo as placas do calçamento subirem e descerem numa série de ondulações com a pressão das raízes embaixo. Algumas dessas raízes tinham saído até a superfície: seus formatos cegos, parecendo cobras e mais grossos do que um braço humano, jaziam cravados na pedra. Elas representavam um risco de queda constante, disse Lauren; e naquela época do ano, quando as folhas começavam a cair, o centro inteiro ficava atapetado com uma camada de cinco a sete centímetros de folhas que, de tão escorregadia, transformava o lugar inteiro numa pista de patinação no gelo.

Ela perguntou se minha viagem de Londres até ali tinha sido agradável, apesar de tudo. O problema era a linha local: bastava o trem de Londres atrasar poucos minutos para você perder a conexão. Acontecia o tempo todo, e era difícil organizar um festival literário quando os autores — sem que fosse culpa sua, claro — chegavam atrasados. Mas o caráter pouco acessível da cidade, admitiu ela, era também seu atrativo: a estrada sinuosa pelos vales densamente arborizados, os trechos de rio e morro vislumbrados qual abismos conforme o trem penetrava serpenteando cada vez mais fundo no vazio imponente eram espetaculares. Ela costumava ir de carro, era mais prático. Mas a viagem de trem era muito bonita.

Íamos subindo e descendo depressa as calçadas ondulantes, dobrando à esquerda e à direita e novamente à esquerda, enquanto Lauren olhava de vez em quando para o fino relógio que usava no pulso. A luz dos postes de rua coloria de dourado as densas copas negras acima de nossas cabeças. Algumas gotas de chuva tinham começado a cair; produziam um ruído estalado nas folhas. Temos de chegar na hora, disse Lauren, tornando a olhar para o relógio. Que bom que eu caminhava depressa: com alguns autores — sem querer ofender —, nem

sempre isso acontecia. Eu teria alguns minutos só para me acomodar e ser apresentada aos outros; tinham lhe dito que eles estavam à minha espera na sala verde.

Havíamos chegado a um prédio de aspecto institucional no centro da cidade, cujas portas estavam abertas e faziam um quadrado de luz elétrica se estender do saguão lotado para a rua. Lauren parou na soleira e apontou para dentro. A sala verde era a segunda porta à esquerda, falou; tinha certeza de que eu a encontraria sem dificuldade. Ela precisava ir ao hotel buscar outro autor. Tirou da bolsa um pequeno guarda-chuva. Por aqui nunca dá para ficar sem um destes, falou. Estava torcendo para o evento correr bem; pelo visto, em geral corria. O festival atraía públicos muito entusiasmados. Imagino, disse ela com um tom de certa dúvida, que não haja muito mais coisa para fazer por aqui.

Quando empurrei a pesada porta de madeira da sala verde, fui na mesma hora envolvida pelo calor e pelo barulho. Pessoas sentadas ao redor de mesas redondas comiam e bebiam; numa delas estava sentado um grupo de quatro homens, e quando a porta se fechou pesadamente todos viraram a cabeça para olhar. Um deles ficou em pé e se adiantou com a mão estendida. Apresentou-se como a pessoa que iria presidir a nossa mesa. Era bem mais jovem do que eu imaginara que seria, muito esbelto e delicado, mas quando apertamos as mãos a firmeza de seu aperto foi quase violenta.

Desculpei-me pelo atraso, e ele disse que não tinha a menor importância. Na verdade tinha ocorrido um problema com a parte elétrica da tenda: pelo jeito, chovera bastante mais cedo naquele dia, e algo que não deveria ter molhado tinha molhado, ou pelo menos era isso que ele entendeu; enfim, fosse o que fosse, parecia um tanto fatal. Mas eles diziam que já estavam consertando — no mais, o importante era que o evento ia acontecer quinze minutos mais tarde do que o previsto. Ele e os outros estavam bebendo alguma coisa enquanto aguardavam. Sentia que não era exatamente a coisa a fazer — era um pouco como se a tripulação de um jato comercial bebesse antes da decolagem —, mas isso não parecera preocupar nem um pouco os outros, e eram eles que as pessoas tinham ido ver. Francamente, disse ele, esse pessoal nem precisa muito de ninguém para presidir a mesa: basta uma pergunta para fazê-los falar por horas.

Tínhamos chegado à mesa e todos se levantaram e apertaram minha mão, em seguida tornaram a sentar. Sobre a mesa havia uma garrafa de vinho e quatro taças; após me oferecer sua cadeira, o Presidente se retirou para ir buscar uma quinta. Eu já havia encontrado antes um dos homens que estavam em volta da mesa; não conhecia os outros dois. O que eu conhecia se chamava Julian. Era

grande, carnudo e estranhamente parecido com uma criança, como um menino gigante. Falava alto e de tal jeito que parecia sempre beirar uma gafe ou um lapso, mas que na verdade era de uma ironia rápida e certeira, de modo que você era alvo de uma fina zombaria antes mesmo de se dar conta de ter sido visto. Eu já fora atingida antes pela energia e prontidão desse recurso que ele tinha e que parecia sempre no limiar da ebulição, à espreita para capturar e rebaixar seu objeto. Uma aura de desconforto pairava debilmente em volta do seu corpanzil, que ele movia com frequência como se quisesse dispersá-la, cruzando e tornando a cruzar as pernas pesadas, esticando-se para a frente por cima da mesa, virando-se de um lado para outro na cadeira.

Ele estava contando aos demais sobre outro festival no qual fizera uma aparição recente para ler trechos do livro de memórias que havia escrito sobre sua infância. O livro discorria sobre como tinha sido ser criado como filho de seu padrasto, já que seu pai havia abandonado sua mãe ainda grávida, antes mesmo de ele nascer. “Então pelo menos não foi nada pessoal”, disse ele, e fez uma pausa para os outros rirem. Após a leitura, um homem da plateia o havia abordado e, puxando-o de lado, fez a espantosa afirmação de que era ele o verdadeiro pai, o pai biológico de Julian. Julian torceu o nariz.

“Ele fedia tanto”, falou, “que eu tive de rezar para não ser verdade.”

Esse homem alegava ter em casa documentos que provavam o parentesco; falou da mãe de Julian, do afeto que sentia por ela e dos bons momentos que os dois haviam tido juntos. Enquanto ele falava, um segundo homem saiu da plateia e, dando um tapinha no outro braço de Julian, afirmou exatamente a mesma coisa. Eles estavam praticamente brotando das cadeiras, disse Julian. Parecia o filme *Mamma Mia!*, só que em Sunderland debaixo de chuva.

“Não é um festival muito conhecido”, acrescentou ele, dirigindo-se a mim. “Não acho que você fosse gostar.”

Ele havia se transformado numa espécie de arroz de festivais, continuou; para ser sincero, seria capaz de ir à comemoração de uma abertura de envelope, sobretudo se o envelope tivesse o seu nome escrito. Simplesmente não conseguia se fartar daquilo, da atenção.

“É como a minha mãe nos quinze dias que passa em Lanzarote”, disse ele. “Tomar o máximo de sol enquanto tem oportunidade. Nada de bronzeamento gradual e uniforme — eu quero é torrar até virar churrasco. Se este é o meu momento ao sol, pretendo me fartar dele.”

Ele capturou com as mãos um grande pedaço de ar e, abrindo bem a boca, enfiou-o lá dentro.

Reparei que o Presidente olhava para mim com frequência enquanto Julian falava, como se estivesse com medo de eu reagir mal a algo que estivesse sendo dito. Ele tinha um rosto pequeno, bonito e ligeiramente furtivo, e olhos brilhantes que pareciam contas. Seus cabelos pretos eram fartos e estavam cortados bem curto, tanto que quase pareciam a pelagem de um animal. Depois de algum tempo, ele se inclinou para a frente, tocou meu braço e perguntou se eu já havia encontrado antes algum dos outros autores — Julian e Louis. Louis estava sentado à direita de Julian. Tinha cabelos desgrenhados na altura dos ombros, de aspecto oleoso, e o rosto coberto por uma espessa barba por fazer. Sua jaqueta de couro rasgada e seu jeans manchado contrastavam tanto com o terno marinho de luxo e a gravata de seda lilás de Julian que o seu visual, apesar da postura afundada de indiferença, parecia premeditado e proposital. Ele observava Julian atentamente, e sempre que sorria de algo que Julian tinha dito revelava uma fileira irregular de grandes dentes marrons. A pessoa do outro lado de Julian era um rapaz bem mais novo, de ar angelical, cujos cabelos louro-claros pendiam em cachos ao redor do rosto. Eu deixara passar seu nome quando as apresentações tinham sido feitas; supus que fosse o namorado de Julian. Sua boca cor-de-rosa em formato de coração se curvava para cima nos dois cantos, assim como os olhos redondos, azuis e fixos. Ele estava usando um sobretudo justo azul-escuro abotoado até o pescoço, e mantinha as mãos mergulhadas nos bolsos como se estivesse com frio. Depois de algum tempo, virou-se e, inclinando-se em direção ao ouvido de Julian, disse-lhe alguma coisa antes de se levantar para sair.

O Presidente olhou para o relógio e disse que talvez devêssemos ir andando. No corredor do lado de fora, ajustou o passo ao meu enquanto Julian e Louis seguiam na frente.

“Você fica nervosa”, falou, “quando faz esse tipo de coisa?” Fez uma pausa enquanto algumas pessoas passavam na direção contrária, em seguida tornou a ajustar o passo ao meu. “Eu constato que fico encantado quando me convidam”, acrescentou ele, “mas depois fico muito satisfeito quando termina.”

Chegamos ao final do corredor e abrimos a porta; depois dela, as formas geométricas de um jardim formal estavam às escuras. A chuva caía em grandes placas irregulares sobre os retângulos de grama. Uns cem metros à frente havia uma grande marquise iluminada. O Presidente disse que pelo visto teríamos de correr. Partimos para dentro da escuridão e da chuva pelo caminho reto de cascalho que conduzia à entrada da tenda. Os outros corriam na nossa frente, Julian soltando gritos agudos e segurando o paletó do terno acima da cabeça. A

distância era maior do que parecia, e a chuva apertou com uma súbita explosão de intensidade enquanto corríamos. O Presidente não parava de olhar para trás na minha direção, certificando-se de que eu estava conseguindo acompanhar. Quando chegamos ao outro lado, estávamos todos ofegantes e pingando. Os cabelos de Louis pendiam em rabos de rato encharcados em volta do seu rosto. A camisa de Julian tinha manchas escuras de água nos ombros e nas costas. Os cabelos espetados e elásticos do Presidente estavam repletos de pequenas gotas trêmulas e transparentes das quais ele se livrou como um animal que sacode a pelagem. Fomos recebidos na entrada por um homem com uma prancheta, que perguntou ao Presidente com um ar intrigado por que ele não tinha nos levado pela passarela coberta. Apontou para lá com a caneta, uma passarela de madeira coberta por um toldo atrás de nós que margeava a lateral do jardim e ia direto até o ponto em que estávamos agora. O Presidente deu uma risada constrangida e disse que não sabia que aquilo existia; ninguém tinha lhe avisado. O homem escutou essa explicação sem dizer nada. É claro, disse ele, que o festival não iria querer que o público — quanto mais os participantes — chegasse ao evento encharcado. Infelizmente àquela altura não havia nada que ele pudesse fazer. O público já estava sentado, e já estávamos bem atrasados. Teríamos de entrar — ele olhou para o grupo de olhos vermelhos, cabelos molhados e roupas em desalinho — do jeito que estávamos.

Ele nos conduziu por uma entrada coberta por uma cortina preta até os fundos de um palco improvisado. Podia-se ouvir o zum-zum de conversas da plateia do outro lado. Visto de trás, o palco era uma estrutura crua de tábuas e andaimes, mas de frente a plataforma era lisa, branca e bem iluminada. Quatro cadeiras tinham sido dispostas num formato de conversa ao redor de quatro microfones. Ao lado de cada uma havia uma mesinha com uma garrafa de água e um copo. Subimos na plataforma e a plateia se calou. As luzes foram amenizadas, de modo que eles rapidamente desapareceram no escuro e a luminosidade no palco pareceu se intensificar.

“Será que viemos ao lugar certo?”, perguntou Julian, falando para a escuridão e olhando em volta de si com uma perplexidade exagerada. “Estamos procurando o concurso de camisetas molhadas. Nos disseram que era aqui.”

A plateia riu na hora. Julian sacudiu o paletó e fez uma careta enquanto tornava a vesti-lo com cuidado.

“Escritores molhados são bem mais divertidos que escritores secos. Eu juro a vocês”, acrescentou ele, sobrepondo-se a uma segunda onda de risadas. Do escuro veio o barulho das pessoas se acomodando nos assentos.

Julian havia se sentado na primeira cadeira, e Louis, ocupado a outra ao seu lado. O Presidente sentou-se na cadeira seguinte. Eu me sentei no final da fila. O Presidente ria dos comentários de Julian junto com os outros, as pernas cruzadas bem apertadas nos joelhos, os olhos nada receptivos chispando pelo interior da tenda. Estava com um bloquinho no colo e o abriu. Pude ver algo escrito à mão na página aberta. Louis observava Julian com os dentes marrons levemente à mostra.

"Dizem que eu às vezes posso ser meio direto", disse Julian à plateia. "Eu nem sempre sei quando estou fazendo isso — é preciso que me digam. Alguns escritores fingem ser tímidos, mas eu não. Na minha opinião, os mais interessantes são os calados, as almas torturadas, os artistas, aqueles que dizem detestar toda a atenção. Como Louis", disse ele, e a plateia riu. Louis também riu, mostrando ainda mais os dentes, com os olhos azul-claros e suas escleras amareladas fixos no rosto de Julian. "Louis é do tipo que de fato diz gostar do processo de escrita", disse Julian. "Como aquelas pessoas que dizem ter gostado da escola. Já eu detesto escrever. Preciso ficar sentado com alguém massageando meus ombros e uma bolsa de água quente no colo. Só faço isso por causa da atenção que obtenho depois — sou como um cachorro esperando um biscoito."

O Presidente olhava para as suas anotações com uma displicência estudada. Estava claro que ele havia perdido a oportunidade para intervir: o evento havia partido feito um trem e o deixado para trás. A água pingava dos meus cabelos pela minha nuca.

Todos os escritores, continuou Julian, vivem em busca de atenção; por que outro motivo estaríamos sentados ali naquele palco? A verdade, disse ele, é que ninguém tinha prestado atenção suficiente em nós quando éramos pequenos, e agora nós os estávamos fazendo pagar por isso. Para ele, qualquer escritor que negasse o elemento infantil de vingança no que fazia era um mentiroso. Escrever era só um jeito de fazer justiça com as próprias mãos. Se você quisesse uma prova, bastava olhar para as pessoas que tinham algo a temer em relação à sua honestidade.

"Quando falei para minha mãe que tinha escrito um livro", disse ele, "a primeira coisa que ela disse foi: 'Você sempre foi uma criança difícil'."

A plateia riu.

Por muito tempo, ela havia se recusado a falar sobre isso, sobre escrever; sentia que o filho tinha lhe roubado alguma coisa, nem tanto os fatos da sua história em comum, mas a propriedade desses fatos.

"Os pais às vezes têm um problema com isso", disse ele. "Eles têm um filho

que é uma espécie de testemunha silenciosa das suas vidas, aí o filho cresce e começa a revelar seus segredos a torto e a direito e eles não gostam. Eu lhes diria: tenham um cachorro em vez de um filho. Vocês tiveram um filho, mas na verdade o que precisavam era de um cachorro, de algo que os amasse e que lhes obedecesse, mas que jamais dissesse nada, porque com um cachorro", disse ele, "faça você o que fizer, ele nunca, jamais poderá responder. Estou ficando com calor", disse ele, abanando o rosto. "Na verdade, consegui secar todas as minhas roupas."

O lugar onde ele havia passado a infância — só para o caso de alguém ali ter tido o mau gosto de comparecer sem ter lido o seu livro — ficava no norte, num vilarejo que não aparecia em nenhum mapa turístico nem nos anais da história, embora decerto estivesse amplamente documentado nos arquivos do departamento de assistência social da região. Era a pobreza em versão moderna, todos vivendo de seguro-desemprego, obesos de tanto tédio e comida vagabunda, e o membro mais importante de sua família era a TV. Os homens nessa parte do país tinham uma expectativa de vida de cinquenta anos.

"Embora infelizmente", disse ele, "o meu padrasto continue a contrariar essa estatística."

A mãe dele recebeu uma moradia subsidiada do governo quando ele nasceu — "uma das muitas vantagens", disse ele, "de me ter na sua vida" — e em pouco tempo estava sendo cortejada por vários homens. A casa era um cobiçado imóvel de esquina, com um meio banheiro extra e alguns metros quadrados a mais de uma área externa fuleira em relação aos vizinhos; a fila de pretendentes dava literalmente a volta no quarteirão. Ele não recordava a chegada do padrasto em si, pois ainda era um bebê quando isso acontecera; e que péssimo, não é, comentou Julian, ser magoado por algo antes mesmo de saber do que se trata. Em certo sentido, ele já estava estragado antes mesmo de se tornar um ser consciente. Amadurecer foi como abrir um presente de Natal e descobrir que o que havia lá dentro já estava quebrado.

"E na nossa casa", disse Julian, "em geral estava mesmo."

Não demorou muito para sua mãe e o padrasto terem outros dois filhos juntos, as meias-irmãs de Julian, e o seu status de forasteiro, de fardo indesejável ser abertamente reconhecido como um fato da vida cotidiana.

"Engraçado", disse ele, "como quando os pais fazem coisas com os filhos é como se pensassem que ninguém pode vê-los. É como se o filho fosse uma extensão deles mesmos: quando conversam com o filho, estão conversando consigo mesmos; quando amam o filho, estão amando a si mesmos; quando o

odeiam, é a sua própria pessoa que estão odiando. Você nunca sabe o que vai vir porque, seja lá o que for, está saindo deles, não de você, ainda que eles depois ponham a culpa em você. Mas mesmo assim você começa a pensar que saiu de você — não dá para evitar."

Era raro o padrasto bater nele — isso ele tinha de admitir: quem ministrava as surras era sua mãe. A crueldade do padrasto era de um tipo muitíssimo mais refinado. Ele fazia de tudo para ressaltar a inferioridade de Julian, questionando seu direito a comida e bebida, a roupas, até mesmo a ocupar a casa. Chegava quase a causar pena, disse Julian, contando as batatas chips para se certificar de que eu não recebesse nenhuma a mais. E essa obsessão, essa crueldade, era de certa forma uma espécie de atenção. Ela inculcou em Julian a crença de que ele era especial, já que o fato da sua existência era destacado em tudo que acontecia. E esse fato estava se tornando cada vez mais insuportável para seu padrasto, que só não batia nele, Julian hoje percebia, porque sabia que, se começasse, não conseguiria mais parar.

No fundo do jardim havia um barracão que ninguém usava — seu padrasto não era exatamente um homem habilidoso — e que basicamente estava cheio de quinquilharias velhas; Julian não conseguia se lembrar exatamente quando esse barracão se tornou sua residência permanente, mas deve ter sido depois de ele entrar para a escola, porque se lembra da mãe o fazendo prometer não dizer nada aos professores. A partir de um certo ponto, porém, Julian não tinha mais permissão para entrar na casa; um espaço foi liberado dentro do barracão para um colchão no chão, as refeições eram levadas até ele, e ele era trancado lá dentro.

"Muitos escritores gostam de barracões", disse Julian num tom de reflexão. "Eles os usam para trabalhar — gostam dessa privacidade." Ele fez uma pausa enquanto uma débil onda de risos hesitantes se erguia e tornava a se extinguir. "*Um barracão para chamar de seu*", acrescentou ele. "Cheguei a pensar nisso como título."

Não ia falar muito sobre o que sentia naqueles anos — que duraram até ele ter cerca de oito anos e ser reintegrado, não sabia como nem por quê, à crueldade rotineira da casa — o medo, o desconforto físico, os mecanismos dignos de um animal que ele inventou para sobreviver àquilo: tudo isso estava no livro. Escrevê-lo tinha sido ao mesmo tempo um tormento e um alívio, como tirar uma faca do próprio peito: ele não queria fazê-lo, mas sabia que, se a deixasse ali, a dor a longo prazo seria maior. Tomou a decisão de mostrar o livro à família, à mãe e também às meias-irmãs; no início, a mãe o acusou de inventar tudo. E

parte dele quase acreditou; o problema de ser honesto, disse ele, era que você demorava a se dar conta de que os outros podem mentir. Foi só quando uma de suas meias-irmãs corroborou sua história com as próprias lembranças que o assunto veio à tona abertamente. Seguiram-se meses de negociação: foi como a Comissão da Verdade e da Reconciliação, só que sem o auxílio de Kofi Annan; houve algumas cenas desagradáveis. Ele não era obrigado a obter a permissão da família, mas mesmo assim a queria, pois não bastava aquela ser apenas a sua verdade, o seu ponto de vista. Os pontos de vista, disse ele, são como aqueles casais que cortam o sofá ao meio quando se divorciam: não existe mais sofá, mas pelo menos você pode dizer que foi justo.

Quando ele tinha catorze anos, estava voltando para casa da escola quando se deparou com a extraordinária visão de dois homens, dois estrangeiros, em pé em frente ao mercadinho do povoado. Eram tailandeses; tinham comprado uma casa na zona rural ali perto, uma espécie de casarão com um imenso jardim formal. Tinham ido ao vilarejo pôr um anúncio na vitrine do mercadinho à procura de alguém para cortar a grama uma vez por semana. Julian ficara petrificado diante da visão daquelas duas criaturas exóticas, daquelas aparições na paisagem triste e cinzenta que tão bem conhecia. O mercadinho estava fechado, e os homens lhe perguntaram se ele sabia quando iria reabrir; e então, olhando-o abertamente de cima a baixo como ele nunca tinha sido olhado na vida, perguntaram se ele próprio não poderia estar interessado no trabalho. O gramado era bem grande; eles calculavam que provavelmente fosse levar um dia inteiro por semana para cortar toda a grama. Ele poderia fazer isso no fim de semana, quando não tivesse aula; eles se dispunham a buscá-lo e trazê-lo de volta de carro, e a lhe fornecer o almoço.

Durante os dois anos seguintes, ele passou todos os sábados empurrando o cortador de grama para cima e para baixo dos imensos e tranquilos gramados verdes, para cima e para baixo, para cima e para baixo, de modo que parecia estar desenredando a própria vida, desenrolando-a e voltando ao início. Era como fazer terapia, disse ele, com a diferença de que eu ficava muito suado e o almoço estava incluído. Esses almoços — refeições complexas e perfumadas consumidas na sala de jantar formal da casa — eram uma aula por si só: os patrões de Julian eram dois homens muito cultos e viajados, colecionadores de objetos de arte e antiguidades, versados em vários idiomas. Julian levou muito tempo para encaixar as peças da natureza do seu relacionamento, dois homens adultos morando juntos em meio ao luxo sem mulher nenhuma por perto. Passou muito tempo simplesmente estupefato demais com aquela mudança em sua vida

para sequer refletir a respeito, mas então, aos poucos, começou a reparar em como eles se sentavam lado a lado no sofá para tomar o café depois do almoço, em como um pousava a mão no braço do outro ao fazer algum comentário, e então — a essa altura eles já o conheciam melhor — em como se beijavam rapidamente na boca quando um ou outro saía de carro para levar Julian de volta para casa no fim do dia. Não era só a primeira vez que ele via a homossexualidade; era a primeira vez que via o amor.

Esses dois homens foram as primeiras pessoas a quem ele falou sobre o barracão. Muitas vezes foi chamado de corajoso por ter escrito a respeito, mas na verdade, após o ter feito uma vez, ele despejava sua história para qualquer um que quisesse escutar. Você só precisa de uma coisa, disse ele, só precisa que a porta seja deixada destrancada uma vez. Por muito tempo, após se mudar para Londres e iniciar o processo de se transformar em si mesmo, ele havia ficado meio confuso. Era como um armário abarrotado de velharias: sempre que abria a porta, tudo caía para fora; foi preciso tempo para se reorganizar. E a falação, o fato de contar, isso era o mais confuso: controlar a linguagem significava controlar a raiva e a vergonha, e era difícil, era difícil reverter aquilo, pegar a confusão da experiência e transformá-la em algo coerente. Só então você sabia que havia conseguido derrotar as coisas que tinham lhe acontecido: quando controlava a história, em vez de ela controlar você. Para ele, a linguagem era uma arma, uma primeira linha de defesa — ele podia não ser corajoso, mas com certeza era ranzinza. O fato, disse ele, é que, uma vez que você é escolhido, uma vez que reparam em você, nunca mais você consegue caber de novo dentro da sua caixa. Precisa passar o resto da vida andando por aí pelado, e ainda que escrever tenha alguma semelhança com a roupa nova do imperador, há modos piores de esconder sua nudez. A maioria deles é péssima para a saúde, disse ele, além de bem mais cara.

Enfim, disse Julian para a plateia, ele já tinha ocupado bastante o seu tempo. Por mais angustiante que isso fosse, precisava deixar os outros falarem também. E ainda por cima ele tinha feito o que sempre fazia, ou seja, revelar a história toda, de modo que alguns deles poderiam pensar que ele tinha lhes poupado o trabalho de ler por conta própria. Muito francamente, estava pouco ligando que eles lessem ou não, contanto que comprassem o livro; achava que havia alguns à venda na saída.

A plateia riu e irrompeu em palmas espontâneas e sinceras.

“Já me disseram que eu faço autopromoção”, acrescentou Julian por cima do barulho, “mas aprendi tudo que sei com ele.”

E apontou para Louis.

“Muito pelo contrário”, disse Louis. “Passo tanto tempo na sua sombra que estou começando a ficar com deficiência de vitamina.”

A plateia tornou a rir, com entusiasmo apenas um pouco menor.

O problema, continuou Louis, era que como o seu livro tinha sido publicado ao mesmo tempo que o de Julian, eles acabavam comparecendo aos mesmos eventos, como dois viajantes que não param de se encontrar nos mesmos pontos de parada.

“Às vezes é um alívio”, disse ele, lúgubre, “ver um rosto que você reconhece num lugar estranho. E outras vezes você pensa: ah, não, ele de novo não.”

Ouviu-se alguns risos débeis e hesitantes. Ser conhecido é limitador, continuou Louis: você não pode se comportar sem inibição. Pode ir até o fim do mundo, mas se lá encontrar alguém que conheça o seu nome, é a mesma coisa que ficar em casa.

“Eu não quero ser conhecido”, disse Louis para um silêncio subitamente cavernoso. “Eu não quero que ninguém me conheça.”

Ele falava com uma voz vagarosa e levemente hipnótica, curvado na cadeira de modo que os cabelos desgrenhados caíam para a frente por cima do rosto e o queixo coberto de pelos ásperos quase encostava no peito.

Quando escreveu seu livro, falou, o que desejava era se expressar de um modo isento de vergonha. Uma das fontes dessa vergonha era o fato de os outros o conhecerem; no entanto, o que eles conheciam não era a verdade. A verdade, percebeu ele, era algo que ele escondia diligentemente dos outros. Quando escreveu seu livro, o que o instigou foi esse desejo de se libertar da vergonha. Ele o escreveu com a convicção de estar se dirigindo a alguém que não o conhecia, e diante de quem, portanto, não precisava sentir vergonha. Essa pessoa, na verdade, era ele mesmo.

Havia outro motivo, falou, para ser posto num tablado ao lado de Julian com tanta frequência, e isso acontecia porque seus respectivos livros eram classificados como autobiográficos. Isso facilitava as coisas para as pessoas obrigadas a organizar eventos como aquele. Mas na verdade os seus livros e os de Julian não tinham absolutamente nada em comum. Seria quase possível dizer que eles funcionavam segundo princípios mutuamente oponentes.

“Outro dia”, disse ele, “eu estava sentado no meu escritório olhando para o jardim, e de repente vi meu gato Mino no gramado. Mino estava com um passarinho imobilizado sob as patas na grama. A ave se contorcia e batia as asas enquanto Mino a observava com interesse. Estava saboreando seu poder e

prevendo o instante em que o exerceria arrancando a cabeça do passarinho com uma mordida. Bem nessa hora se ouviu um barulho repentino, alguma espécie de estouro ou estalo vindo da rua, e Mino, distraído, levantou a cabeça. O passarinho agarrou essa oportunidade para se desvencilhar e sair voando."

O fato de o passarinho ter tanta presença de espírito deixara Louis espantado. Mas era preciso reconhecer que Mino estava ficando velho: na sua juventude como caçador, jamais teria deixado as patas diminuírem a pressão, mesmo enquanto a mente baixava a guarda. Além do mais, o próprio Louis poderia ter salvado a ave levantando-se, abrindo a porta e enxotando o gato. Naquele momento estava pensando no sucesso, e no fato de que o livro que tinha escrito no escritório do subsolo imundo e opressivo onde costumava trabalhar o houvesse, graças às vendas mundo afora, transportado até ali, até aquele cômodo amplo e agradável na agradável casa da qual ele era agora proprietário com vista para seu lindo jardim. Com esse dinheiro ele também tinha comprado várias peças novas de mobília, entre elas a cadeira Mies van der Rohe na qual estava sentado naquele momento. Podia sentir o couro macio sob as coxas; suas narinas estavam tomadas pelo cheiro forte e suntuoso. Essas sensações ainda eram bastante estranhas para ele, mas mesmo assim ele tinha consciência de que estavam fazendo crescer uma nova parte dele, um novo eu. Não tinha nenhuma associação com elas, mas essas associações estavam sendo criadas naquele exato instante, enquanto estava sentado ali: ele estava ativa e gradualmente se distanciando da pessoa que havia sido, ao mesmo tempo que se tornava igualmente, aos poucos, uma pessoa nova.

Ele queria concluir esses pensamentos, pensá-los até o fim e descobrir o que realmente sentia em relação àquela sua mudança de vida: seria satisfação ou seria vergonha? A sensação vingativa de ter derrotado as pessoas que um dia o haviam menosprezado e humilhado, ou a culpa por ter conseguido escapar delas e tirado proveito das experiências que viveu com elas, enquanto a vida delas permanecia tristemente igual? Essas meditações foram interrompidas pela entrada de Mino em seu campo de visão e pela história que começou a se desenrolar diante de seus olhos. À medida que ia ficando absorto na história — ainda que breve — de Mino e do passarinho, Louis tomou consciência dos sentimentos de responsabilidade que ela começou imediatamente a provocar nele. Observou a ave bater as asas debilmente enquanto Mino a mantinha pregada no chão. Ninguém estava controlando aquela história, percebeu: ou ele tinha de agir e intervir, ou então seria ferido pela visão de Mino matando o passarinho, porque naturalmente era com o passarinho que ele se identificava,

apesar do fato de conhecer Mino e de Mino ser o seu gato. No caso, o incidente se concluiu rapidamente; a narrativa de algum modo tinha se resolvido sozinha. O que essa narrativa parecia era uma vitória sobre a adversidade — o próprio Louis atribuíra ao passarinho as qualidades da determinação e da presença de espírito —, mas na verdade tinha havido algo bem mais profundo e perturbador no fato de ele testemunhar esses acontecimentos, que em si não significavam nada, mas aos quais seus sentimentos de responsabilidade e conhecimento emprestavam todo um outro viés. A identificação pública com seu gato Mino estava em conflito com a sua identificação particular com o passarinho: ele observou que o sentimento de responsabilidade vinha da percepção ativa de que essas duas coisas estavam prestes a colidir. Parte dele precisava detestar Mino, mas Mino fazia parte dele. Ver o passarinho ir embora foi um lembrete do caráter aleatório e cruel da realidade, para a qual a crença na narrativa só era capaz de proporcionar uma tela extremamente absurda e artificial; no entanto, maior ainda foi sua sensação de que o passarinho simbolizava algo em relação à verdade. Apesar da sua nova situação de vida, ele se lembrava muito bem de como era antes, e particularmente do modo como havia se comportado, por assim dizer, como gato com seu próprio passarinho. Até onde sua memória alcançava, sentira dentro de si a presença frenética de algo aprisionado que deveria estar livre, de algo cuja maior vulnerabilidade era a capacidade de perder a liberdade; ele havia passado anos exercendo poder sobre essa coisa, sem pensar, de modo automático, bem semelhante ao modo como Mino tinha exercido seu poder em relação ao passarinho. Sentado no seu agradável escritório, com o cheiro de couro nas narinas, assistindo à cena se desenrolar no gramado, a facilidade com a qual havia recordado aquele antigo estado de espírito o convencera de que na verdade havia regressado a ele, que o passarinho fora aprisionado outra vez e estava novamente batendo as asas freneticamente dentro dele. Afinal de contas, era da sua índole não aprender, não reter conhecimento: uma vez treinada, sua índole era transgredida e perdia a liberdade.

Seu livro tinha sido vendido no mundo inteiro, como ele já mencionara, apesar do fato de, após o choque inicial da apreciação, as pessoas praticamente só reclamarem dele, do fato de na sua opinião nada nunca acontecer nos seus livros, ou pelo menos nada que elas reconhecessem como digno de se escrever a respeito. Um livro como o de Julian era bem mais palatável: sempre o surpreendeu que as pessoas absorvessem tanto o que era extremo, que se mostrassem tão ávidas para consumir o que se situava muito fora dos limites da

própria experiência, seu deleite com isso ainda mais exacerbado, na verdade, pela ausência exatamente daquilo que ele, Louis, era execrado por ter eliminado — o véu da ficção. As pessoas acreditavam que Julian não precisava inventar nada, pois o caráter extremo das suas experiências era tal que o liberava dessa obrigação. A realidade, nesse caso, podia substituir a fantasia como um modo de distrair as pessoas dos fatos de sua vida. Ele realmente gostava bastante do livro de Julian, e não só porque os dois haviam se tornado, por assim dizer, companheiros de viagem. Muitos escritores pareciam pensar que, quanto mais uma verdade — ou, para ser mais exato, um fato, já que a verdade era algo inteiramente diferente — era alçada acima da terra, menos estrutura de apoio necessitava: contanto que se pudesse provar que algo tinha realmente ocorrido, ele podia ser deixado em paz, e se essa coisa porventura fosse tão estranha ou grotesca a ponto de chamar a atenção das pessoas, a necessidade de explicá-la diminuía mais ainda. Ao contrário dos outros, o que Julian parecia entender era que, para cada grau de extremismo, era necessário um grau correspondente de responsabilidade, da mesma forma que o arquiteto de um prédio alto é obrigado a encarar uma tarefa de engenharia mais árdua do que o construtor — com sua licença, Julian — de um barracão de jardim.

A tarefa de Louis era apenas a reles verdade da sua existência comum, e embora as pessoas afirmassem considerar seus relatos de como comia, bebia, cagava, mijava e trepava — ou mais frequentemente se masturbava, já que a sua dificuldade para admitir a própria homossexualidade havia limitado suas oportunidades de se relacionar com outros corpos que não o seu — monótonos, nojentos ou mesmo ofensivos, mesmo assim continuavam comprando seu livro. Ele ficava pensando se era um pouco semelhante ao modo como as pessoas sempre pareciam possuir uma Bíblia: nunca a liam, mas sentiam que precisavam tê-la em casa. Não estava a ponto de começar a comparar seu livro à Bíblia, mas ficava pensando se não haveria algo na capacidade de negar a verdade em relação a si mesmo — talvez quase a necessidade de negá-la — que criava a necessidade de um texto punitivo; que todo mundo, é claro, depois tornava a negar, ignorando-o. Era divertido, embora um pouco triste, ver as pessoas chamarem de nojentas as coisas que elas próprias faziam cotidianamente. Na verdade, ele próprio não se interessava tanto por esses trechos do livro, que considerava pouco mais do que preliminares, esforços preparatórios para livrar sua escrita da vergonha como se poderia livrar um terreno das ervas daninhas. Muitas vezes tinha escutado que um dos motivos pelos quais ninguém nunca terminava o seu livro era porque, com mais de mil páginas, ele era longo demais.

A resposta para isso era simples; mas o que lhe interessava era que, toda vez que lhe pediam para ler em voz alta um trecho do livro, ele sempre escolhia um que não fosse representativo do modo como havia reproduzido o mecanismo do tempo. Com todas as horas gastas cagando, mijando e olhando pela janela, os momentos em que a vida podia ser observada numa disposição que tivesse algum significado eram raros; sua tentativa de representar esse fato havia lhe custado a maior parte dos cinco anos que o livro levara para ser escrito, mas mesmo assim era sempre uma das outras partes, os trechos raros e seletos, que ele escolhia. Não deixara de perceber que o que isso significava era a facilidade com que podia ser levado novamente a trair a si mesmo: como no episódio de Mino com o passarinho, muitas vezes se pegava vivendo na crença equivocada de que transformação era a mesma coisa que progresso. As coisas podiam ter um aspecto muito diferente ao mesmo tempo que permaneciam iguais; o tempo podia parecer ter alterado tudo sem modificar justamente aquilo que precisava mudar.

O trecho que ele lia com mais frequência, continuou, dizia respeito a um episódio da sua infância no qual, aos cinco anos de idade, sua mãe o havia levado a uma fazendinha situada a alguns quilômetros da casa em que moravam. Os dois haviam pegado um ônibus e passeado pela fazendinha observando os animais. Em determinado momento, ele havia reparado num cavalo, dentro de um cercado enlameado, que olhava por cima da cerca. Tinha saído na frente da mãe, distraída com alguma coisa, e ido ver o cavalo, e subira um pouco na cerca para poder acariciar seu focinho. No início ficara ligeiramente nervoso com o animal, mas o cavalo havia se mostrado passivo e gentil, e deixara que ele o acariciasse sem se retrair. Ele havia pressentido a chegada da mãe e se dera conta de que ela o observava; lembrava-se de pensar que ela ficaria impressionada com o modo como ele estava administrando a situação. Ao chegar a seu lado, porém, ele havia soltado um gritinho e apontado para um machucado no olho do cavalo. Foi você quem fez isso?, perguntou ela, horrorizada. Ele olhou para o olho, no qual na verdade não havia prestado atenção: estava vermelho, inchado e lacrimejante, como se houvesse sido cutucado. Ficou espantado demais para negar a acusação da mãe; mais que isso, porém, conforme os segundos foram passando, sua própria inocência se tornou cada vez menos clara para ele. Depois de a mãe ter dito que ele havia enfiado o dedo no olho do cavalo, não sabia mais se tinha feito isso ou não. Eles foram para casa, e Louis passou o resto da tarde e a noite tomado por uma aflição crescente. Pela manhã, perguntou à mãe se ela poderia lhe dar sua mesada para ir até a loja da esquina comprar balas, como

sempre deixavam que fizesse no sábado. Ela lhe deu o dinheiro e ele saiu. Em vez de ir até a loja da esquina, porém, foi até o ponto de ônibus ao qual se lembrava de a mãe o ter levado na véspera. O ônibus chegou, e ele pagou a passagem com sua mesada. Sentou-se junto à janela e ficou olhando para fora, cada vez mais assustado à medida que as paradas se sucediam e ele não conseguia ver nada que reconhecesse do trajeto do dia anterior. Mas então, quando o ponto certo chegou, constatou que no final das contas se lembrava: havia um café bem ao lado, com um letreiro de néon no formato de um chef de cozinha gordo usando um avental quadriculado. Ele saltou do ônibus, entrou pelos portões da fazendinha e cruzou o gramado até onde o cavalo continuava atrás de sua cerca. Aproximou-se com cautela. A passividade do animal agora lhe parecia submissão, e sua gentileza, resignação. A mãe tinha dito que o cavalo poderia ficar cego por causa do ferimento. Mas também parecera esquecer o incidente na hora, sem informar ninguém na fazendinha e se abstendo até mesmo de comentar com seu pai quando ele chegou em casa. Louis havia subido na cerca e examinado o olho do cavalo. Percebera que não conseguia recordar exatamente em que olho estava o ferimento, e tampouco o aspecto que este tinha; por mais que tentasse, não conseguia sequer determinar o que estava procurando. Depois de algum tempo, desistiu e foi pegar o ônibus de volta para casa, onde encontrou os pais num estado que beirava a histeria por causa do seu sumiço. Eles tinham sido muito severos com ele, mesmo depois de ele ter dado a explicação para sua ausência. Mais tarde contavam essa história com orgulho, principalmente a mãe, que para todo o sempre depois disso julgava todas as crianças de cinco anos que porventura conhecesse com base nela.

Muitas vezes tinham lhe perguntado sobre a sua relação com o trauma, disse Louis, e talvez o motivo que o levava a escolher essa história em contextos públicos fosse acreditar que ela dizia alguma coisa não sobre a sua própria relação com o trauma, mas sobre a natureza inerentemente traumática da vida em si. Não estava seguro, acrescentou, de que algum dia voltaria a escrever o que quer que fosse; seu relacionamento com o mundo não era dinâmico o suficiente. Seu livro precisaria ser o único: jamais teria nenhum irmão, da mesma forma que ele próprio jamais teria filhos, mesmo que suas inclinações sexuais houvessem tornado isso uma possibilidade. Não tinha nenhum interesse particular em poder dizer que era escritor. Como já tinha dito, conseguira escrever um livro devido ao simples fato de que, ao escrevê-lo, acreditava ser desconhecido. Isso não era mais verdade. Supunha, disse ele, que fosse chegar o dia em que o livro que as pessoas agora estavam lendo não iria lhe parecer mais pessoal do que a pele

descartada por uma cobra e deixada para trás. Tudo que desejava era retornar àquele estado em que, de modo único na sua experiência, fora capaz de uma honestidade absoluta, mas ao usar a escrita como fórum para essa honestidade, tinha garantido também que a escrita fosse um lugar ao qual jamais poderia voltar. Como um cão que faz cocô na própria cama, falou, virando-se e olhando pela primeira vez diretamente para mim.

A água ainda pingava pela minha nuca dos cabelos que Dale tinha secado com cuidado no dia anterior. Minhas roupas estavam úmidas, e meus pés se moviam na chuva que havia se acumulado dentro dos meus sapatos. A luz no palco tinha um efeito cegante; além dela, eu mal podia distinguir os formatos ovais dos rostos da plateia, que se intercalavam e se balançavam feito seres brotando de um campo. Falei que tinha trazido algo para ler em voz alta, e com o rabo do olho vi o Presidente fazer um gesto de incentivo. Tirei os papéis da bolsa e os desdobrei. Minhas mãos, ao segurá-los, tremeram de frio. Ouviu-se o som da plateia se acomodando nos assentos. Li em voz alta o que tinha escrito. Ao terminar, dobrei os papéis e tornei a guardá-los na bolsa enquanto a plateia aplaudia. O Presidente descruzou as pernas e sentou-se mais ereto. Senti seus olhos castanhos, opacos como dois botões marrons, relancearem com frequência na minha direção. Pessoas já se levantavam e se espremiam pelas fileiras, ansiosas para chegar em casa. A chuva tinha recomeçado a tamborilar no teto da tenda. O Presidente disse que lamentava não haver tempo para perguntas devido ao atraso inicial. Quando as luzes se acenderam, houve mais aplausos mornos.

Voltamos para a sala verde, dessa vez pela passarela coberta. Julian e Louis seguiram na frente. O Presidente foi atrás, junto comigo. Perguntei-me como ele se sentia em relação à própria participação no que acabara de ocorrer, mas ele comentou apenas que era muito chato ter estado tão frio dentro da tenda — eles não tinham conseguido aquecê-la a tempo após a pane elétrica. Imaginou que fosse haver algumas reclamações, visto a faixa etária média do público. Às vezes, continuou, ficava se perguntando o que a plateia tirava daqueles eventos. Já havia presidido alguns e visto todo tipo de coisa extraordinária: pessoas ferradas no sono na primeira fila, roncando descaradamente; pessoas conversando enquanto os autores falavam no palco; pessoas tricotando ou fazendo palavras cruzadas, e em certa ocasião até mesmo alguém lendo um livro. O festival oferecia um desconto tão grande para a compra de vários ingressos que as pessoas tinham tendência a comprar tudo — na maior parte do tempo ele não tinha certeza de que soubessem o que estavam indo ver. Um dos autores, um historiador da Segunda Guerra Mundial — ele citou um nome conhecido —,

havia desistido de tentar falar sobre seu livro e começado, em vez disso, a cantar velhas canções da época da Blitz, incentivando a plateia — a maioria da qual recordava as letras — a cantar junto. Ao que parecia, eles tinham feito uma cantoria maravilhosa na tenda enquanto a chuva caía lá fora.

Eu disse que não sabia se fazia alguma diferença a plateia saber quem éramos. De certa forma, era bom ser lembrado do anonimato fundamental do processo de escrita, do fato de que cada leitor chegava ao seu livro como um estranho que precisava ser convencido a ficar. Mas eu sempre me surpreendia, falei, com o fato de os escritores não sentirem mais medo da exposição física que aquele tipo de evento significava, uma vez que escrever e ler eram comunicações não físicas, e era quase possível dizer que representavam uma fuga recíproca do corpo em si — na verdade alguns escritores, como Julian, por exemplo, pareciam até gostar disso. O Presidente me encarou com seus olhos furtivos.

Mas você não, falou.

Na sala verde, o rapaz de cabelos louro-claros esperava sentado em frente à mesa que tínhamos ocupado mais cedo. Quando nos viu chegar, puxou a cadeira ao seu lado com a clara intenção de que eu me sentasse. Apresentou-se — chamava-se Oliver — e disse que havia passado quase o evento inteiro nos olhando lá sentados com nossas roupas molhadas e pensando na questão da humilhação, da humilhação contida na manutenção do semblante da normalidade. Ficara pasmo que ninguém houvesse feito nenhuma objeção a ter de se apresentar naquelas circunstâncias.

“Nem mesmo Louis”, disse ele, “com toda aquela sua suposta honestidade.”

Eu disse que a honestidade de Louis, no meu entender, era do tipo que temia cenas em público daquela exata natureza. Ele havia deixado bem claras sua covardia e falsidade; por mais cínico que isso fosse, sua suscetibilidade à humilhação era uma espécie de segredo de polichinelo.

Oliver lançou um olhar cheio de significado para o Presidente, que estava em frente ao bar pedindo bebidas.

“Ele deveria ter feito alguma coisa”, falou. “Foi culpa dele.”

Tinha de admitir, continuou Oliver, que na verdade não havia prestado atenção na maioria das coisas que estavam sendo ditas: já tinha assistido a muitos eventos como aquele, e Julian e Louis sempre diziam exatamente as mesmas coisas. Porque são profissionais, claro, acrescentou. Julian tinha sido muito gentil com ele. Estava hospedado com ele no presente momento, em Londres, enquanto procurava um lugar para morar.

Perguntei onde ele morava antes, e ele respondeu em Paris. Morava lá com um

homem, mas o relacionamento tinha terminado. Ele praticamente havia sido a dona de casa nesse relacionamento, de modo que, quando Marc rompeu, ele se viu sem ter para onde ir e sem nada para fazer.

Eu disse que aquele era um modo pouco usual para alguém da sua idade descrever a si mesmo — ele não teria mais de vinte e três ou vinte e quatro anos.

Oliver deu um sorriso meio tristonho. Enquanto estávamos falando no palco, disse ele, lhe ocorrera como era estúpido a forma ser considerada a característica dominante do escritor — ou de qualquer artista. O tema com certeza era uma base mais precisa para a afinidade. Quando penso nisso dessa maneira, disse ele, a ideia de arrumar um emprego se torna bem menos assustadora. Segundo Julian, eu só preciso achar algo de que goste — não importa muito o quê.

Antes dos três anos em Paris, ele havia passado um ano viajando de mochilão pela Europa. Antes disso, estava na escola. A viagem de mochilão deveria ter sido um prelúdio à universidade, mas, em vez disso, no caminho de volta, passando por Paris, ele conhecera Marc. Pensava cada vez mais nessa viagem, falou então, que tinha esquecido no instante em que começou a namorar Marc e na qual na verdade nunca voltou a pensar. Talvez fosse por estar agora, para todos os efeitos, sem casa que a viagem tinha começado a lhe voltar à lembrança, do modo como às vezes só recordamos algo quando nos vemos uma vez mais naquela mesma posição, como se parte de nós tivesse sido deixada lá. Começara a se lembrar dos albergues nos quais havia se hospedado, dos dormitórios nos quais havia dormido entre rapazes e moças da sua idade do mundo inteiro, dos cafés e mercados baratos que eles frequentavam, das caóticas conexões de rodoviárias e estações de trem, e até mesmo das próprias viagens, das longas e lentas transições de uma cultura e de um clima para outro: tudo isso estava lhe voltando com detalhes cada vez mais minuciosos.

Lembrava-se de estar na praia em Nice certa noite junto com um grupo grande de pessoas que acabara de conhecer: estavam todos bebendo e conversando; alguém tocava violão. O mar brilhava silencioso no escuro, enquanto atrás deles a cidade noturna zumbia loucamente com seus ruídos e luzes. Ele havia se sentido ao mesmo tempo pulverizado e no limiar de uma descoberta; ao mesmo tempo desapontado pelo que o mundo tinha lhe revelado e numa nova e hesitante correspondência com alguns de seus elementos. Mas o que havia sentido acima de tudo nessa noite fora a incoerência do que estava fazendo: em todo lugar da Europa por onde passara, tinha encontrado não a civilização intacta que havia imaginado, mas, em vez disso, uma coleção díspar de pessoas confusas à deriva num lugar desconhecido. Nada parecera de todo real, no sentido em que ele

passara a conhecer a realidade: no entanto, havia experimentado esse fracasso como um fracasso seu, pois fora criado num lar estável, próspero, onde as expectativas — materiais, culturais, sociais — eram altas. E particularmente nessa noite em Nice, aquele quadro fragmentado de jovens perdidos agarrados uns aos outros em busca de segurança, do lindo mar mudo que se recusava a contar seu segredo, da cidade lacrada dentro do próprio frenesi, não era um quadro que ele reconhecesse.

Tinha sido lá, continuou, em Nice, que alguém lhe emprestara um exemplar do *Diário de um ladrão*, de Jean Genet, cujo esteticismo brutal havia aprofundado mais ainda sua confusão.

"Você já leu?", indagou ele, olhando para mim com uma expressão de assombro chocado, como se ainda estivesse lendo o livro.

Aos dezenove anos, ele ainda era virgem: nunca tinha revelado a ninguém sua sexualidade, pelo simples motivo de que não sabia como fazê-lo. Não sabia que era possível viver como um homem gay; não tinha se dado conta de que o que havia dentro dele poderia virar uma realidade externa. Em Nice, assim como nos outros lugares durante as suas viagens, meninas o haviam abordado com seus corpos tímidos e dedos hesitantes; quando elas falavam, sua confusão e incerteza pareciam espelhar o que ele próprio sentia, a ponto de, finalmente, elas parecerem compreender que o que estavam procurando não existia nele, que ele não era diferente o suficiente delas para poder completá-las, que ele na verdade estava piorando mais ainda os seus problemas. O mundo de Jean Genet era um repúdio a tudo isso, um mundo de autoexpressão sem arrependimentos e desejos egoístas. Aquilo era uma traição, um roubo tão violento do feminino que ele se sentia culpado até mesmo por ler o livro na companhia daquelas meninas hesitantes, que jamais, ele tinha certeza, iriam saquear o masculino daquela forma, mas que, pelo contrário, levariam vidas nas quais suas paixões não saciadas iriam atormentá-las do mesmo jeito que o atormentavam.

Quando ele desistiu da vaga na universidade para ficar em Paris e contou aos pais a verdade sobre o que tinha acontecido, eles reagiram com a mais absoluta condenação e repulsa. Não me importei, disse Oliver. Sua sede de amor era tão grande, continuou ele, que ele se convenceu de que os pais na verdade nunca o tinham amado. Ao se entregar completamente a Marc, tinha em última instância transformado a si mesmo num órfão. Ao acordar todos os dias pela manhã no lindo apartamento em Saint-Germain, nos cômodos ensolarados cheios de quadros e *objets d'art*, com o som de Beethoven ou Wagner — os compositores preferidos de Marc, cujas músicas eram tocadas com frequência — vazando para

a rua pelas janelas abertas, muitas vezes se sentia um personagem num livro, uma pessoa que sobrevivera a provações de modo a ser recompensada com um final feliz. Era uma reversão total de tudo que havia sentido naquela noite na praia em Nice. Entretanto, muitas vezes se pegava oferecendo mentalmente aquilo aos pais, o bom gosto e a inteligência de Marc, sua riqueza e até mesmo o seu carro, um Aston conversível que o pai teria admirado muito, a bordo do qual eles zuniam pelos Champs-Élysées nas noites de verão. Essas coisas correspondiam à sua mais profunda noção de realidade, pela simples razão de serem os valores de seus pais.

Nunca sequer lhe ocorrera que o relacionamento pudesse acabar. Lembrava-se da ruptura chegando, uma sensação de frio incipiente, como o primeiro indício do inverno, uma sensação desnorteante de algo errado, como se alguma coisa houvesse se quebrado bem lá dentro do motor da sua vida. Passara muito tempo fingindo que não conseguia escutar, não conseguia sentir, mas mesmo assim sua existência com Marc tinha se imobilizado de modo inexorável.

Ele fez uma pausa, o rosto contraído e branco. Sua boca de querubim estava virada para baixo, como a de uma criança. Os olhos redondos atrás dos longos cílios escuros brilhavam.

“Não sei há quanto tempo você escreveu a história que leu hoje à noite”, falou, “ou se ainda sente essas mesmas coisas agora, mas” — e para meu espanto ele começou a chorar abertamente, bem ali na mesa —, “mas era eu que você estava descrevendo, aquela mulher era eu, a dor dela era a minha dor, e eu tinha de vir dizer a você pessoalmente o quanto isso significou para mim.”

Imensas e reluzentes lágrimas pingavam de seus olhos e escorriam pelas bochechas. Ele não as enxugou. Ficou sentado ali, com as mãos no colo, e deixou a água escorrer pelo rosto. Os outros tinham parado de falar; Julian se inclinou e passou o braço grande em volta dos ombros diminutos de Oliver.

“Ai, ai, a torneira abriu outra vez”, disse ele. “Esta é a noite da água, hein?” Tirou um lenço do bolso e o estendeu. “Tome aqui, fofo. Seque esses olhos para mim… vamos sair para dançar.”

Os outros estavam em pé; Louis abotoava a jaqueta. Um amigo iria levá-los a uma boate ali perto, disse Julian, tornando a amarrar a gravata lilás com um floreio; só Deus sabia o que poderiam arrumar lá, mas, como ele tinha dito, não era do seu feitio recusar um convite.

Ele estendeu a mão para mim.

“Gostamos de ter você no nosso sanduíche”, falou. “Você foi menos dura do que eu esperava”, acrescentou, sem soltar meus dedos, “e mais saborosa.”

Ele estalou os lábios enquanto Louis observava com uma expressão de culpa e intimidação. Depois de Julian recolher a mão, Louis estendeu a dele por sua vez.

“Tchau”, disse ele, num tom ou de gravidade ou imitando-a.

Eles se viraram para ir embora, e fiquei surpresa ao ver o Presidente voltar para a mesa e se sentar. Disse a ele na mesma hora que não precisava se sentir obrigado a ficar para me fazer companhia. Se quisesse ir com os outros, eu não teria problema nenhum em voltar para o hotel.

“Não, não”, disse o Presidente num tom que não esclareceu se ele teria preferido ir ou não. “Vou ficar aqui. Você passou um tempão conversando com Oliver”, acrescentou, “estava começando a ficar com ciúmes.”

Não respondi a esse comentário. Ele perguntou se eu tinha lido os livros de Julian e Louis. Havia desabotoado o paletó e estava recostado na cadeira com as pernas cruzadas, balançando o pé para a frente e para trás. Reparei no seu sapato quando ele veio na minha direção e tornou a se afastar. Era uma bota de cadarço, nova, com o bico comprido e pontudo e furos abertos no couro marrom. O restante de suas roupas também tinha um aspecto caro: talvez fosse a exuberância do traje de Julian que tivesse me impedido de reparar no paletó bem cortado e ajustado do Presidente, na sua camisa escura limpa com os colarinhos engomados, na calça feita de algum material de qualidade e de aspecto macio. Sua expressão estava alerta e ele movia com frequência a cabeça pequena, observando-me.

“O que você achou?”, indagou ele.

Eu disse que tinha gostado de ambos, embora as suas diferenças sugerissem haver mais de um jeito de ser honesto, o que eu não sabia muito bem se era verdade. Não havia imaginado que fosse gostar de Julian, acrescentei, assim como ele não havia imaginado que fosse gostar de mim.

“De Julian”, disse o Presidente, “ou do livro de Julian?”

No que me dizia respeito, falei, ambos eram a mesma coisa.

O Presidente me olhou com um brilho ambíguo nos olhos que pareciam contas.

“Que coisa estranha para uma escritora dizer”, falou ele.

Perguntei-lhe sobre o seu trabalho, e ele passou algum tempo falando sobre a editora onde trabalhava como editor. Na semana seguinte, o diretor editorial iria passar alguns dias fora; o Presidente ficaria encarregado de administrar tudo sozinho. Isso acontecia duas ou três vezes por ano, o que bastava para convencê-lo — ou melhor, para fazê-lo lembrar, já que ele não precisava ser convencido — de que a responsabilidade era algo que deveria evitar. Da mesma forma, sua irmã

às vezes lhe pedia para cuidar da pequena sobrinha durante um ou dois dias, o que lhe proporcionava uma dose de paternidade tão grande quanto ele necessitava, além da enorme vantagem de a menina — de quem ele gostava muito — poder ser devolvida.

Perguntei-lhe para que ele usava sua liberdade, já que a defendia com tanto afinco, e ele pareceu um pouco espantado.

“Por essa eu não esperava”, falou.

Teria de pensar sobre a minha pergunta, continuou. Provavelmente aquilo tinha um elemento de egoísmo, isso ele podia admitir, bem como de imaturidade. Mas na verdade, para ser franco — já que a franqueza era o tema da noite, disse ele com uma sonora risada —, era medo.

De quê, perguntei?

Ele me olhou com um estranho misto de sorriso e careta.

Seu pai, falou depois de algum tempo, tinha propensão a se comportar em contextos públicos de um modo que causava extremo constrangimento para quem estivesse com ele. Em restaurantes e lojas, em trens, até mesmo nas reuniões de pais de alunos na escola; não havia como saber do que ele seria capaz. Qualquer evento desses só podia ser visto antecipadamente com apreensão pelos membros da sua família. Mas o Presidente ficava mais apreensivo do que os outros.

Perguntei o que exatamente seu pai fazia de tão constrangedor.

Fez-se um silêncio demorado.

Eu não sei, disse o Presidente. Não consigo explicar.

Por que, perguntei, ele pensava sentir mais ansiedade do que, por exemplo, a irmã que tinha mencionado mais cedo?

Eu não sei, tornou a dizer o Presidente. Só sei que sentia.

Não sabia por que tinha me dito isso, acrescentou após algum tempo. Era algo sobre o que em geral não falava. Seu pé continuava balançando para a frente e para trás, e fiquei observando o bico fino do sapato parecido com o de uma ave conforme avançava e recuava. Durante todo esse tempo, o Presidente vinha servindo vinho em nossas taças, e agora a garrafa estava vazia. Falei que era melhor voltar para o hotel: tinha de pegar um trem cedo na manhã seguinte. O Presidente reagiu a essa informação com uma surpresa evidente. Olhou para o relógio. Reparei que o pulso dele tinha ossos fortes e saltados, e que a pele branca era coberta por pelos pretos vigorosos. Vi pensamentos passando pela cabeça dele, mas não soube quais eram. Imaginei que estivesse calculando se era tarde demais para ir encontrar os outros na boate. Ele se levantou e perguntou em

que hotel eu estava hospedada.

“Posso acompanhar você de volta até lá?”, perguntou ele.

Repeti que não havia necessidade, se ele tivesse outra coisa para fazer.

“Você passou a noite inteira sem tirar o casaco”, disse ele, “então nem ajudá-la a vesti-lo eu posso.”

Do lado de fora estava tão escuro que mal era possível ver a calçada à nossa frente. Tinha parado de chover, mas a água escorria em grossos pingos da folhagem mais acima. Na escuridão, a massa de pesados troncos com suas raízes labirínticas que margeava a rua parecia tão impenetrável quanto uma floresta. O Presidente pegou seu celular e usou a luz como lanterna. Tivemos de andar muito perto um do outro para conseguir ver aonde estávamos indo. Nossos braços e ombros se tocavam. Senti uma consciência começar a surgir, uma compreensão nascente, como se algum componente incompreensível de repente houvesse encaixado no lugar. Atravessamos a rua para dentro da luz mais forte que vinha do hotel. Abri o portão e o Presidente entrou atrás de mim no pátio com chão de cascalho. Havia um lance de largos degraus de pedra que levava até a porta da frente. Parei no pé dos degraus. Agradeci ao Presidente por ter me acompanhado, virei-me de costas para ele e subi os degraus. Ele me seguiu escada acima; pude senti-lo bem atrás de mim, uma forma escura muito próxima, como um gavião pairando e se erguendo no ar. Quando tornei a me virar, ele deu dois passos rápidos na minha direção. Parecia estar atravessando algum elemento insondável ou espaço abissal, onde as coisas caíam e se quebravam muito lá embaixo na escuridão de suas profundezas. O corpo dele alcançou o meu e ele me empurrou para trás contra a porta e me deu um beijo. Pôs a língua quente e grossa dentro da minha boca; enfiou as mãos dentro do meu casaco. Seu corpo esbelto e duro mais insistiu do que forçou. Senti as roupas macias e caras que ele estava usando e a pele quente debaixo delas. Ele afastou o rosto do meu por um instante para poder falar.

“Você parece uma adolescente”, disse ele.

Passou muito tempo me beijando. Tirando esse comentário, ninguém falou nada. Não houve explicações nem palavras de carinho. Tomei consciência das minhas roupas úmidas com cheiro de molhado e dos meus cabelos embaraçados. Quando nossos corpos por fim se separaram, afastei-me, girei a maçaneta e abri a porta alguns centímetros. Ele deu um passo para trás; parecia estar sorrindo. Na escuridão iluminada, era uma silhueta preenchida pela luz branca.

Boa noite, falei.

Entrei e fechei a porta.

O nome da aluna era Jane. Ela estava sentada no sofá, pelo visto sem perceber que ele — e tudo o mais no recinto — se encontrava coberto por lençóis brancos.

Obrigada, disse ela, aceitando uma xícara de chá e colocando-a cuidadosamente no chão ao seu lado.

Era uma mulher alta, magra e de físico estreito, com seios firmes surpreendentemente generosos que o suéter justo azul-turquesa realçava. Alisava a saia lápis verde-limão com frequência por cima das coxas. Não usava maquiagem: seu rosto nu marcado de traços precisos parecia o de uma criança preocupada. Os cabelos claros estavam empilhados no alto da cabeça de um modo que revelava a elegância do pescoço comprido.

Estava agradecida por eu ter aceitado trabalhar com ela, falou — desconfiara que fossem tentar jogá-la no colo de alguma outra pessoa. No semestre anterior, ela havia caído com um escritor que vivia tentando fazê-la reescrever o final de livros alheios. No semestre antes desse fora um escritor de livros de memórias tão preocupado com a própria vida que nunca conseguiu comparecer a uma das suas reuniões. Ele às vezes lhe telefonava da Itália, para onde sempre ia visitar a namorada, e lhe dava exercícios para fazer pelo telefone. Queria sempre que ela escrevesse sobre sexo; talvez fosse apenas um tema que por acaso estava na sua cabeça na época.

O fato, disse ela, é que eu sei sobre o que quero escrever. Ela fez uma pausa e tomou um gole do chá. Só não sei como escrevê-lo.

Do outro lado das janelas da sala, o céu da tarde era um vazio cinza e parado. De vez em quando algum som vinha da rua, a porta de um carro batendo ou um fragmento de alguma conversa fortuita.

Falei que nem sempre era uma questão de saber como.

Ela arqueou as sobrancelhas, que tinham sido depiladas até virarem curvas finas, escuras e perfeitamente traçadas.

Então era uma questão de quê, perguntou?

O material que ela vinha juntando nos últimos quatro ou cinco anos, continuou, já tinha agora se acumulado num conjunto de anotações de mais de

trezentas mil palavras; ela estava ansiosa para começar a escrever de fato. O material tinha a ver com a vida do pintor americano Marsden Hartley, alguém de quem um número bem pequeno de pessoas na Inglaterra tinha ouvido falar, embora nos Estados Unidos suas obras pudessem ser encontradas em exposição na maior parte das galerias e museus de grande porte. Perguntei se ela tinha ido lá vê-las.

Não tenho tanto interesse assim pelos quadros, disse ela após uma pausa.

Tinha visto parte da obra dele em Paris, continuou; houve uma retrospectiva lá. Ela estava passando por acaso e viu um dos cartazes do lado de fora. A imagem que eles tinham usado a fizera entrar imediatamente na galeria e comprar um ingresso para a exposição. Era de manhã cedo — a galeria acabara de abrir — e não havia mais nenhum visitante. Ela percorrera sozinha as cinco ou seis grandes salas de quadros. Ao sair, passara por uma revolução pessoal completa.

Ela tornou a se calar. Bebericou seu chá com uma expressão de equanimidade, como se estivesse confiante de que eu não conseguiria resistir a lhe pedir para continuar e me contar exatamente o que havia causado a tal revolução pessoal. Eu podia ouvir os vizinhos se movimentando no andar de baixo sob os nossos pés. De vez em quando se ouviam batidas que pareciam portas sendo abertas e fechadas, e vozes que se elevavam e baixavam.

Perguntei-lhe o que ela estava fazendo em Paris, e ela respondeu que tinha ido passar uns dias lá para dar um curso. Era fotógrafa profissional, e muitas vezes a convidavam para ministrar cursos curtos. Ela fazia isso por dinheiro, mas também porque essas viagens para longe de casa às vezes se revelavam paradas intermediárias, mesmo que na época ela não se desse conta disso. Proporcionavam-lhe um distanciamento da própria existência: sua vida se tornava algo que ela podia ver, em vez de estar imersa nela como costumava estar, embora não gostasse particularmente do ato de lecionar em si. Os alunos em geral eram tão exigentes e tão obcecados por si mesmos que ela depois se sentia inteiramente exaurida. No início sentia estar lhes dando alguma coisa, algo bom, algo que pudesse mudar a vida deles — no início a sensação de exaurimento lhe parecia uma espécie de exaustão virtuosa. Conforme ela ia sendo sucessivamente esvaziada ao longo dos quatro ou cinco dias do curso, porém, algo diferente começava a acontecer. Ela passava a vê-los de modo mais objetivo, os alunos; a necessidade que eles tinham dela começava a parecer algo menos pensado e mais parasita. Sentia-se ludibriada por eles para acreditar ser generosa, incansável, inspiradora, quando na verdade era apenas uma vítima que

estava sacrificando a si mesma. Era esse sentimento que muitas vezes a conduzia a uma visão clara da própria vida. Ela começava a oferecer menos aos alunos e a oferecer mais a si mesma; ao exauri-la, eles geravam nela uma capacidade nova de egoísmo. Quando o curso se aproximava do fim, ela já havia começado a cuidar de si mesma, muitas vezes, de outra forma, com mais carinho, como se fosse uma criança; começava a sentir os primeiros sinais de amor-próprio. Era nesse estado que tinha passado em frente à galeria e visto a reprodução do quadro de Marsden Hartley no cartaz.

Havia um homem lecionando no curso junto com ela, acrescentou; um homem mais velho — ela era suscetível a esse tipo de homem —, fotojornalista conhecido cujo trabalho ela admirava. Houve algo entre eles desde o início, uma eletricidade, muito embora ele fosse casado e vivesse nos Estados Unidos. Ela acabara de romper com seu parceiro depois de um relacionamento de dois anos, alguém que a conhecia de modo completo o bastante para que a demolição do seu caráter por ele empreendida em suas últimas discussões não tivesse como não prejudicar sua opinião sobre si mesma; ela se agarrou à atenção do fotojornalista como se fosse um bote salva-vidas. Ele era um homem inteligente — ou pelo menos com a reputação de ser inteligente — e poderoso; o fato de ter prestado atenção nela representou um contraponto ao desprezo do ex-namorado. Na última noite, os dois tinham caminhado juntos por Paris até as três da manhã. Ela mal havia pregado o olho; de tão excitada e empolgada, tinha levantado cedo e caminhado um pouco mais pela cidade deserta ao amanhecer, caminhado, caminhado até o cartaz a fazer parar.

Perguntei-lhe o que ela fotografava.

Comida, respondeu ela.

O telefone tocou no cômodo ao lado e eu lhe pedi licença para ir atender. Era meu filho mais velho, a quem perguntei onde estava. Na casa do papai, respondeu ele, parecendo surpreso. O que está acontecendo aí?, perguntou ele. Eu disse que estava no meio de uma orientação a uma aluna. Ah, fez ele. Houve um silêncio. Pude ouvir um barulho de algo farfalhando e o som da respiração dele no fone. Quando a gente vai voltar?, perguntou ele. Eu disse que não sabia ao certo; o mestre de obras achava que talvez fosse possível dali a umas duas semanas. Não tem ninguém aqui, disse ele. É esquisito. Eu sinto muito, falei. Por que a gente não pode simplesmente ser normal?, disse ele. Por que tudo tem de ser tão esquisito? Eu disse que não sabia por quê. Estava fazendo o melhor que eu podia, falei. É isso que os adultos sempre dizem, falou ele. Perguntei como tinha sido seu dia na escola. Foi tudo bem, disse ele. Ouvi Jane limpar a garganta

com um pigarro no cômodo ao lado. Falei que sentia muito, mas precisava desligar. Tudo bem, disse ele.

Quando voltei para a sala, chamou-me a atenção a visão cor de joia das roupas de Jane em meio à paisagem branca dos lençóis. Ela havia permanecido muito parada, com os joelhos unidos e a cabeça ereta, os dedos pálidos abertos e espaçados regularmente em volta da xícara. Peguei-me pensando quem era ela exatamente; havia ao seu redor um clima dramático que parecia provocar apenas duas reações: ser absorvida por ele ou se afastar. No entanto, a perspectiva de ser absorvida parecia um tanto árdua; recordei seus comentários sobre o caráter exaustivo dos alunos e pensei na frequência com que as pessoas traíam a si mesmas por meio daquilo em que reparavam nas outras. Perguntei-lhe quantos anos tinha.

Trinta e nove, disse ela, com um pequeno levantar desafiador da cabeça sobre o longo pescoço.

Perguntei o que havia naquele pintor — Marsden Hartley — que lhe interessava tanto.

Ela me encarou nos olhos. Os seus eram surpreendentemente pequenos: não tinham cílios e eram pouco femininos — a única coisa não feminina em toda a sua aparência — e da mesma cor do lodo.

Ele sou eu, disse ela.

Perguntei-lhe o que ela queria dizer com isso.

Eu sou ele, disse ela, e então acrescentou, levemente impaciente: nós somos iguais. Sei que parece um pouco estranho, continuou ela, mas na verdade não há motivo para as pessoas não poderem ser repetidas.

Eu disse que, se ela estivesse falando em identificação, tinha razão — era bastante comum ver a si mesmo nos outros, principalmente se esses outros existissem longe de nós, por exemplo, os personagens de um livro.

Ela balançou a cabeça com frustração uma única vez.

Não foi isso que eu quis dizer, falou.

Quando tinha dito mais cedo não estar interessada nos quadros dele, o que estava tentando dizer era que não estava interessada neles objetivamente, como arte. Eles eram mais pensamentos, pensamentos na cabeça de outra pessoa que ela podia ver. Foi o fato de vê-los que lhe permitiu reconhecer que esses pensamentos eram seus. Na galeria, os curadores da exposição tinham disponibilizado nas paredes vários comentários críticos e notas biográficas. Ela havia começado a lê-los ao passar de uma sala à outra, e no início ficara decepcionada ao perceber que a sua vida e a de Marsden Hartley na verdade não

tinham absolutamente nada em comum. A mãe dele tinha morrido quando ele era pequeno; a sua ainda estava viva e gozando de boa saúde em Tunbridge Wells. Seu pai, quando ele estava com oito ou nove anos, havia se casado de novo e simplesmente abandonou o filho, mudando-se com a nova esposa para outra região do país e deixando-o para ser criado por parentes. Quando ele virou adulto, foi para se transformar num homem gay que só havia conseguido consumar sua sexualidade um punhado de vezes na vida; Jane, que além de ser mulher era totalmente heterossexual, não queria nem contar com quantos homens já havia transado, mesmo que pudesse se lembrar de todos. Ele tinha passado a maior parte da vida adulta vivendo praticamente na pobreza, passando longos períodos na França e na Alemanha e só retornando aos Estados Unidos quando seu dinheiro acabava; ela era uma inglesa de classe média com uma renda modesta, mas regular, que, embora gostasse de viajar, jamais sequer cogitaria morar no exterior. Mais do que tudo, ele tivera contato com muitos dos ícones da sua época — pintores, escritores e músicos famosos — e isso era algo em que Jane achava quase doloroso pensar, pois uma das suas maiores reclamações em relação à própria vida, se ela fosse bem sincera, era a falta de pessoas interessantes. Seu anseio de pertencer ao tipo de mundo que Marsden Hartley havia frequentado era tal que ela se sentia presa num perpétuo e frustrado estado de prontidão, de alerta, como se temesse piscar os olhos e descobrir que havia deixado passar esse mundo bem do seu lado. Por mais infeliz que tivesse sido a existência de Marsden Hartley, ao contrário da sua, contivera esse tipo de consolo e oportunidade.

Além do mais, disse Jane, ele morreu.

Ficamos algum tempo sentadas em silêncio. Jane segurava sua xícara como se aquilo não tivesse nada a ver com ela enquanto o líquido esfriava lá dentro. Enquanto tentava processar essa sensação que combinava familiaridade com dissonância, tinha voltado aos quadros, prosseguiu, às suas estranhas cores levemente ofuscantes e formatos arredondados, à sua interioridade e mesmo à simples honestidade infantil de suas formas. Muitos deles retratavam o mar, o que aprofundou ainda mais sua confusão: ela nunca havia morado perto do mar nem se sentido particularmente atraída pela paisagem marítima. Então, por fim, topou com um pequeno óleo que retratava um barco numa tempestade. Era pintado num estilo ingênuo — o barco parecia um barco de brinquedo de criança, as ondas eram as ondas em espiral que uma criança teria pintado, e a tempestade, uma imensa forma branca no céu parecendo uma bolha. Leu o comentário junto ao quadro que contava a história das visitas anuais de Marsden

Hartley à Nova Escócia, onde ele passava as semanas do verão morando com uma família de pescadores de lá no seu chalé, e onde — na companhia dessa família — havia encontrado a única felicidade e a sensação de pertencimento genuínas que conhecera. Os filhos da família, bem como vários primos do sexo masculino, o aceitaram e viraram seus amigos, ele, um artista pálido, neurastênico e atormentado, e eles, por sua vez, varões rurais belos e robustos inclinados a paixões liberais; nesse local selvagem e remoto, sua casa era tão cálida e física quanto a toca de um animal, o total oposto do sofá de Gertrude Stein em Paris — onde Marsden Hartley ocasionalmente se vira sentado —, e havia alguma sugestão de que esse clima brincalhão morno e animal tivesse chegado até a alcançar a solidão sexual de Marsden Hartley (eles tinham tanta probabilidade, recordou ele certa vez, de copular alegremente com uma mulher quanto com um cavalo) e aliviá-la. Durante uma dessas visitas de verão, enquanto Marsden Hartley permanecia no chalé durante o dia pintando, os irmãos foram de barco a Halifax com um dos primos para desembarcar seus pescados, e os três morreram afogados numa feroz tempestade.

Foi essa história, continuou Jane depois de algum tempo, que fez ocorrer o cataclismo da tomada de consciência — que ela havia chamado de revolução. Em vez de espelhar os fatos literais de sua própria vida, Marsden Hartley estava fazendo algo muito maior e mais importante: ele os estava dramatizando.

Perguntei-lhe o que, nessa história específica, a tinha feito chegar a essa conclusão.

Aquilo parecia tão sem sentido, disse ela, tão inútil e triste. Era quase terrível demais para ser verdade. Eu estava tentando entender o que significava, por que aquilo havia acontecido com ele depois de tudo por que já passara, e não com outra pessoa. Ele havia perdido a mãe e fora abandonado pelo pai, fracassara repetidas vezes nas tentativas de encontrar e manter um amante — até mesmo um amigo seu, alguém que gostava dele, tinha escrito certa vez que era impossível não rejeitá-lo, que algo nele simplesmente levava as pessoas a fazerem isso. Ao ler essas coisas, disse ela, comecei a entender: quando ele amava algo, mandava essa coisa embora. Percebi ali que, se eu precisasse descrever minha própria vida — muito embora, como estou dizendo, os exemplos seriam bem menos dramáticos —, usaria exatamente essas mesmas palavras.

Enquanto ela falava, a sala ia sendo tomada por um cheiro forte e rançoso. O cheiro vinha do apartamento do subsolo. Pedi desculpas e expliquei que as pessoas que moravam lá embaixo às vezes preparavam comidas que — pelo

menos de longe — tinham um cheiro bem desagradável.

Estava me perguntando o que era, disse Jane com um inesperado sorriso brincalhão. Deve ser alguma coisa que eles pegaram no quintal, acrescentou, porque não conheço mais nada que tenha um cheiro tão ruim assim quando cozido. Quando ela era criança, sua mãe costumava ferver esqueletos de animais — esquilos, ratos, certa vez até a cabeça de uma raposa — para pintá-los. O cheiro era igualzinho, disse Jane.

Se ela estivesse incomodada, falei, seria muito fácil sairmos e encontrarmos um café em algum lugar para terminar nossa conversa.

Prefiro não, disse Jane na hora. Como eu disse, na verdade estou bem acostumada com esse cheiro.

Sua mãe era uma pintora de bastante sucesso, continuou ela. Na verdade, essa era a única coisa à qual ela jamais tinha dado importância — provavelmente não deveria sequer ter tido filhos, mas na época era o que se fazia. Ela não considera o que eu faço grande coisa, disse Jane. Nem mesmo o trabalho recente que Jane conseguira para fotografar o folheto de Natal da rede de supermercados Waitrose a tinha impressionado. De toda forma, ela detesta comida, disse Jane. Nunca havia nada para comer quando éramos pequenos. Até o freezer vivia cheio de animais mortos, e não do tipo que você fosse querer comer no jantar. As outras crianças tinham *nuggets* de peixe e picolés de chocolate nos seus freezers; Jane tinha animais nocivos em estado de parcial decomposição. As experiências de fome de Marsden Hartley, acrescentou ela, eram outra fonte de afinidade: elas o haviam tornado ao mesmo tempo obcecado e aterrorizado pela comida. Ele compensava os episódios de fome comendo demais quando surgia uma oportunidade. Diziam que, no fim da vida, tinha morrido de tanto comer. Esse era mais um daqueles exemplos de dramatização: a própria Jane tinha distúrbios alimentares — que mulher não tinha —, mas no seu caso não era uma questão de força de vontade e controle, ou pelo menos não havia começado assim. As ausências mentais e muitas vezes físicas de sua mãe a tinham feito ser subalimentada quando criança; adulta, ela ainda era assombrada pela fome e pela certeza de que, se algum dia começasse a comer, não conseguiria parar.

Eu tiro fotos de comida, disse ela, em vez de comer.

Depois de ler sobre Marsden Hartley ter morrido de tanto comer, ela havia tentado descobrir mais sobre o que de fato acontecera. Devorou páginas e mais páginas sobre suas pinceladas e influências, as fases do seu desenvolvimento e seus momentos críticos, mas ninguém tinha muito a dizer sobre o tema dos seus distúrbios alimentares. Imagino que não houvesse linguagem para isso na época,

disse ela. Em todas as fotos que vira, ele era um homem alto e delgado, com um rosto empinado semelhante ao de um pássaro, mas então enfim, um dia, havia encontrado uma foto em preto e branco dele no fim da vida. Estava em pé num recinto vazio, um espaço branco — parecia uma galeria, mas não havia quadro nenhum nas paredes — e usava um grande sobretudo preto abotoado por cima do corpo imenso. A cabeça acima do pescoço ainda estreito despontava no alto, parecendo quase desassociada da massa abaixo dela; o rosto, embora mais velho, continuava praticamente o mesmo. Na verdade, pensando bem, parecia mais infantil, tão crua sua expressão de sofrimento. Era a foto de uma criança atormentada aprisionada dentro de um grande rochedo de carne.

O que ela aprendeu, sim, com todos os livros foi outra coisa, algo que na verdade não esperava, a saber, que a história da solidão é bem mais longa do que a história da vida. No sentido daquilo que a maioria das pessoas quer dizer com vida, falou. Sem filhos ou um parceiro, sem uma família de verdade ou um lar, um dia pode durar uma eternidade; uma vida sem essas coisas é uma vida sem história, uma vida na qual não há nada — nenhuma progressão narrativa, nenhum desenvolvimento de enredo, nenhum drama humano imersivo — para aliviar o cruelmente meticuloso passar do tempo. Ele só tinha o trabalho, disse ela, e no fim ficava com a sensação de que havia trabalhado mais do que poderia ter serventia para qualquer um. Morreu aos sessenta e poucos anos, mas, quando se lê a respeito, a impressão é de que a sua vida perdurou por mil anos. Até mesmo a vida social que ela invejava tinha começado a lhe pesar, seu caráter raso, os mesmos rostos competitivos nos mesmos recintos, a repetição e a falta de crescimento, a falta de ternura ou intimidade.

Solidão, disse ela, é quando nada se prende a você, quando nada ao seu redor prospera, quando você começa a pensar que mata as coisas pelo simples fato de estar presente. Mas quando ela olhava para a mãe, que morava sozinha em meio a tamanha imundície que francamente seria melhor queimar a casa e pô-la abaixo quando chegasse a hora de vender, via uma pessoa feliz na sua solidão, no seu trabalho. É como se houvesse algo que ela não soubesse, disse ela, porque ninguém nunca a forçou a saber.

Perguntei se, caso algum outro artista estivesse expondo na galeria naquela manhã em Paris, ela poderia ter reconhecido uma narrativa diferente, ou pelo menos uma narrativa que combinasse os mesmos elementos de outro modo.

Ela me encarou em silêncio com seus olhos pequenos e inescrutáveis.

É isso que você acha?, perguntou.

Eu na verdade tinha visto um quadro de Marsden Hartley. Fazia muitos anos,

numa galeria em Nova York; estava lá com meu marido e meus filhos, contei a ela, de férias, e tínhamos entrado na galeria para fugir da chuva. O quadro era uma paisagem marinha: retratava um muro movente de água branca, e no céu uma nuvem de chuva coalhada de losangos azuis e verdes cujo derramamento vulcânico se situava em algum ponto no futuro do quadro. Eu ficara olhando o quadro enquanto meus filhos, que ainda eram pequenos, se impacientavam cada vez mais; parecera ver nele uma ameaça cujo significado me penetrou como um espeto no peito. Na verdade, ainda podia vê-lo, a brancura turbulenta aumentando e se adensando, a onda cuja incapacidade de impedir a si mesma de se erguer e quebrar constituía o seu inexorável destino. Era perfeitamente possível se tornar prisioneiro da visão de um artista, falei. Assim como o amor, disse eu, ser compreendido cria o medo de você nunca mais ser compreendido outra vez. Mas houve outros quadros, falei, antes e depois, que tinham me comovido com igual profundidade.

Eu tenho trezentas mil palavras de anotações, disse ela, fria. Não posso simplesmente jogá-las fora.

O cheiro do subsolo tinha ficado tão forte que me levantei e fui abrir a janela. Olhei para a rua deserta lá embaixo, as filas de carros estacionados, as árvores que já perdiam as folhas e cujos galhos começavam a surgir, qual membros nus entre andrajos. O ar entrou, surpreendentemente frio e veloz.

Por que não?, perguntei.

Não estou ouvindo isso, disse ela. Não quero ouvir isso.

Ao me virar, deparei-me com a visão dela em meio à paisagem ondulante de lençóis, a brancura rompida pelos formatos azuis e verdes de suas roupas. Ela exibia uma expressão abalada.

Obviamente podia fazer o que quisesse, falei, e eu ajudaria o máximo que conseguisse.

Mas eu estaria perdendo meu tempo, disse ela.

Perdendo não, falei. Gastando, sim.

Pedi-lhe para me contar sobre a noite em Paris que ela havia passado com o fotojornalista, na véspera da sua descoberta de Marsden Hartley.

Ela me encarou sem entender.

Por que você quer saber sobre isso?, perguntou.

Respondi que não sabia exatamente por quê.

Ela deu um suspiro, e seu busto azul-turquesa subiu e desceu.

Era a última noite do curso, falou, e houve drinques para celebrar a ocasião. Era verão, e a festa fora organizada nos jardins do prédio, que ficava perto do rio

junto à Place Saint-Michel. Os jardins eram muito bonitos ao anoitecer, e como o patrocinador do curso era uma empresa de fabricantes de champanhe, essa foi a bebida servida. Ela estava usando um lindo vestido branco que comprara no dia anterior na Rue des Fougères, e tinha se dado ao trabalho de ir ao hotel trocar de roupa apesar de o seu ex-namorado a ter provocado pelo telefone mais cedo no mesmo dia quando ela falara com ele, dizendo que ela só se importava com a sua aparência e capacidade de atrair homens. O fotojornalista estava presente, bebendo champanhe nos elegantes jardins perfumados onde era possível escutar o barulho débil do tráfego no Boulevard Saint-Michel, mas lá estava também — de modo inesperado — uma pessoa que lhe desagradava, um homem do seu país, da Inglaterra, um colega fotógrafo que a tinha ofendido e sabotado num trabalho que os dois haviam feito juntos. Ela não sabia o que ele estava fazendo ali, mas estava grudado feito cola no fotojornalista famoso. Apesar disso, os fios da atração cuidadosamente tecidos entre ela e o fotojornalista ao longo dos últimos dias permaneceram intactos: eles se entreolhavam com frequência e cruzavam olhares; e então, em outros momentos, não se olhavam em absoluto e permitiam que seus corpos irradiassem entendimento. Ela se sentia exultante, cheia de certeza, como uma noiva em seu vestido branco; vários alunos vieram abordá-la para elogiar seu trabalho e dizer o quanto ela os havia ajudado. Uma hora ou mais transcorreu; a festa começou a se dispersar. Ela ficou esperando que o fotojornalista fosse falar com ela, mas ele não o fez, e conforme mais tempo foi passando ela começou a ser tomada pela fria certeza de que não o faria. Para fugir dessa certeza, decidiu ir abordá-lo ela própria; a sensação exultante, e sua determinação de permanecer nesse estado, foram mais poderosas do que a fastidiosa e decepcionante realidade. Ele continuava entretido numa conversa com o seu adversário — o inglês —, personagem de meia-idade e aspecto libertino que ela sempre tinha achado fisicamente repulsivo, com seu corpo flácido e pançudo e seus grandes dentes tortos amarelos. Ele os exibia como um cavalo, com os lábios esticados para trás, rindo de tudo que o fotojornalista dizia.

Eles três — o inglês não tinha intenção alguma de ser desalojado — decidiram ir a um restaurante, e saíram da festa e subiram o Boulevard Saint-Michel até um bistrô que o fotojornalista conhecia. Era um lugar ruidoso, com uma iluminação agressiva, cheio de espelhos e superfícies metálicas. Ela se sentou à mesa com os dois homens e passou a travar com o inglês uma batalha explícita pela atenção do fotojornalista, batalha que soube ter ganhado quando, após duas longas horas, ele se inclinou na sua direção e pousou a mão de leve no seu pulso para observar,

num tom preocupado, que ela não tinha comido nada. Era verdade — sua comida continuava mais ou menos intacta no prato. O bistrô era o tipo de lugar antiquado e nada romântico em que a louça se parecia com as fotografias dos livros de culinária dos anos 1970, o tipo de livro de culinária que mulheres da geração da sua mãe costumavam ter e dos quais na verdade havia um exemplar memorável na casa onde ela própria havia passado a infância, já que seu pai, em algum momento, tinha assinado para sua mãe uma coleção de fascículos encadernados intitulada *Culinária Cordon Bleu*.

Ele devia estar desesperado, disse ela com um sorriso.

Os fascículos chegavam todo mês dentro de grandes pastas rígidas gravadas em relevo, e ele punha cada um ao lado do antecessor não lido até a coleção ocupar uma prateleira inteira. Que Jane soubesse, sua mãe jamais havia aberto nenhuma dessas pastas; a única pessoa que as olhava era a própria Jane, sentada sozinha na cozinha à tarde depois da escola, quando a mãe estava em seu ateliê de pintura e o pai, que tinha saído de casa, casado de novo e se mudado, não morava mais lá. Por muito tempo havia se perguntado por que motivo ele não levou consigo, ao partir, aqueles belos e prestigiosos volumes — cuja chegada e posicionamento tratava como uma questão de grande cerimônia. Naquela época não tinha permissão para tocá-los, mas agora lá estavam eles, empoeirados e esquecidos em sua prateleira na cozinha imunda; ela entendia que tinham sido abandonados. Sentava-se e ficava virando as páginas e estudando as ilustrações artificiais de bife Wellington e batatas *dauphinoises*, as cores alarmantes e assustadoramente irreais, a granulosidade das fotos a sugerir alguma história que ou nunca tinha ocorrido, ou então que ela de alguma forma havia deixado passar, não sabia ao certo qual dos dois. Às vezes era possível ver nas fotografias a mão de alguém, que aparecia para executar alguma manobra culinária: uma mão branca, pequena, limpa e assexuada, com as unhas escovadas e cortadas rente. A mão tocava coisas sem deixar marcas e tampouco ser marcada: permanecia limpa, impoluta, mesmo limpando peixe ou tirando a pele de um tomate. Ao tocar seu pulso, a mão do fotojornalista estranhamente a tinha feito se lembrar disso.

O inglês havia observado esse gesto sugestivo e, dali a mais meia hora ou algo assim, se levantou para ir embora.

Estou com a sensação de que vocês não querem mais nenhum acompanhante, disse ele, desagradável, exibindo os dentes amarelos. Espremeu-se para sair dando a volta na mesa, e a sacudiu fazendo os talheres tilintarem e o vinho chacoalhar nas taças. Encarou-a bem nos olhos. Boa sorte, falou.

Depois disso, o fotojornalista havia pagado a conta e os dois tinham saído para a cidade morna e escura lá fora. Ele sugeriu que tentassem encontrar um bar. A essa altura já era tão tarde que essa busca se revelou infrutífera — nenhum dos dois conhecia Paris suficientemente bem — e tornou-se, em vez disso, uma caminhada sem rumo. Eles andavam bem próximos um do outro, os braços às vezes se tocando. Ela podia sentir sua imanência, a totalidade da sua atenção; eles pareciam estar andando em direção a algum acordo, a algo inevitável, sem nunca de fato o alcançar. Em determinado momento, ele parou, segurou-a pelo cotovelo e a fez se deter na escuridão de uma rua lateral, mas foi só para poder amarrar o cadarço do sapato. Ela começou a sentir um aumento da atenção, da consciência de si mesma; ficou se perguntando como a sedução, que mais cedo havia parecido uma certeza, iria ocorrer. Percebeu de repente que ele era um tanto velho, que devia ter o dobro da sua idade; em determinado momento, notou quando ele pôs na boca uma pequena bala de hortelã, como se receasse causar repulsa. Apesar de a sua animação ser palpável, por baixo dela havia algo fixo e inamovível, alguma barreira que ela não sabia ao certo como romper. Por fim, após duas horas caminhando e conversando, eles constataram que estavam em frente ao seu hotel. Ele ainda falou de modo confuso por mais uns dez minutos no lobby; então a beijou secamente na bochecha, disse boa-noite e foi para a cama.

Jane tinha ido para o quarto e ficado deitada encarando o teto num estado de alerta exaltado e tenso. Então, como já havia me contado, se levantou ao amanhecer e saiu andando sozinha pela cidade outra vez.

Perguntei-lhe sobre o que o fotojornalista tinha falado durante a sua caminhada.

Sobre a mulher, disse ela. Sobre como ela era inteligente. E talentosa.

Em determinado momento, tinha lhe dito que ele e a mulher haviam se separado durante um período. Ela lhe perguntara por quê. Ele disse que tinha sido por causa do trabalho: a mulher tinha conseguido uma promoção importante que a levou para o outro lado do país, e ele tinha coisas que queria fazer ali, na Europa. Os dois haviam morado separados por dois anos, cada qual envolvido num projeto diferente. Ao final desse período, haviam tornado a se juntar em sua casa no Wyoming. Ela lhe perguntou, ousada, se tinha havido alguma infidelidade. Ele negou. Com veemência, arrematou ela.

Foi nessa hora que eu soube que ele era um mentiroso, disse ela, que, apesar de todo o seu trabalho jornalístico e de toda a sua honestidade, estava decidido a se manter intocado, a pegar sem dar, a acumular para si como uma criança

gulosa. Soube que ele queria ir para a cama comigo, falou, que tinha refletido integralmente sobre isso e decidido — a partir da experiência, não tenho dúvida, disse ela — que era um risco grande demais a correr.

Perguntei-lhe por que ela havia sentido tamanha empolgação depois desse encontro chocho.

Não sei, disse ela. Acho que foi a sensação de ser admirada. Passou algum tempo calada, olhando na direção da janela, com o rosto erguido. Admirada, continuou, por alguém mais importante do que eu. Não sei por quê, disse ela. Isso me empolgou. Sempre me empolga. Muito embora, falou, se possa dizer que eu não ganho nada com isso.

Ela olhou para o relógio: estava tarde; era melhor ir embora e me deixar em paz. Pegou a bolsa e se levantou em meio aos lençóis.

Eu disse que ela deveria refletir sobre a nossa conversa, e se algo tinha sido dito que pudesse lhe proporcionar um começo. Disse ter certeza de que isso em breve ficaria claro.

Obrigada, disse ela, apertando de leve a minha mão com os dedos esguios. Pude perceber que não tinha acreditado em mim.

Fomos até o hall e abri a porta para ela. Os vizinhos do apartamento de baixo estavam em pé na calçada sob a tarde cinza, desenxabidos com seus sobretudos. Ao ouvir o barulho da porta, viraram-se para olhar com expressões fechadas e desconfiadas, e Jane retribuiu seu olhar de modo imperioso. Imaginei-a no crepúsculo de um jardim parisiense, imaculada em seu vestido branco, um objeto ávido se não por ser interpretado, então ao menos pela realização proporcionada por um olhar humano de admiração, como um quadro pendurado na parede, à espera.

A van do mestre de obras tinha quebrado; o supervisor Tony disse que isso acontecia o tempo todo. Estávamos no reluzente Audi bordô de Tony a caminho da loja de material de construção para buscar alguns produtos.

“Este carro chique”, explicou ele, tirando as mãos do volante para demonstrar. O interior do carro era impecável, todo de couro preto. “Eu compro carro que nunca quebra”, disse Tony, “e olha só o que acontece. Sou eu que tenho que buscar cimento.”

Mais cedo, eu havia ficado na rua e o observei forrar cuidadosamente o porta-malas com lençóis.

“Como assassino”, disse ele, dando um largo sorriso que deixou à mostra um conjunto impressionante de dentes brancos. “Lugar para dois cadáveres”, acrescentou, sugestivo. Apontou para a porta do apartamento do subsolo. “Na Albânia”, falou. “Eu conheço gente — bom desconto.”

Estávamos no tráfego lento com o rádio ligado. Tony disse que o deixava ligado para melhorar seu inglês. Sua filha falava inglês melhor do que ele, e tinha apenas cinco anos.

“Cinco anos de idade!”, gritou ele, batendo com a mão espalmada no volante de couro. “Incrível!”

A rua cinza ia passando lentamente ao nosso lado. Tony olhava para ela com frequência, empertigando-se no assento. Dirigia muito ereto atrás de seus óculos espelhados, com um único dedo pousado sobre o couro do volante. Suas coxas grandes e duras estavam confortavelmente abertas num V perfeito. Usava uma camiseta vermelha justa que deixava à mostra o peito vigoroso e os braços musculosos.

“Eu amo a Inglaterra”, disse ele. “Amo os bolos ingleses.” Ele sorriu. “Principalmente o *hijack.*”

Você quer dizer *flapjack*, falei.

“*Flapjack!*”, gritou ele, num delírio, jogando a cabeça para trás. “Isso, eu amo *flapjack!*”

Sua filha, continuou ele, gostava da escola — falava da escola o tempo todo.

De manhã ele a encontrava sentada na escada usando seu uniforme completo, à espera. Sua professora tinha lhe dito que ela já lia melhor do que algumas das crianças de dez anos.

“Minha filha”, disse ele, batendo com a mão no seu peito musculoso, “lendo inglês melhor do que os ingleses.”

A família havia se mudado para a Inglaterra três anos antes. A única pessoa que eles conheciam ao chegar era a cunhada de Tony, que morava em Harlow. Desde então, Tony tinha convencido o irmão e um primo a virem para cá também. Gostava de ter a família por perto — voltava à Albânia de dois em dois meses, dirigindo o Audi sem parar até chegar lá —, mas não sabia muito bem se era bom para a sua mulher.

“Impede ela de acostumar”, disse ele.

Se acostumar, falei. Impede ela de se acostumar.

“Isso”, disse Tony, aprovando com um meneio de cabeça. “É bom.”

Ter a família para se apoiar a impedira de se acostumar, continuou ele. Ela não havia feito amizade nenhuma e tinha medo de ir a qualquer lugar sozinha. Não ia sequer à escola da filha: era Tony quem levava e buscava a menina e quem frequentava as reuniões de paz.

De pais, falei.

“Eu amo”, disse Tony com um largo sorriso, “as reuniões de pais.”

Ao contrário da filha, sua mulher não falava nada de inglês.

“E a minha filha”, disse ele, “ela não fala albanês.”

Ela entendia umas poucas coisas, mas a língua que conhecia era o inglês.

Então, de um ponto de vista prático, sua mulher e sua filha não conseguiam se falar. Tony meneou a cabeça devagar, com os olhos pregados na rua.

“Em outras palavras”, falou.

Na loja, fiquei esperando enquanto Tony ia buscar a encomenda do mestre de obras. Paguei a conta e começamos o trajeto de volta. No caminho, um pequeno caminhão amassado surgiu bem na nossa traseira e começou a buzinar repetidamente, então deu uma guinada de modo a emparelhar com o Audi de Tony. O motorista agitava os braços e se debruçava para gritar pelo vidro aberto. Era um homem pequenino com um ar de pirata e um bigode preto rebuscado. Tony riu e apertou um botão para baixar o vidro elétrico. Os dois foram avançando emparelhados, gritando um para o outro num idioma estrangeiro, enquanto o tráfego que vinha no outro sentido emitia uma cacofonia ensurdecedora de buzinas em protesto. Pouco depois, o caminhão acelerou e se afastou, com o conteúdo de sua caçamba aberta — sacos de lixo, móveis velhos,

tábuas quebradas e pilhas de entulho — sacolejando sob o oleado que estalava loucamente.

“É o Kaput”, disse Tony, tornando a subir o vidro. “Ele é doido. Até para um albanês.”

Kaput nunca saía do seu caminhão, disse Tony. Passava o dia e a noite inteiros dirigindo, dando voltas e mais voltas pela cidade, coletando lixo. O lixo era um problema para as pessoas aqui, cem por cento: havia muitos regulamentos, e conseguir uma caçamba custava muito dinheiro. Era mais barato pagar Kaput para levar o lixo embora.

Perguntei para onde ele levava.

“Ele dirige até ver os campos”, disse Tony, piscando um olho.

Os albaneses sabiam trabalhar, continuou ele, não eram como as pessoas aqui. Nem casa Kaput tinha; sua casa era o seu caminhão. Ele ganhava mais dinheiro assim. Mandava tudo de volta para a sua aldeia. Tony enrugou a testa.

“Aldeia de Kaput lugar ruim”, falou.

O próprio Tony trabalhava sete dias por semana. O mestre de obras não era seu único patrão: ele fazia todo tipo de serviço por fora para as pessoas — inclusive para os clientes do mestre de obras. Ele e o irmão Pavel pretendiam abrir a própria empresa de obras no ano seguinte. Tony sorriu.

“Pavel sempre diz que vai voltar para casa”, disse ele. “Mas eu não deixo. Tranco as ferramentas dele na minha casa. Às vezes ele aparece e bate na porta no meio da noite. Não deixo ele entrar. Ele fica lá parado gritando e implorando pelas ferramentas. Ponho a cabeça para fora da janela e digo para de gritar, vai acordar minha filha, ela está sonhando em inglês.”

Ele riu alto. Perguntei por que Pavel queria voltar para casa.

“Ele tem soldade”, disse Tony.

Saudade, falei.

Pavel era o outro homem que o mestre de obras tinha mandado junto com Tony para fazer a obra. Era uma pessoa pequena, calada e melancólica, que eu às vezes via sentado na soleira da minha porta no amanhecer cinza lendo um livro enquanto esperava Tony chegar. No primeiro dia, Tony tinha explicado que ele se encarregaria de demolir e arrancar as coisas, enquanto Pavel faria as reconstruções e os acabamentos.

“Destruição…” — Tony abrira um largo sorriso e pusera as mãos no próprio peito, em seguida apontara para Pavel — “… construção!”

Pavel veio ajudar Tony a tirar as coisas do carro. Eles ficaram parados avaliando os sacos de cimento e Pavel fez uma pergunta.

“Inglês!”, ordenou Tony. “Em inglês!”

Tony me disse que nesse dia eles iriam arrancar o piso. Perguntei se haveria muito barulho. Ele sorriu.

“Cem por cento”, falou.

Desci até o apartamento do subsolo e bati na porta. Ouviu-se o barulho do cachorro latindo e então, depois de muito tempo, a aproximação pesada de passos. Paula abriu a porta. Ao me ver, seu rosto adquiriu uma expressão de desagrado.

“Ah, é você”, disse ela. “O que você quer?”

Comecei a explicar que haveria um pouco de barulho nesse dia, mas ela falou mais alto.

“John ligou para a prefeitura reclamando”, disse ela. “Não foi, John?”, falou para trás de si. “Pediu para eles virem aqui e pararem com isso.”

Ela cruzou os braços e ficou parada na porta olhando para mim.

“Não deveria ser permitido”, falou.

Houve um ruído de algo se arrastando, e John apareceu atrás dela.

“Saia da frente, Lenny”, disse ele para o cão, rouco.

“Pessoas como você”, disse Paula para mim, “me dão nojo. O jeito como vocês vivem.”

“O fato é que nós moramos aqui há quase quarenta anos”, disse John.

“Eu ouço você andando para lá e para cá”, disse Paula. “Você não deve nem tirar os sapatos. Deve pôr sapatos de salto de propósito. Você subiu lá com alguém outra noite”, disse ela. “Um homem, eu ouvi. Que nojo.”

“Eu estou doente, sabe?”, disse John.

“Ouvi você com ele”, disse Paula. Ela deu uma risadinha boba e aguda, imitando, e passou a ponta dos dedos na própria bochecha. “Você acha que está enganando as pessoas, mas não está.”

“Eu tenho câncer, entende?”, disse John.

“Ele tem câncer”, disse Paula, apontando o dedo para ele com veemência. “E você lá em cima dançando com seus sapatos de salto e se jogando para cima dos homens.”

“Eu não estou bem”, disse John.

“Não, não é, John?”, disse Paula. “Mas tem gente que nem liga se você tem câncer. Eles simplesmente continuam.”

Tentei explicar que depois que o piso fosse isolado acusticamente haveria menos barulho entre os dois apartamentos.

“Ah, eu não vou ficar ouvindo você”, disse Paula. “Já basta morar aqui

embaixo e ouvir você o dia e a noite inteiros. Isso me deixa doente", disse ela, "ficar ouvindo a sua voz."

Ela estava ficando exaltada: vi seu corpo grande estremecer de leve, a cabeça virar de um lado para outro, como se algo dentro dela estivesse brotando e se desdobrando, querendo nascer. Vi que ela estava instigando a si mesma; queria atravessar fronteiras, como para provar a si mesma que era livre. Fiquei ali parada sem dizer nada. A boca de Paula se fechou e se franziu, e pressenti que ela estava cogitando cuspir em mim. Em vez disso, agarrou a lateral da porta e inclinou o rosto em direção ao meu.

"Você me dá nojo", falou, e com um grande e violento impulso, bateu a porta com o máximo de força de que foi capaz.

Voltei lá para cima. Tony empunhava um martelo e havia começado a levantar as placas de plástico do piso. Eu lhe disse que talvez, no fim das contas, eles não devessem fazer o piso nesse dia. Ele não parou: continuou a arrancar uma placa após a outra e a jogá-las numa pilha ao seu lado.

"A senhora é quem sabe", disse ele. "Mas eu conversei com eles ontem. Eles disseram que tudo bem."

Falei que muito me espantava ouvir isso.

"Ela trouxe xícara de chá para eu e Pavel", disse Tony sorrindo. "Perguntou por que ninguém cuidando da gente."

Bem, falei, hoje ela está ameaçando ligar para a prefeitura e reclamar.

Tony parou de trabalhar e sentou-se sobre os calcanhares, com o martelo na mão. Encarou-me nos olhos.

"Eu e Pavel", disse ele, "a gente cuida disso."

Saí e fui andando em direção à estação de metrô. A estação tinha um elevador velho que subia e descia com pesada lentidão entre a plataforma e a rua. Um fechamento estava agendado para o ano seguinte, de modo que um elevador novo pudesse ser instalado; uma placa na entrada avisava que esse fechamento duraria nove meses. Todo dia, de manhã e à noite, pessoas vestidas com apuro se derramavam para dentro e para fora da entrada da estação, indo ou voltando do trabalho ou da escola. Carregavam pastas, mochilas e copos de café, e conversavam rapidamente ao celular enquanto seguiam apressadas pela calçada, criando a impressão de uma série de manobras cronometradas com precisão em que a sua rotina diária fora destilada. A estação era uma parte tão integrante dessa rotina que me perguntei o que elas sentiam quando passavam pela placa alertando sobre a sua futura ausência.

A estação de metrô ficava num cruzamento em que cinco ruas convergiam

como os raios de uma roda. O tráfego parava nos sinais, cada faixa aguardando sua vez de passar. Às vezes o cruzamento parecia um lugar de confluência; outras vezes, quando o tráfego trovejava constantemente pela interseção de ruas num rio caótico de ônibus, bicicletas e carros, parecia um mero canal de passagem, um lugar de trânsito. Lá havia um café onde entrei para esperar minha amiga Amanda, que morava perto e tinha perguntado se eu queria encontrá-la para um café. Apesar da aparente comodidade dessa combinação, tive de esperar quase uma hora até ela chegar. Nesse tempo fiquei estudando o interior do café. Com suas prateleiras de livros, paredes pintadas de roxo-berinjela e móveis antigos, ele dava uma impressão de idade e estilo quando na verdade era tanto genérico quanto novo. Amanda me mandou duas mensagens de texto enquanto eu estava lá: uma para dizer que iria se atrasar, e depois, um pouco mais tarde, para me dizer que tinha havido uma espécie de desastre na sua casa e ela iria se atrasar mais ainda. Meu filho mais novo ligou e falei com ele. Passava pouco das onze da manhã; perguntei-lhe por que ele não estava na aula. Está no intervalo, disse ele. Houve uma pausa, e ele então perguntou: como você está? Quando terminamos de falar, fiquei sentada e tentei ler um jornal. Meus olhos se moviam por cima das palavras sem absorvê-las. Havia a foto de um elefante grande ao lado de um elefante pequeno numa paisagem poeirenta. Havia a foto de uma multidão protestando de boca aberta em alguma cidade sob a chuva. Uma mensagem de texto soou no meu celular. Era do Presidente da mesa do festival. Ele disse que infelizmente não estaria livre para me encontrar na quinta-feira como eu havia sugerido. Algum outro dia, quem sabe, falou.

Amanda chegou. Estava prestes a sair, contou, quando o sistema de sprinkler que o povo dos regulamentos prediais a tinha obrigado a instalar como precaução contra um incêndio, por algum motivo, disparou e começou a fazer chover água pela casa inteira. Quando ela conseguiu desarmá-lo, já estava tudo encharcado: suas roupas, sua cama, todos os documentos no seu escritório. Por sorte, ela não possuía grande coisa em matéria de mobília, nem quadros a óleo ou antiguidades de valor incalculável. A casa era bastante espartana; não havia sequer tapetes ou cortinas. Mesmo assim, ela não previra ter de secar o piso naquela manhã. Havia enxugado o grosso e depois deixado as janelas abertas para o resto poder secar sozinho.

“O que viola as cláusulas do meu seguro”, disse ela. “Mas a essa altura eu não estou mais ligando.”

Ela havia narrado a história da inundação de modo tão alegre que era difícil acreditar que isso de fato ocorrera. Na verdade, parecia quase animada com a

história. Estava usando roupas de trabalho — um vestido preto justo e uma jaqueta preta — e tinha os olhos coloridos de maquiagem. Trazia no ombro uma grande bolsa de couro tipo saco, deformada com o volume do que havia lá dentro, e quando a pendurou no encosto da cadeira, o peso fez a cadeira se desequilibrar para trás e se estatelar no chão. Com um movimento ágil e rápido, ela tornou a pô-la de pé e se sentou num mesmo movimento, sorrindo, com a bolsa a seus pés. Do lado de fora, o sol tinha saído: a luz da janela batia bem no seu rosto e realçava a textura de suas roupas pretas, iluminando um labirinto de sulcos empoeirados.

"Tive de tirar estas roupas do cesto de roupa suja", disse ela. "Eram a única coisa que estava seca."

Amanda tinha uma aparência jovial sobre a qual a pátina da idade estava aplicada com desleixo, como se, em vez de envelhecer, tivesse apenas sido manuseada sem cuidado, como a foto amassada de uma criança. Seu corpo baixo e carnudo parecia existir num estado de constante animação através do qual um cansaço oceânico podia às vezes ser entrevisto. Nesse dia, o matiz cinza do cansaço estava logo abaixo da pele maquiada; ela olhava para mim com frequência, o rosto enrugado por causa do sol, como se estivesse à procura do próprio reflexo.

"Eu sei que estou horrível", disse ela, baixando a cabeça. Pegou o cardápio e correu os olhos rapidamente pela página. "Passei a maior parte da noite acordada. Não posso nem pôr a culpa nas crianças", acrescentou, "já que não tenho filhos."

Tinha ficado acordada até as três da manhã, continuou, discutindo com Gavin: começara recentemente a fazer ioga para ver se a ajudava com a insônia, mas teria sido preciso mais do que uma saudação ao sol para fazê-la pegar no sono depois disso. Gavin era o namorado de Amanda, um homem grandalhão de ar soturno que eu só havia encontrado uma vez. Ele administrava a empresa de obras que Amanda tinha contratado para reformar sua casa.

"É patético", disse ela. "Na minha idade, eu deveria estar fazendo alguma coisa mais útil com meu tempo. Ao que parece, todo mundo que conheço está correndo maratonas em prol de instituições de caridade. Gastam todo seu tempo treinando e fazendo dietas especiais, enquanto eu só como comida pronta e levo a vida emocional de uma adolescente. Não que eu pudesse correr", acrescentou ela, "mesmo se quisesse. Mal consigo subir a escada."

Ela fora ao médico e descobrira ter desenvolvido asma de tanto respirar pó. É por morar há dois anos num canteiro de obras, falou. O médico lhe dera um

inalador, mas ela havia perdido a tampa do bocal, de modo que o inalador agora também estava impregnado de pó.

O garçom veio pegar nosso pedido, e Amanda pediu um chá de ervas.

“Na verdade”, disse ela quando ele se virou para ir embora, “pensando bem, um chocolate quente.”

Ele abriu um pequeno sorriso e anotou no seu bloquinho.

“Sim, por favor”, respondeu ela sorrindo quando ele sugeriu chantili e marshmallows por cima.

Tinha prometido a si mesma, continuou, realmente fazer alguma coisa em relação à própria saúde — precisava emagrecer, para começar —, mas, em vez disso, parecia estar sobrevivendo cada vez mais à base de adrenalina, vivendo o momento presente, o que tornava impossível seguir qualquer tipo de regime. Acordava cheia de resoluções, mas os acontecimentos acabavam atropelando-a, e ela terminava o dia mais distante dos próprios objetivos do que havia começado. Nada parecia durar, por mais que ela tentasse.

Falei que muita gente passa a vida tentando fazer as coisas durarem como uma forma de evitar se perguntar se essas coisas eram o que elas de fato queriam.

“Você não acha isso de verdade”, disse Amanda, com uma centelha de interesse nos olhos avermelhados.

Talvez, falei, as pessoas corram maratonas para exercitar suas fantasias de fuga.

Amanda riu. O bate-boca com Gavin, disse ela pouco depois, acontecera porque ele não tinha aparecido para a viagem a Paris que ela havia organizado para o próprio aniversário. Eles estavam de malas feitas e prontos para partir, e Gavin de repente havia anunciado ter esquecido o passaporte. Saíra para buscá-lo e não voltara. Amanda ficara sentada junto à mala enquanto a casa escurecia ao seu redor. Tentara repetidamente falar com ele ao telefone, mas ele não atendia. Não podia mais cancelar as passagens nem o hotel porque estava muito em cima. Uma semana tinha se passado sem que tivesse notícias. Mas na noite anterior ele havia aparecido na sua porta com um rolo de notas de dinheiro e lhe entregado.

Perguntei se ela havia aceitado o dinheiro.

“É claro que aceitei”, disse ela, erguendo o queixo em desafio. “Fiz ele pagar até o último centavo.”

Ele havia pedido mil desculpas, prosseguiu ela. Tentara inventar uma história ridícula sobre o que tinha acontecido, mas depois admitira ter entrado em pânico diante da ideia de ir a Paris e havia fugido. Tinha medo de ir a um lugar desses

com ela; na sua casa — na obra — ele sabia onde estava, mas a ideia de estar com ela numa cidade estrangeira simplesmente o fizera querer se esconder. Ele tinha quase cinquenta anos, e as únicas férias que já havia tirado tinham sido uma semana por ano na Irlanda durante o verão com os integrantes do seu clube de golfe, para jogar na chuva com um grupo de homens que mal conhecia. Antes de conhecer Amanda, tinha ficado bem próximo de outra cliente, uma designer gráfica de trinta e poucos anos cuja casa estava reformando. O caso havia durado meses, o trabalho manual acompanhando a tortuosa intensificação de tensão emocional, o lento penetrar do sentimento através das densas camadas da natureza de Gavin. Quando a casa ficou pronta, a mulher já tinha perdido a paciência e não estava mais interessada.

"Foi aí que eu entrei", disse Amanda. Ela pegou a xícara com sua cobertura extravagante e levou-a aos lábios. "Faça o que fizer", falou, "não tenha um relacionamento com o seu mestre de obras."

O problema era que, quanto mais complexa ele permitia que a sua visão da vida se tornasse, mais se afastava da própria capacidade de agir. Ficava torturado com a possibilidade que ele próprio havia desenvolvido a tão duras penas, a de se identificar por completo com o mundo de classe média para o qual, até então, tinha sido apenas um empregado. Deveria estar morando com ela, mas apesar de os dois conversarem sobre isso havia um ano, a coisa não chegara a acontecer. Ele nunca tinha dito que não queria, nem que tinha mudado de ideia. Simplesmente não tinha tomado nenhuma atitude. Mas agora, disse ela, ela havia marcado uma data, um dia de fato específico. Se nesse dia ele não se mudasse para a casa, o relacionamento estaria acabado.

Perguntei-lhe que dia era esse, e ela me falou.

A verdade é que eu sinto pena dele, disse ela. Ele teve uma infância brutal, que terminou quando o pai o pôs na rua para arrumar serviço aos catorze anos de idade. Às vezes, disse ela, os dois estão conversando sobre algum aspecto da casa e ela percebe, nas ideias e inspirações dele, toda uma outra pessoa, uma pessoa que ele poderia ter sido. Ele lhe dissera certa vez que um mestre de obras amigo seu tinha ido à casa de Amanda olhar alguma coisa que Gavin havia feito lá. O amigo tinha percorrido a casa inteira em silêncio. No fim, dissera a Gavin: você está fazendo isto para você próprio morar aqui, não é? Mas quando chegava a hora, disse Amanda, ele não conseguia dar o salto.

Perguntei onde Gavin estava morando, se não estava morando com ela.

Em Romford, disse ela, com a irmã. Segundo ele, é mais fácil administrar seu negócio de lá, mas eu sei que é porque ele pode ficar assistindo TV e comendo

comida pronta e ninguém espera que ele converse.

O que Gavin entendia era como você ficava vulnerável quando a sua casa estava sendo demolida. É como estar numa mesa de operação, disse Amanda: abriram você, e agora tem homens trabalhando lá dentro e você não pode se mexer até eles terem consertado e costurado você de novo. Enquanto Amanda estava nesse estado, Gavin era capaz de amá-la. Ultimamente trabalhava de graça na sua casa, nas horas vagas. As seis semanas previstas de obra haviam se transformado em dois anos que ainda não tinham terminado, e durante o dia Gavin saía para fazer outros trabalhos. Ela entendia que essa situação fora gerada por uma estranha noção de honra disparatada, mas mesmo assim era difícil não sentir que tinha sido vítima de alguma imensa pegadinha.

Havia um elemento de fantasia, continuou ela, na ideia do envolvimento masculino; até mesmo alguém como ela, alguém militante na autossuficiência e praticidade, alguém preparado para arregaçar as mangas se preciso fosse, tinha sucumbido à ideia de ter outra pessoa cuidando dela. O fato de Gavin dizer que iria trabalhar por amor, e não por dinheiro, a deixara animada e aliviada quase da mesma forma que as mulheres costumavam ficar animadas e aliviadas com um pedido de casamento. Mas o amor, ela fora levada a compreender, era em última instância intangível: a animação existia apenas dentro da sua cabeça. Com dinheiro, o trabalho teria sido feito; na atual situação, ela não conseguia ver onde aquilo algum dia iria terminar. Nem sequer conseguia mais recordar como era viver num lugar normal, onde o chuveiro funcionava, a calefação esquentava, e você não precisava cozinhar num fogareiro de camping nem se limpar de pó e sujeira da cabeça aos pés antes de sair de casa, em vez de ao entrar. O mais difícil era ter de apresentar uma aparência elegante para o trabalho: ela já tinha ido a reuniões com massa corrida nos cabelos e gesso sob as unhas, e uma vez, sem perceber, com as costas inteiras do terninho sujas de tinta depois de se encostar por um segundo numa parede recém-pintada antes de sair. Passou quase o dia inteiro andando por aí desse jeito antes de alguém lhe avisar.

Amanda trabalhava com moda.

“E nesse mundo”, disse ela, “ninguém nunca diz a verdade sobre como está sua aparência.”

É estranho, continuou ela, como às vezes você consegue acreditar que uma coisa é verdade quando na realidade é o total oposto. Acho que vejo isso o tempo todo no trabalho, disse ela. As pessoas usam coisas só porque estão na moda: na época acham que estão ótimas, mas quando olham para trás, alguns anos depois, percebem que estavam horríveis.

Eu disse que talvez nenhum de nós jamais pudesse saber o que era verdade e o que não era. E nenhum exame dos acontecimentos, mesmo muito tempo depois, era totalmente seguro. Para tomar o seu exemplo em relação à moda, bastava esperar tempo suficiente, e aquelas roupas constrangedoras muitas vezes começavam a parecer bacanas outra vez. As mesmas formas e estilos que, vistos de uma certa distância, parecem irradiar vergonha e provar que somos capazes de iludir a nós mesmos, de outra podem ser o indício de um radicalismo e de uma correção naturais que nunca imaginamos ter, ou pelo menos na qual fomos facilmente convencidos a deixar de acreditar.

Amanda começou a levar a xícara aos lábios outra vez, então a baixou.

Eu não quero isso, falou com uma careta.

A moda era uma indústria para gente jovem, continuou ela depois de algum tempo. Ela própria tinha entrado para essa indústria exatamente na idade — o começo dos trinta — em que muitas pessoas que ela conhecia estavam começando a sossegar o facho e ter filhos. De certa forma, imaginava, fora a inevitabilidade desse destino que a impelira a resistir a ele e abraçar, em vez disso, um mundo que representava um prolongamento justamente das coisas das quais suas amigas estavam abrindo mão: diversão, festas, viagens. Até mesmo sua melhor e mais antiga amiga, Sophia — talvez eu me lembrasse dela dos velhos tempos —, até mesmo Sophia, com quem ela havia morado e que por muito tempo fora sua comparsa no crime, na época estava se casando e comprando uma casa com o namorado Dan, que sob muitos aspectos era o ideal de homem de Amanda: ela fora feliz morando com ele e Sophia; os três chegaram até a sair de férias juntos, ela num quarto de hotel e eles em outro, como se ela fosse a sua estranha filha crescida. À noite, sentia um misto de tristeza e segurança quando os dois fechavam a porta do seu quarto e ela, quando ia se deitar, podia escutar do outro lado suas vozes murmurando. Nesse período, Amanda recebeu uma oferta de emprego que acarretou a vida social mais caótica que já conhecera. Enquanto suas amigas assinavam contratos de hipoteca e anunciavam gestações, Amanda vivia num turbilhão de desfiles de moda, festas e noites insones, viajando a Paris ou Nova York, indo de boates para reuniões praticamente sem tempo de tomar uma ducha e trocar de roupa, paquerando qualquer homem que conhecesse pelo caminho.

Nunca achara difícil conseguir homens, continuou, ou pelo menos homens não muito legais, mas em determinado ponto ficou claro para ela que homens como Dan não podiam ser encontrados simplesmente passeando por aí. Eles eram comprometidos, tinham dona, já estavam ocupados; de certa forma, ela sentia

desprezo por isso, por serem uma propriedade; eles pareciam quadros caros pendurados na segurança de um museu. Você podia procurar o quanto quisesse, mas não iria encontrar um daqueles largado no meio da rua. Ela de fato procurou, durante algum tempo, e teve a sensação de estar habitando uma espécie de mundo subterrâneo povoado por almas penadas, todas à procura, à procura de alguma imagem que correspondesse ao que tinham na cabeça. Quando ia para a cama com um homem, com muita frequência tinha a sensação de ser apenas a personificação de uma estrutura preexistente, a sensação de ser invisível, e de que tudo que ele lhe fazia e dizia estava na verdade dizendo e fazendo para outra pessoa, alguém que não estava ali, alguém que podia ou não ter sequer existido. Essa sensação, a de que ela era a testemunha invisível da solidão de outra pessoa — uma espécie de fantasma —, quase a tinha feito enlouquecer por um tempo. Certa vez, na cama com um homem cujo nome não conseguia sequer recordar, de repente teve um acesso de choro longo e desconsolado. Ele foi legal com ela; fez um chá com torradas e sugeriu que ela procurasse um terapeuta.

Quando penso nessa época, disse ela, o mais difícil de lembrar são as minhas roupas. Lembro-me das coisas que fiz, dos lugares aonde fui, dos homens, das festas e até das conversas, e nessas lembranças é sempre como se eu estivesse nua. Às vezes, disse ela, sonho com uma peça de roupa, ou então a lembrança de algo — uma jaqueta ou um par de sapatos — entra flutuando na minha cabeça; e eu nunca tenho certeza se foi de fato algo que realmente tive, ainda que pareça tão familiar que eu tenha certeza de que em determinado momento o usava o tempo todo. Mas nunca consigo provar isso. Tudo que sei, disse ela, é que não tenho mais essas coisas nem sei onde elas foram parar.

Seus pais, acrescentou ela, tinham ganhado todo o seu dinheiro com a compra e venda de imóveis. As memórias de sua infância eram de morar em casas que na verdade eram canteiros de obras, casas que estavam sempre em processo de transformação. Seus pais as reformavam com esmero, e então, uma vez a obra pronta e quando a casa começava a parecer um lar, imediatamente a vendiam. Eu aprendi, disse Amanda, que assim que as coisas começavam a ficar limpas, agradáveis e confortáveis, era um sinal de que iríamos embora. Não tinha dúvida de que parte da sua atração por Gavin estava ligada a essa associação ao vocabulário da sua infância, como se ele falasse uma língua que apenas ela era capaz de entender. Entre os vinte e o começo dos trinta ela se mantivera distante dos pais, mas ultimamente eles tinham tornado a entrar na sua vida até certo ponto: gostavam de poder conversar com ela sobre isolamento térmico e

contrapisos, e sobre os prós e os contras de ocupar o forro do telhado; a reforma da casa tinha lhes proporcionado algum terreno comum. Talvez quando a casa ficar pronta eles parem de falar comigo, disse ela.

Amanda disse que precisava ir embora: tinha uma reunião no centro para a qual já estava atrasada. Levantou-se e começou a limpar o pó das roupas, lançando-me olhadelas frequentes como tinha feito durante toda a nossa conversa. Era como se estivesse tentando interceptar a visão que eu tinha dela antes de eu poder ler qualquer coisa no que estava vendo.

"Me acompanha até o metrô?", pediu ela quando saímos.

Foi ofegando enquanto caminhávamos, com a mão em frente ao peito e dando dois passos para cada um dos meus, com os saltos altos estalando depressa na calçada. Não tinha certeza se eu estava sabendo, falou, mas ela estava tentando adotar um filho. Era um processo labiríntico, tão burocrático que a cada etapa sua tentação era desistir, mas ela já estava nele havia alguns meses e estava avançando. O problema era que só poderia entrar numa lista de espera quando a casa ficasse pronta: nenhuma agência sequer cogitaria pôr uma criança numa casa com fios desencapados pendurados nas paredes e sem corrimão na escada. O status de Gavin também era um problema: ou ele precisava estar presente de modo permanente, ou então precisava ir embora. A mulher que estava tratando com ela na agência — a responsável pelo seu caso — tinha se tornado uma espécie de amiga, continuou. Ela dera a Amanda motivos para ter esperança; telefonava-lhe o tempo todo para incentivá-la.

"Ela diz que reconhece a minha capacidade de amar", falou Amanda. Deu sua risada inesperadamente alegre. "Muita gente já reconheceu essa capacidade e a aproveitou o quanto pôde."

Chegamos à estação de metrô e Amanda pousou a mão no meu braço, ofegante e radiante. Fora bom me ver, falou. Estava torcendo para que corresse tudo bem na obra; tinha certeza de que correria. Se eu tivesse uma noite livre, talvez pudéssemos nos encontrar para pôr a conversa em dia de verdade. Ela vasculhou a bolsa em busca da bolsinha de mão e a retirou com a mão trêmula. Então passou quase cambaleando pela roleta e, com um breve gesto de coragem, desapareceu.

Era o dia que, segundo a previsão da astróloga, teria um significado especial na fase de trânsito prestes a acontecer.

Tony estava derrubando uma parede. Em pé, brandia sua furadeira no meio de uma tempestade de pó e barulho, com o nariz e a boca cobertos por uma máscara. O piso tinha sido arrancado: os barrotes visíveis pareciam um esqueleto, com um pó cinzento nos buracos entre eles. Tony havia construído uma passarela de tábuas para poder andar de um lugar para o outro. A van do mestre de obras continuava na oficina, falou: as placas de isolamento acústico seriam entregues não de van, mas de caminhão, e a entrega estava atrasada. Enquanto esperava, estava derrubando a parede.

“Uns incontinentes”, disse ele.

Pavel estava no andar de cima lixando o assoalho. Toda vez que Tony parava com a furadeira, a casa era tomada pelo sibilo áspero da lixa.

“Pavel de mau humor”, disse Tony, erguendo a máscara. “Melhor lá em cima.”

Pavel sofria de dores de estômago, acrescentou ele. Era difícil saber se as dores de estômago causavam seu mau humor ou o contrário. Tony tentava fazê-lo ficar em casa, mas ele não queria. A sua teoria era que Pavel tinha prisão de ventre.

“Ele está todo entupido”, falou, piscando o olho, “por comida polonesa de saudade.”

Pavel desceu a escada e passou por nós sem dizer nada a caminho de sua caixa de ferramentas. Suas pequenas botas estavam cobertas por uma grossa camada de pó. Pegou um rolo novo de lixa na caixa de ferramentas e tornou a subir com ele na mão sem dizer nada.

Tony religou a furadeira. Estava tentando remover as vigas de madeira dentro da parede, mas elas eram teimosas e ele precisava puxá-las violentamente para que saíssem. Uma delas se soltou com inesperada facilidade e caiu sobre os barrotes do piso com grande alarde. Uma saraivada de batidas vigorosas soou vindo lá de baixo, e pouco depois se ouviu alguém subindo furiosamente os degraus da frente. Uma série de batidas estrondosas choveu sobre a porta.

Tony ficou parado, com a furadeira na mão, e passamos alguns segundos nos entreolhando.

Lá fora, pude ouvir a voz de Paula. Aos gritos. Ela estava dizendo saber que eu estava lá dentro. Estava me dizendo para sair; iria me fazer o favor de cuspir na minha cara. Tinha falado sobre mim para todo mundo na rua: as pessoas sabiam como eu era, e como meus filhos eram também. Tornou a socar a porta com o punho fechado. Saia, falou. Saia se tiver coragem. Então ouviu-se o barulho dela tornando a descer os degraus, e poucos segundos depois a porta do apartamento de baixo bateu com um estrondo tal que o prédio inteiro balançou.

"Vou falar com eles", disse Tony, tirando a máscara.

Ele pousou a furadeira e saiu pela porta da frente, que deixou aberta atrás de si. Ouvi-o bater na porta do apartamento de baixo. Algum tempo depois, ouvi o som de vozes. O tom e a cadência da voz de Paula quase pareciam estar saindo de dentro de mim. Tony não voltou na mesma hora, e a casa começou a ficar fria. Eu não sabia se deveria ou não fechar a porta. Subi para o meu quarto, mas encontrei Pavel lá dentro, lixando o peitoril da janela. Quando ele me viu recuar, parou.

"Por favor", falou, com uma sutil e cortês inclinação da cabeça. "Já acabei, entre."

Ficamos ali e olhamos juntos pela janela para onde Paula tinha se postado nos degraus da frente lá embaixo. Percebi que Pavel devia ter assistido a tudo. Perguntei-lhe se ele estava se sentindo melhor, e ele deu um aceno hesitante.

"Um pouco", falou.

Começou a dobrar as folhas de plástico que havia estendido no chão e por cima da estante junto à janela. Algo na estante atraiu seu olhar, e sua mão logo se esticou para pegá-lo. Ele se virou para mim com aquilo na mão e o semblante subitamente iluminado, e disse algo rapidamente numa língua estrangeira. Era um livro; como eu não respondi, ele o estendeu para me mostrar.

"A senhora fala polonês", falou, apontando para a capa com o dedo todo sujo de pó.

O livro era em polonês, falei, mas eu não entendia.

Ele na mesma hora adquiriu uma expressão consternada. Era a tradução de um livro que eu tinha escrito; falei que ele podia ficar, se quisesse. Ele arqueou as sobrancelhas e examinou a frente e o verso do livro, virando-o nas mãos. Então aquiesceu e o enfiou no bolso do macacão.

"Achei que talvez a senhora falasse", disse ele com tristeza.

A tradutora era uma mulher mais ou menos da minha idade e que morava em

Varsóvia. Havia me mandado vários e-mails com perguntas sobre o texto; eu a vira criar a própria versão do que eu tinha escrito. Nos e-mails, começara a me contar sobre a sua vida — ela morava sozinha com o filho pequeno — e às vezes, ao conversarmos sobre determinados trechos do livro, eu sentia que a sua criação começava a superar a minha, não no sentido de que ela estivesse violando o que eu havia escrito, mas de que aquilo agora vivia por intermédio dela, não de mim. Ao longo do processo da tradução, a propriedade daquilo — para o bem ou para o mal — tinha passado de mim para ela. Como uma casa, falei.

Pavel escutava o que eu dizia com a cabeça inclinada para um dos lados e os olhos alertas. Na Polônia eu construí minha própria casa, disse ele pouco depois. Fui eu quem fez tudo. Os pisos, as portas, o telhado. Meus filhos dormem nas camas que eu fabriquei, disse ele. Tinha aprendido esse ofício com o pai, continuou, que trabalhava na construção. Mas as casas que o seu pai construía eram diferentes das de Pavel. Baratas, disse ele, franzindo o pequeno nariz. A casa ficava numa floresta, ao lado de um rio. Era um lugar lindo.

Mas meu pai não gostou, disse ele.

Perguntei-lhe por que não, e ele produziu um pequeno e curioso ronrom, com um leve sorriso nos lábios. Meu jeito e o jeito dele, falou, não são iguais. A casa tinha janelas imensas, continuou ele, que iam do teto até o chão. Em todos os cômodos — inclusive no banheiro — a floresta era tão visível que quase se tinha a sensação de estar vivendo ao ar livre. Ele havia passado muito tempo pensando sobre essa casa e fazendo o projeto. Tinha pegado livros sobre arquitetura moderna na biblioteca próxima e os estudara. Eu queria ser arquiteto, acrescentou, mas — ele deu de ombros com resignação. Havia uma casa que lhe chamara particularmente a atenção, uma casa nos Estados Unidos. Era feita quase inteira de vidro. Ele havia se inspirado nessa casa, embora depois dessa primeira vez tenha feito questão de não olhar mais as fotos. Havia desenvolvido sua própria ideia e a construíra com as próprias mãos. Mas então fora obrigado a abandoná-la e vir para a Inglaterra arrumar trabalho. Alugou uma quitinete perto do estádio de Wembley num prédio cheio de outras quitinetes ocupadas por pessoas que ele não conhecia. Na primeira semana, alguém arrombou a sua porta e roubou todas as suas ferramentas. Ele teve de comprar outras, além de uma fechadura mais forte para a porta que ele próprio havia instalado. Sua mulher e seus filhos permaneciam na Polônia, na casa da floresta. Sua mulher era professora.

Ele retomou a arrumação dos plásticos, sacudindo cada um com um estalo e

dobrando-o até formar um quadrado perfeito e compacto. Eu disse que ele devia sentir falta da família, e ele inclinou a cabeça com melancolia. Voltava lá sempre que podia, falou, mas essas visitas eram tão caras e difíceis que havia começado a se perguntar se não seria melhor não ir. Da última vez, quando estava de partida, as crianças o haviam agarrado e chorado. Ele parou, pousou as mãos na barriga e fez uma leve careta.

"Neste país ganho dinheiro", falou. "Mas talvez não valha a pena."

Sempre havia trabalhado para o pai, na empresa da família, mas depois da sua reação à casa decidira não fazer mais isso.

"Toda a minha vida ele criticava", falou. "Criticava o meu trabalho, a minha ideia, dizia que não gostava de como eu falo — até minha mulher e meus filhos ele criticava. Mas quando criticou a minha casa…", Pavel franziu os lábios num sorriso, "… aí eu pensei: tá, chega."

Perguntei do que exatamente seu pai não tinha gostado na casa.

Pavel tornou a produzir o mesmo ronrom, unindo as mãos em frente ao corpo e se balançando de leve para a frente e para trás sobre os dedos dos pés.

Não havia consultado o pai em momento algum durante o projeto, falou, mas quando tudo estava quase concluído o convidou para ir dar uma olhada. Os dois ficaram olhando para ela juntos, para a caixa transparente. Pavel tinha feito o projeto de modo que em determinados pontos fosse possível ver através da casa até a floresta do outro lado. Sua mulher e seus filhos estavam na cozinha; ele podia vê-los, a mulher preparando o jantar, os filhos sentados à mesa jogando. Ele e o pai ficaram ali, olhando, e o pai então se virou para ele e bateu na própria testa para indicar a burrice do filho.

"Ele disse: Pavel, seu idiota, você esqueceu de fazer as paredes — todo mundo pode ver vocês aí dentro!"

Tinha ouvido dizer depois que seu pai vivia falando sobre a casa na cidade, dizendo às pessoas que, se elas fossem à floresta, poderiam ficar ali vendo Pavel cagar.

Depois disso Pavel tentou encontrar outros trabalhos, mas não conseguiu. Veio para a Inglaterra e passou alguns meses trabalhando na construção do terminal novo em Heathrow, sendo repetidamente dispensado na sexta à noite e readmitido na segunda porque a empresa nunca sabia de antemão de quantos trabalhadores iria precisar. Então conheceu Tony e arrumou o emprego de agora. Ao final de sua temporada em Heathrow, o terminal havia sido inaugurado; ele trabalhava perto do portão de chegada e passava o dia inteiro vendo as pessoas saírem pelos portões. Por mais que dissesse a si mesmo para não fazer isso, não

parava de olhar para cima pensando que a sua família estava prestes a sair por aquela porta, pensando identificar na multidão rostos conhecidos, às vezes ouvindo vozes da Polônia e fragmentos de conversas em polonês. Passava horas e horas assistindo a cenas de reencontros nas quais outras pessoas recebiam seus próximos. Aquilo era viciante; quando ele chegava em casa, sua quitinete estava, como seria de esperar, mais fria, mais desolada e mais solitária. Era melhor estar ali, naquela casa cheia de livros; já fazia um tempo que ele ensaiava perguntar se eu me importaria se ele de vez em quando pegasse um emprestado, para tentar melhorar seu inglês. Era difícil conversar com alguém com o nível do seu idioma sendo o que era; aquela era a conversa mais longa que ele tinha com alguém em semanas. O problema era que os seus pensamentos iam muito mais depressa do que a sua capacidade verbal. Mas ele sabia que, quando falava, melhorava rapidamente; certa vez ficou preso num engarrafamento a bordo de um ônibus, sentado ao lado de uma moça que tinha puxado papo com ele, e ao final dessa conversa, que havia durado uma hora, os dois tinham conseguido trocar confidências e intimidades de um modo que ele não fizera com ninguém desde as suas conversas com a mulher em sua última ida à Polônia. A moça tinha lhe dito que ele represava muito os próprios sentimentos.

"Nada sai", disse ele, com um sorrisinho envergonhado.

Andava querendo me dizer, falou, para trancar as janelas de casa à noite; um dia ele chegou de manhã cedo e viu que a da frente estava aberta. Além disso, ficou pensando se eu lhe permitiria pôr uma correntinha na porta, assim eu ficaria mais segura quando estivesse sozinha. Aconselhava-me a aceitar; levaria cinco minutos.

Pude ouvir meu telefone tocando no andar de baixo, e pedi licença a Pavel para ir atender. Era meu filho, dizendo que tinha perdido a chave da casa do pai e estava trancado do lado de fora. Estava em frente à porta, falou. Fazia frio e não tinha ninguém em casa. Ele começou a chorar, um choro forte, inconsolável. Fiquei escutando aquele som como se estivesse paralisada por ele. Lembrei-me de como costumava abraçá-lo quando ele chorava. Agora havia apenas o som. Então, de modo abrupto, o choro cessou e eu o ouvi chamar o nome do irmão. Está tudo bem, disse ele para mim ao telefone. Não se preocupe, está tudo bem. Ele estava vendo o irmão descendo a rua, falou. Ouvi barulhos de pés arrastando no chão e de risadas ao fundo quando os dois se encontraram. Tentei dizer alguma coisa, mas ele disse que precisava desligar. Tchau, falou.

A porta da frente se fechou e Tony reapareceu e pegou sua furadeira. Mostrou-se reticente quando perguntei o que os vizinhos tinham dito. Olhou-me de cima a

baixo.

“Está indo a algum lugar?”, perguntou.

Falei que precisava sair para ir dar uma aula e só voltaria tarde. Ele aquiesceu.

“Melhor a senhora não estar”, falou.

Perguntei se ele tinha conseguido que eles aceitassem em alguma medida o barulho. Ele ficou calado. Fiquei olhando enquanto ele removia um outro pedaço de gesso, soltando-o em meio a uma chuva de entulho e pó.

“Está tudo bem”, falou. “Eu disse a eles.”

Perguntei-lhe o que exatamente ele tinha dito a eles.

Ele deu um puxão na parede, e um grande pedaço quebrado se soltou com um ruído de algo sendo triturado ao mesmo tempo que um largo sorriso surgia lentamente no seu rosto.

“Eles agora me tratam feito um filho”, falou.

Garantiu-me que tinha agido em meu benefício ao dizer aos vizinhos que eles tinham toda sua solidariedade, que eu agia com ele e Pavel como um feitor de escravos, que eles todos eram minhas vítimas e que, se eles o deixassem terminar o serviço rapidamente, ele ficaria livre.

“É o melhor jeito”, falou.

Acrescentou que eles haviam reagido bem: ele recebera xícaras de chá e até mesmo um saquinho de balas — balas sortidas — para levar para a filha em casa. Queria que eu soubesse que ele naturalmente não pensava as coisas que tinha dito — aquilo era um jogo, uma estratégia, usar a força do ódio deles para alcançar os próprios objetivos.

“Como um político albanês”, falou, sorrindo.

Havia algo de falso na atitude de Tony que sugeria que ele não estava falando a verdade, ou que pelo menos estava tentando impor sua interpretação a uma série de acontecimentos que não compreendia de todo. Ele evitou cruzar olhares comigo; sua expressão foi evasiva. Eu disse que podia ver que ele estava tentando ajudar. O problema de instigar o ódio dos vizinhos, falei, era que eu precisaria continuar morando ali com meus filhos depois que Tony fosse embora. Contei-lhe sobre uma noite no verão, quando eu estava sentada na cozinha às escuras olhando a família internacional do prédio ao lado em seu jardim e vira Paula sair do apartamento de baixo e subir os degraus. Ela havia falado com eles por cima da cerca; muito alto, eu a tinha ouvido falar sobre mim e sobre as coisas terríveis que eu havia feito; tinha observado seus semblantes educados e constrangidos e entendido que, embora eles não fossem necessariamente acreditar no que ela acabara de dizer, tampouco iriam querer ter qualquer relação

comigo.

Tony estendeu as mãos com a palma para cima e a cabeça inclinada para um dos lados.

“É situação ruim”, falou.

Senti que ele me observava furtivamente enquanto eu vestia o casaco. Perguntou-me de que eu dava aula e se as crianças se comportavam bem — muitas das crianças na escola da sua filha se comportavam como animais. Não tinham a menor disciplina, era esse o problema. A vida para elas era fácil demais aqui. Eu disse a ele que lecionava para adultos, não para crianças, e ele riu, sem acreditar.

“Ensina o quê?”, disse ele. “A limpar o traseiro?”

A aula era de escrita de ficção; eu lecionava uma vez por semana. Eram doze alunos sentados ao redor de mesas dispostas num quadrado. A sala de aula ficava no quinto andar; no início do semestre a essa hora ainda era dia claro, mas agora estava escuro do lado de fora e as janelas nos exibiam nossos reflexos destacados de modo ofuscante contra um fundo sinistro de imensas e sujas nuvens amarelas. Quase todos os alunos eram mulheres. Eu achava difícil prestar atenção no que eles diziam. Ficava sentada vestida com meu casaco, o olho continuamente atraído para a janela e para a estranha paisagem de nuvens que parecia não pertencer nem à noite nem ao dia, mas a algo intermediário e imóvel, um lugar de estase onde não havia movimento ou avanço, nenhuma sequência de acontecimentos que pudesse ser estudada por seu significado. Seus componentes amorfos e amarelados sugeriam não o nada, mas algo pior. Eu escutava os alunos falarem e me perguntava como eles podiam acreditar tanto na realidade humana para construir fantasias em relação a ela. Eu os sentia relancear os olhos para mim com frequência, como de muito longe. Cada vez mais, percebi, eles falavam não comigo, mas uns com os outros, construindo entre si a estrutura familiar à qual eu os tinha acostumado, do mesmo jeito que crianças, quando estão com medo, se refugiam nas regras e regulamentos do que aprenderam a considerar a normalidade. Uma das alunas, percebi, tinha assumido o papel de líder: ia pedindo sucessivamente a cada um dos outros para dar sua contribuição. Estava desempenhando o meu papel, mas apesar disso havia algo de errado no modo como ela o executava: ela interferia desnecessariamente; em vez de proceder por instinto, os alunos estavam ficando envergonhados e hesitantes. Um dos dois homens da turma estava tentando falar sobre a sua cadela. O que a cadela tinha, perguntou minha substituta, que ele considerava tão interessante? O homem pareceu em dúvida. Ela é linda, respondeu. Minha substituta fez um

gesto de frustração. Você não pode simplesmente me dizer que ela é linda, falou. Precisa me mostrar isso. O homem adquiriu um ar intrigado. Tinha quarenta e poucos anos e uma aparência miúda que lembrava um pouco um elfo: a cabeça grande, com sua testa bojuda e enrugada sobre o corpo bem cuidado e pequenino, lhe dava o aspecto de uma criança estranhamente idosa. Minha substituta o instou a descrever a cadela para que ela pudesse ver por si mesma a sua beleza. Era uma mulher que falava alto, enfeitada com uma série resplandecente de panos e xales coloridos, que usava uma grande quantidade de joias sempre a tilintar e chacoalhar quando ela gesticulava com os braços. Bom, disse o homem, hesitante, ela é bem grande. Mas não é gorda, acrescentou. Fez uma pausa, então balançou a cabeça. Não consigo descrevê-la, falou. Ela é linda e pronto.

Perguntei-lhe de que raça era a cadela, e ele respondeu que era uma saluki. Os salukis eram cães de caça árabes, acrescentou, muito valorizados e honrados na cultura árabe, a ponto de tradicionalmente não serem considerados de forma alguma animais, mas sim algo a meio caminho entre o animal e o humano. Eram as únicas criaturas não humanas, por exemplo, com permissão para entrar numa tenda árabe. Um buraco especial era escavado para eles lá dentro, na areia, onde eles podiam deitar como se fosse uma cama. Eram as coisas mais lindas, repetiu ele.

Perguntei-lhe onde ele tinha conseguido a sua cadela, e ele falou que a havia comprado de uma alemã no sul da França. A mulher morava numa casa nas montanhas no interior de Nice, onde criava apenas filhotes da raça saluki. Ele fora até lá de carro numa viagem que havia durado a noite inteira a partir de sua casa em Kent. Quando ele chegou, enrijecido e exausto por causa da viagem, ela lhe abriu a porta e uma onda de salukis veio correndo pelo corredor atrás dela. Já eram cachorros grandes, mesmo com poucas semanas de idade, mas eram ágeis, leves e pálidos como fantasmas. Eles o haviam submergido, ali nos degraus da porta, pressionado contra ele seus focinhos pontudos e o tateado com as patas — ele pensava que fossem derrubá-lo, mas não, a sensação foi de ser acariciado por plumas. A mulher os havia treinado — eram nove — de forma extraordinariamente meticulosa: na sala, diversos petiscos tinham sido servidos para ele sobre uma mesa baixa, e os nove animais — ao contrário de qualquer outro cão que ele já tivesse visto — se dispuseram respeitosamente em volta da mesa sem fazer nenhuma tentativa de pegar a comida; na hora de comer, suas nove tigelas eram dispostas numa fila e preenchidas, e eles aguardavam o sinal antes de começar. Toda vez que a sua treinadora passava, os nove longos e

elegantes focinhos se erguiam em perfeita sincronia e acompanhavam seus movimentos como nove bússolas.

Ela havia lhe contado, durante a visita, a história de como tinha aprendido a criar aqueles extraordinários animais. Era casada com um executivo, um alemão cujo trabalho o fazia visitar com frequência o Oriente Médio. Em determinado momento, eles haviam se mudado para lá de modo permanente: tinham morado em Omã, onde ele dera continuidade à carreira enquanto ela, sem filhos e sem poder trabalhar, não tinha nada de especial para fazer. Pelo visto não estava interessada nas atividades de uma esposa de expatriado; em vez disso, passava o tempo todo na praia e lendo romances. A falta de rumo dessa vida, e ao mesmo tempo sua sugestão de liberdade e prazer, era algo que ela não se dera conscientemente ao trabalho de analisar; certo dia porém, quando estava deitada na praia lendo, uma série de estranhas sombras, quase como sombras de pássaros, tinha passado voando diante de seus olhos por cima do livro, e ela fora compelida a olhar. Ali, correndo pela areia junto à linha do mar, estava um bando de cachorros. Seu silêncio, leveza e velocidade eram tais que eles pareciam ser quase algum tipo de alucinação; mas então ela viu, caminhando devagar ao longe atrás deles, um homem, um árabe vestido com uma roupa tradicional. Enquanto ela olhava, ele fez algum barulho praticamente inaudível, e o bando de cachorros na mesma hora deu meia-volta numa curva graciosa e voltou. Foram todos sentar aos pés do homem, com a cabeça erguida, e ficaram escutando enquanto ele lhes falava. Aquela visão, de um feito quase silencioso de controle e de uma empatia quase mística, mas que mesmo assim tinha por base uma disciplina absoluta, a atingiu no âmago; ela foi falar com o árabe ali mesmo, no calor e na claridade da praia, e havia começado a aprender a ciência dos salukis.

Eram cães de caça, continuou o aluno, que corriam em bando atrás de um falcão ou gavião, e a ave os guiava até a presa. Em cada bando havia dois cães principais cujo papel era observar o gavião enquanto corriam. A complexidade e a velocidade desse processo, disse ele, eram extremas: o bando flutuava silenciosamente pela paisagem, tão leve e inexorável quanto a própria morte, aproximando-se de seu alvo sem ser visto nem ouvido. Seguir os sutis sinais do gavião no céu e ao mesmo tempo correr em alta velocidade eram um feito difícil e exaustivo; os dois cães principais trabalhavam em conjunto, um assumindo enquanto o outro descansava sua concentração e assim sucessivamente. Essa ideia, dois cães dividindo a tarefa de interpretar o gavião, era algo que o atraía bastante. Sugeria que o ápice da realização para um ser consciente residia não na

solidão, mas num estado compartilhado tão intrincado e cooperativo que era quase possível afirmar que representava a comunhão de dois seres. Esse conceito, da destruição do eu unitário, da consciência não como um aprisionamento nas próprias percepções, mas sim como algo mais íntimo e menos dividido, uma universalidade que podia advir de uma experiência compartilhada no mais alto nível — bem, assim como tinha acontecido com a treinadora alemã, ele deu por si ao mesmo tempo seduzido pela ideia e disposto a realizar o difícil trabalho que a sua execução envolvia.

Perguntei se tinha conseguido manter essa visão com sua própria cadela, e ele passou algum tempo calado, com os sulcos da testa proeminente cada vez mais fundos. Disse ter voltado para Kent com a cadela que escolhera, que ele e a mulher tinham batizado de Sheba. A alemã havia treinado Sheba de modo impecável — ela nunca lhes dera absolutamente nenhum trabalho — e eles respeitavam rigorosamente as duas horas diárias de passeio que tinham sido instruídos a lhe proporcionar. Nesses passeios, Sheba podia ser solta da guia: sempre vinha quando chamada, e nunca — ou pelo menos não com frequência — perdia a cabeça correndo atrás dos coelhos e esquilos que povoavam a paisagem da região. Era objeto de grande interesse e atenção quando eles a levavam para passear, mas em casa demonstrava uma languidez que beirava o estupor: vivia deitada no seu colo ou em cima da sua cama, cobrindo-os com seu corpo grande e sedoso e repousando o focinho estreito junto a seu rosto com o que podia ser carência ou então simples tédio — ela era, como ele tinha dito, quase humana. Para ser totalmente honesto, sabia que o potencial de Sheba, sua grandeza enquanto criatura, jamais poderia alcançar seu potencial máximo no subúrbio de Sevenoaks onde eles moravam. Era quase como se a houvessem capturado, aquela criatura rara e exótica, capturado não totalmente graças ao próprio esforço, mas por meio da longa história de posse que era o destino da cadela e que a conduzira em passos sucessivos para longe de quem ela realmente era. A alemã, continuou ele, tinha lhe descrito a visão de dois salukis derrubando uma gazela em dupla com tamanho silêncio e harmonia que era como uma música tornada visível. Não havia gazelas em Sevenoaks, claro; mas ele e sua mulher amavam Sheba, e iriam cuidar dela da melhor maneira que fossem capazes.

Assim que ele terminou de falar, os outros alunos começaram a arrumar seus livros e papéis; as duas horas tinham chegado ao fim. Fui andando até a estação de metrô e embarquei no trem. Ia encontrar um homem para jantar, alguém que eu mal conhecia. Ele tinha pegado meu telefone com um amigo comum. Quando

cheguei ao restaurante ele já se encontrava lá, à minha espera. Estava lendo um livro, que recolocou na bolsa antes que eu pudesse ver o título. Perguntou como eu estava, e eu me peguei respondendo que estava muito cansada, tanto que talvez não tivesse lá tanta coisa assim a dizer. Ele pareceu um pouco decepcionado com essa notícia e perguntou se eu queria pendurar meu casaco. Respondi que ia ficar de casaco; estava com frio. Minha casa estava em obras, acrescentei. As portas e janelas viviam abertas, e a calefação tinha sido desligada. A casa havia ficado parecida com um túmulo, um lugar de pó e de frio. Era impossível comer, dormir ou trabalhar — não havia sequer lugar para sentar. Para todo lado que eu olhasse via esqueletos, os esqueletos de paredes e pisos, o que fazia a casa parecer desprotegida, permeável, como se todas as coisas que essas paredes e pisos normalmente devessem manter do lado de fora estivessem livres para entrar. Tivera de me endividar para bancar a reforma — dívida que eu não tinha nenhuma perspectiva imediata de conseguir quitar —, então, mesmo quando ela terminasse, não sabia se me sentiria totalmente à vontade ali. Meus filhos estavam fora, acrescentei. Contei-lhe a história dos cães saluki seguindo o gavião; minha atual consciência dos meus filhos, falei, era igualmente intensa e exaustiva, com a diferença de que eu estava tentando ficar de olho neles sozinha. Para completar, falei, havia algo no subsolo, algo que assumia a forma de duas pessoas, embora eu hesitasse em chamá-las pelos seus nomes. Aquilo era mais uma força, um poder de negatividade elementar que parecia de algum modo relacionado ao poder de criar. Seu ódio por mim era tão puro, falei, que quase se transformava outra vez em amor. De certa forma eles eram como pai e mãe, encolhidos malevolamente na psique da casa assim como Nagg e Nell de Beckett em seus latões de lixo. Meus filhos os chamam de trogloditas, falei. Os meninos ainda eram muito jovens para ver a moralidade em termos de caráter, disse eu, como os contos de fadas lidos na infância tinham lhes ensinado. Ainda estavam dispostos a atribuir uma identidade ao mal.

Ele havia tirado os óculos ao escutar a palavra “mal” e guardado dentro de um estojo em cima da mesa. Com eles, tinha um leve ar de coruja. Agora estava totalmente diferente.

Eu ando pensando no mal ultimamente, continuei, e começo a me dar conta de que ele não é um produto da vontade, mas sim do seu oposto, da entrega. O mal representa a desistência do esforço, o abandono da autodisciplina diante do desejo. É, de certa forma, um estado de paixão. Contei-lhe sobre Tony e sua ida ao apartamento de baixo. Tony, eu tinha certeza, sentiu medo: ao falar com os trogloditas, não conseguiu resistir a eles ou controlá-los; em vez disso, tentou

apaziguá-los por meio de um espelhamento do seu ódio, e depois me fez um relato do próprio comportamento que tentava transformar esse fracasso num ato de vontade própria e até mesmo de heroísmo. Mas parte dele, pude ver, havia armazenado o que os trogloditas tinham dito sobre mim. Eu percebi ser possível resistir ao mal, mas ao fazer isso você age sozinho. Resiste ou tomba como indivíduo. Arrisca tudo tentando; é possível até, falei, que o mal só possa ser derrubado por meio do sacrifício absoluto do eu. O problema é que nada pode dar mais prazer aos seus inimigos.

Ele sorriu e pegou o cardápio.

Você me parece estar assumindo o controle da situação, falou.

Ele me perguntou o que eu queria comer e pediu que duas taças de champanhe fossem trazidas até a mesa. O restaurante era pequeno e fracamente iluminado; a suavidade da iluminação e das superfícies estofadas parecia aliviar o caráter cortante do que eu estava tentando comunicar. Ele disse que era estranho termos levado tanto tempo para nos encontrar: na verdade fazia quase exatamente um ano que tínhamos sido — rapidamente, é verdade — apresentados por um amigo comum. Desde então, ele tinha pedido meu telefone várias vezes a esse amigo; fora a festas e jantares nos quais tinham lhe dito que eu estaria presente, apenas para descobrir que não. Não sabia por que o amigo comum tinha resistido a colocá-lo diretamente em contato comigo, se é que fora mesmo algo tão proposital quanto uma resistência. Mas, de uma forma ou de outra, ele tinha sido obstruído; até que — mais uma vez sem saber o motivo — havia recentemente pedido mais uma vez ao amigo comum meu telefone e fora prontamente atendido.

Falei que a minha atual sensação de impotência havia modificado a forma como eu via o que acontecia e por quê, a ponto de eu estar começando a ver o que outras pessoas chamavam de destino no desdobramento dos acontecimentos, como se viver fosse um simples ato de ler para descobrir o que acontece depois. Essa ideia — a de nossa própria vida como algo que já foi ditado — era estranhamente sedutora, até você perceber que reduzia os outros ao status moral de personagens e camuflava sua capacidade de destruir. Mas a ilusão de significado retornava, por mais que você tentasse lhe resistir: como a infância, falei, que nós tratamos como um texto explicativo em vez de uma simples experiência formadora de impotência. Passei muito tempo, falei, acreditando que apenas por meio de uma passividade absoluta fosse possível aprender a ver o que realmente existia. Mas minha decisão de criar uma perturbação ao reformar minha casa tinha despertado uma outra realidade, como se eu houvesse

incomodado um animal adormecido dentro da sua toca. Ele havia começado, de fato, a ficar bravo. Eu tinha começado a desejar poder, pois o que agora percebia era que outras pessoas sempre o tinham tido, que o que eu chamava de destino era apenas a reverberação da sua vontade, uma narrativa redigida não apenas por algum roteirista universal, mas por pessoas que continuariam escapando à justiça enquanto seus atos fossem respondidos com resignação em vez de indignação.

Ele me observava enquanto eu falava, com olhos de uma cor estranha que me lembravam turfa ou terra e agora pareciam estranhamente nus, como se ao tirar os óculos ele houvesse tirado também o escudo da idade adulta. Vi que havia travessas de comida sobre a mesa, embora não conseguisse me lembrar de o garçom as ter trazido. Ele disse ter ficado espantado com a minha alusão à ira: essa era uma palavra bíblica, que trazia consigo uma conotação de retidão moral, mas ele sempre havia acreditado na ira como a mais misteriosa e perigosa das qualidades humanas, justamente por ela não ter uma identidade moral fixa.

Seu pai, disse ele, gostava de fabricar coisas com as mãos no tempo livre; havia um barracão no jardim da casa de sua família, e seu pai havia criado uma oficina lá dentro. Tudo lá era mantido numa ordem meticulosa, cada ferramenta pendurada em seu gancho específico, os formões de diferentes tamanhos sempre afiados, os pregos e parafusos separados por tamanho numa prateleira. Assim, seu pai sempre podia escolher de modo conveniente as ferramentas adequadas para a tarefa da vez, e o seu exercício de suas qualidades pessoais — que incluíam uma ira aterrorizante e imprevisível, bem como uma noção de honra inabalável — parecia do mesmo modo estar submetido ao seu comando premeditado. Ele lançava mão da ira em especial com uma deliberação calculada, e essa sensação do controle por ele exercido talvez fosse mais assustadora do que a ira em si, pois a ira com certeza deveria ser incontrolável; ou melhor, se alguém era capaz de controlá-la o suficiente para decidir quando e como usá-la, então esse uso talvez pudesse ser descrito como um pecado.

Eu disse que havia muito tempo não ouvia alguém usar aquela palavra, e ele sorriu.

“Eu nunca acreditei num Deus irado”, disse ele.

Ele havia aprendido a ser cauteloso no trato com o pai, mas também havia aprendido como agradá-lo e como obter sua aprovação. Em certo sentido, o temperamento calculado de seu pai tinha instruído os filhos nas mesmas artes, embora ele nunca houvesse considerado o filho digno de confiança o suficiente para manejar sua linda coleção de ferramentas: no testamento, deixou-as todas para o cunhado, indivíduo desagradável que se divorciou da sua irmã um ano

depois, tirando assim as ferramentas da família para sempre. Seu pai era um homem que assumia o papel da correção mesmo quando estava errado; caso estivesse vivo para testemunhar esse exemplo de justiça poética, provavelmente ainda assim não a teria compreendido. Anos depois da morte do pai, numas férias chochas com a esposa da época e os dois filhos dela numa fazenda na zona rural francesa, ele fez algum pequeno favor para a senhora idosa que cuidava da casa, e ela voltou no dia seguinte com um baú de metal no banco traseiro do carro. Dentro do baú havia uma lindíssima coleção de ferramentas antigas que ela explicou querer lhe dar de presente. Tinham pertencido ao seu marido, falou; ele morrera muito tempo antes e ela as havia guardado, à espera de alguém a quem sentisse poder confiá-las.

Quando ele tinha cinco ou seis anos de idade, seus pais tinham feito ele e a irmã se sentarem e contado que os dois eram adotados. Ele era um filho e aluno exemplar até de repente, aos dezessete ou dezoito anos, parar de se comportar bem. Passou a ir a festas, começou a fumar e a beber, foi reprovado nas provas e perdeu a oportunidade de entrar para a universidade. Seu pai na mesma hora o pôs para fora de casa e nunca mais o aceitou de volta. O conceito de justiça que ele havia desenvolvido como resultado dessas experiências não era retributivo, mas sim justamente o contrário. Ele havia tentado desenvolver a própria capacidade de perdoar para poder ser livre.

Eu disse que para mim o perdão só parecia deixar você mais vulnerável àquilo que não conseguia perdoar. Francisco de Assis, acrescentei, foi deserdado pelo pai, que chegou a processá-lo na justiça pelo dinheiro gasto com a paternidade, que na época se resumia a pouco mais do que as roupas que ele usava. São Francisco tirou as roupas ali mesmo no tribunal e as devolveu ao pai, e depois disso passou a viver numa condição que havia quem qualificasse de inocente, mas que eu considerava totalmente niilista.

Ele tornou a sorrir e reparei nos seus dentes tortos, que pareciam de algum modo vinculados às situações de rebeldia e abandono que ele havia descrito. Ele disse que ainda tinha e usava muitas das roupas do pai. Seu pai tinha sido um homem bem maior e mais alto que ele; ao usar suas roupas, ele sentia que de alguma forma estava tornando a vestir aquilo que o pai tinha de bom, sua força física e moral.

Perguntei-lhe se ele algum dia tinha tentado encontrar os pais biológicos, e ele respondeu que só após completar quarenta anos, após a morte do pai adotivo, e que a essa altura seu pai biológico também já tinha morrido. Ele nunca conseguiu encontrar nenhum registro da mãe. O irmão gêmeo de seu pai ainda

era vivo; ele fora de carro até um chalé na região de Midlands, e lá, na sala excessivamente aquecida forrada por um carpete felpudo onde a televisão permaneceu ligada durante toda a visita, pela primeira vez encontrou seus parentes de sangue. Também havia pesquisado a agência de adoção e fora posto em contato com uma mulher que trabalhava lá por volta da época em que ele nascera. Ela havia descrito a sala — uma sala bem no alto de um prédio em Knightsbridge — onde a transação de fato ocorrera. Para chegar lá era preciso subir vários lances de escada, que a mãe subia com o filho no colo. Lá em cima, ela entrava numa sala vazia a não ser por um banco de madeira. Punha o bebê nesse banco, e só depois de ela se retirar da sala e descer de novo a escada era que os pais adotivos entravam da sala contígua — onde estavam aguardando — e pegavam o bebê do banco em que ele fora deixado.

Ele tinha seis semanas quando seus pais o haviam adotado e lhe deram o nome que preferiam àquele escolhido por sua mãe biológica. Contaram-lhe que depois de chegar em casa ele tinha começado a chorar e não tinha mais parado. Chorava dia e noite, a ponto de os pais começarem a se perguntar se não haviam cometido um erro ao adotar um filho. Supunha — se não fosse fantasioso demais atribuir vontade de viver a um bebê de dois meses — que nesse ponto tivesse parado de chorar. Um ano mais tarde, o casal havia adotado uma menina — sua irmã não biológica —, e a família fora considerada completa. Perguntei se ele podia me dizer o nome com que tinha sido batizado ao nascer. Ele passou alguns instantes me encarando com seus olhos de aspecto nu. John, falou.

Existia uma literatura sobre adoção, continuou, e ao repensar a própria infância ele a via quase como uma série de situações teóricas: o que na época tinha sido realidade agora — sob determinadas luzes — parecia quase um jogo, um teatro de informações retidas, como o jogo em que uma pessoa é vendada enquanto as outras a veem se debater e tatear para encontrar o que eles — os espectadores — já sabem. Sua irmã tinha sido uma criança muito diferente dele, desobediente e difícil; ele depois lera que isso era uma característica comum — quase inevitável — de irmãos adotivos, um dos quais assumia a porção obediente, o outro, a rebelde. Sua explosão de adolescente, sua introspecção e seu desejo de agradar, seus sentimentos em relação às mulheres, seus dois casamentos e subsequentes divórcios, até mesmo a sensação sem nome que ele carregava em seu âmago, aquilo que ele mais acreditava ser ele próprio: tudo isso estava praticamente preordenado, justificado antes mesmo de ocorrer. Ultimamente, ele constatou estar se afastando da estrutura moral à qual se manteve fiel ao longo de toda a vida, pois essa sensação de preordenação fazia o

exercício da vontade parecer quase inútil. Identificou-se com o que eu tinha dito sobre passividade, mas nesse caso ela o fizera ver a realidade como algo absurdo.

Reparei que ele não tinha comido nada, enquanto eu tinha comido tudo na minha frente. O garçom veio e ele afastou seu prato intocado. Ele e a irmã, falou, em resposta à minha pergunta, levavam vidas muito diferentes, que apesar disso eram estranhamente espelhadas. Ela era comissária de bordo, e ele também passava quase todo seu tempo em aviões, viajando para reuniões e congressos mundo afora. Nenhum de nós dois pertence a lugar nenhum, falou. Como ele, ela já havia casado e se divorciado duas vezes; com exceção das viagens, essa era praticamente a única coisa que os dois tinham em comum. Quando crianças, porém, tinham se amado com um amor arrebatado e espontâneo. Ele recordava que, nas raras ocasiões em que seus rígidos pais os haviam deixado sozinhos em casa, punham um disco na vitrola da família, tiravam toda a roupa e dançavam. Dançavam num êxtase selvagem, soltando gritos agudos de tanto rir. Pulavam nas camas segurando-se pela mão. Aos seis ou sete anos, tinham prometido se casar quando crescessem. Ele olhou para mim e sorriu.

Vamos beber alguma coisa em algum lugar, perguntou?

Pegamos nossos casacos e bolsas e saímos do restaurante. Lá fora, na rua escura e ventosa, ele parou. Foi aqui, falou. Bem aqui. Você lembra?

Estávamos ali, naquele mesmo lugar em que tínhamos nos conhecido, um ano antes. Eu estava aguardando na calçada ao lado do meu carro; um reboque estava vindo buscá-lo porque eu tinha perdido a chave. O homem com quem eu estava na época havia quebrado o vidro da janela com um bloco de cimento que encontrara num canteiro de obras próximo para poder pegar sua bolsa, que ficara trancada lá dentro. Ele havia me deixado ali — ele precisava ir a uma reunião importante — e, embora entendesse o que ele tinha feito, para mim era impossível perdoá-lo por isso. O alarme tinha disparado quando o vidro foi quebrado. Eu tinha passado três horas ali plantada com o alarme berrando no meu ouvido. Em determinado momento, alguém que eu conhecia — o amigo comum — saíra de um café do outro lado da rua. Estava acompanhado por outro homem, e ao me verem ali os dois tinham atravessado a rua para ir falar comigo. Contei ao amigo comum o que havia acontecido, e me lembrava de, à medida que falava, ir ficando cada vez mais consciente do seu companheiro até constatar que estava dirigindo meus comentários a ele em vez de ao meu amigo. Era esse o homem que estava ao meu lado agora. Ele havia escolhido o restaurante especialmente, confessou, sorrindo. Depois daquela conversa junto ao carro,

falou, ele e o amigo comum tinham ido embora, mas assim que dobraram a esquina ele parou e disse ao amigo comum que eles deveriam voltar e me ajudar.

Mas por algum motivo não voltamos, disse ele agora. Eu deveria tê-lo forçado a voltar, falou. Deveria ter insistido. Fora preciso um ano inteiro para ele reverter aquele momento em que tinha ido embora. Havia interpretado a dificuldade de entrar em contato comigo como uma punição que se equiparava ao crime. Mas ele havia cumprido sua pena.

Ele estendeu a mão e senti seus dedos envolverem meu braço. A mão era sólida, pesada, como uma mão de mármore esculpido saída da antiguidade. Olhei para aquela mão, para o tecido de lã escura da manga do casaco e para a área arredondada do ombro. Uma sensação avassaladora de alívio me transpassou violentamente, como se eu fosse o passageiro num carro que houvesse enfim se desviado de um abismo íngreme.

Faye, disse ele.

Mais tarde nessa noite, quando cheguei em casa e entrei na casa escura e com cheiro de pó, vi que Tony tinha instalado as placas de isolamento acústico por cima dos barrotes do chão. Estavam todas pregadas e vedadas com perfeição. Ele e Pavel deviam ter ficado até tarde, pensei, para conseguir instalar o piso. Os cômodos estavam silenciosos, o chão sólido. Caminhei pela superfície nova. Fui até a porta dos fundos, abri e me sentei no degrau do lado de fora. O céu agora estava limpo e coalhado de estrelas. Fiquei sentada olhando os pontos de luz se projetarem para a frente da escuridão. Ouvi o barulho da porta do apartamento de baixo se abrindo, o arrastar de passos e o ruído pesado da respiração de Paula no escuro. Ela se aproximou da cerca que nos dividia. Não podia me ver, mas sabia que eu estava ali. Ouvi os ruídos ásperos de suas roupas e da sua respiração quando ela chegou perto e encostou o rosto na cerca.

Sua escrota, disse ela.

Na sexta-feira à noite, peguei o carro e saí de Londres rumo ao oeste para visitar meu primo Lawrence, que havia se mudado recentemente após trocar a esposa Susie por uma mulher chamada Eloise e, no processo, ser obrigado a se transferir de um vilarejo em Wiltshire para outro de tamanho e tipo semelhantes a alguns quilômetros de distância. Esses acontecimentos tinham causado indignação e pesar tanto em amigos quanto em familiares, mas praticamente não haviam deixado marca alguma no aspecto exterior da vida de Lawrence, que parecia continuar de modo bem parecido. O vilarejo novo, segundo ele, era na verdade mais desejável e mais pitoresco do que o antigo, uma vez que ficava mais próximo da região de Cotswolds e era mais selvagem. Lawrence, Eloise e os dois filhos dela formavam a nova família, e a jovem filha de Lawrence se revezava entre as casas do pai e da mãe.

Certa noite do verão anterior, sob as sombras compridas da minha cozinha na casa antiga, eu tinha atendido ao telefone com uma sensação de mau presságio e escutado a voz de Lawrence, que me soou como nunca havia soado antes. Em Roma, respondeu ele quando lhe perguntei onde estava. E de fato eu podia ouvir o barulho da cidade ao fundo, mas minha impressão inicial permaneceu — a de que Lawrence naquele momento estava sozinho e cercado por infinitos espaços vazios que ele fitava com terror e assombro. Como ele não respondeu à minha pergunta sobre o que estava fazendo em Roma, fiquei calada e o deixei me contar que estava a ponto de acabar seu casamento para ficar com uma mulher por quem acreditava estar apaixonado. Essa crise já vinha se anunciando havia alguns meses, falou, mas ali, em Roma, tinha extrapolado os limites que a continham e se tornado iminente. A mulher, Eloise, estava lá com ele — ele viajara a trabalho e Eloise o acompanhara, fato que Susie desconhecia —, mas ele saíra para caminhar sozinho de modo a poder pensar. Foi durante essa caminhada que tinha me telefonado. Está fazendo trinta e oito graus aqui, disse ele. Tudo está parecendo completamente irreal. Acabei de passar por uma mulher caída na rua desacordada, toda coberta de lama. Não sei onde estou; o sol já se pôs, mas por algum motivo não está escurecendo. A luz parece estar vindo

de lugar nenhum. É como se o tempo tivesse parado, disse ele, o que imaginei ser uma forma de dizer que ele não conseguia mais identificar nem imaginar um futuro.

Está tudo bem, falei.

Eu não sei se está tudo bem ou não, disse ele.

Ali, ao telefone, começou a me falar de um livro sobre Carl Jung que estava lendo.

Minha vida inteira foi uma farsa, disse ele.

Falei que não havia motivo para acreditar que essa percepção também não fosse uma farsa.

Tem a ver com liberdade, disse ele.

Liberdade, falei, é uma casa da qual você vai embora uma vez e para a qual nunca mais pode voltar.

"Meu Deus", disse Lawrence, "meu Deus, eu não sei o que fazer."

Mas era óbvio que ele já tinha tomado uma decisão.

Desde então, eu não estivera muito com Lawrence, mas até onde sabia ele e Eloise estavam vivendo juntos tranquilamente, depois de a raiva de Susie parar em algum lugar antes de destruir por completo a sua felicidade. Ela havia me telefonado uma vez, no início, para me contar a sua versão da história, uma narrativa longa e sórdida que teve o efeito provavelmente indesejado de gerar solidariedade por Lawrence; ao que parecia, havia telefonado para todos os amigos e parentes do casal para fazer um discurso no mesmo estilo. Lawrence tinha suportado esse ataque em silêncio, soturnamente — houve um período em que o seu rosto exibia uma expressão fixa de dentes trincados. Susie arrancou suas entranhas no acordo financeiro, e então, se não satisfeita, ao menos presumivelmente aplacada, recuou. Lawrence apreciava o luxo, e me perguntei como a perda do dinheiro o teria afetado, mas ele nunca disse nada que sugerisse algum aperto financeiro para ele e Eloise.

Depois de um trecho de autoestrada, o trajeto percorria uma série de estradas estreitas e sinuosas que nunca pareciam passar por nenhum povoado, mas serpenteavam longamente por uma zona rural escura envolta numa névoa densa. Às vezes um carro vinha no outro sentido, e seus faróis rasgavam na brancura dois buracos amarelos. Os vultos submersos das árvores apareciam debilmente ao longo da estrada como objetos aprisionados em gelo. Em determinados pontos, a névoa era tão espessa que chegava a cegar. O carro seguia tateando, às vezes quase colidindo com o acostamento íngreme quando uma curva aparecia de modo inesperado. A estrada ia surgindo com uma lentidão e monotonia que

pareciam inexauríveis, exibindo apenas a parte de si que ficava logo à frente. Era totalmente possível eu bater a qualquer momento. A sensação de perigo se mesclava a um sentimento quase prazeroso de expectativa, como se alguma amarra ou obstrução estivesse prestes a ser enfim arrancada, alguma fronteira ultrapassada do outro lado da qual aguardava a libertação. Uma mensagem de texto soou no meu celular. *Por favor, dirija com cuidado*, dizia. Quando cheguei à casa de Lawrence, desliguei o motor com as mãos trêmulas e fiquei sentada na escuridão e no silêncio do acesso de cascalho olhando para as janelas douradas iluminadas.

Depois de algum tempo, Lawrence saiu da casa. Seu rosto pálido espiou curioso pela janela do carro. A casa era uma casa de fazenda comprida com paredes de tijolo muito antigas e um pouco arredondadas, cercada por um jardim murado. Mesmo no escuro e com a névoa, era evidente que tudo estava muito bem cuidado e impecável. O spot de luz acima da porta da frente lançava um facho grande e intenso. O cascalho estava limpo, e os arbustos e as cercas vivas tinham sido aparados em formas precisas. Lawrence estava com um cigarro na mão. Saltei do carro, e ficamos ali esperando até ele acabar de fumá-lo.

“Eloise odeia que eu fume”, disse ele. “Diz que isso a faz sentir que a nossa vida se encontra numa situação de crise. Se a nossa vida estiver em crise…”, ele jogou a bituca do cigarro em cima dos arbustos escuros, “… então é uma crise permanente.”

Lawrence tinha emagrecido. Estava usando roupas caras e tinha uma aparência mais elegante e arrumada do que antigamente. Havia ao seu redor um ar de vitalidade levemente ameaçador, quase de animação. Apesar de ele negar qualquer crise, em pé em frente à sua casa de campo ele parecia sim um pouco um ator em alguma espécie de encenação da vida burguesa. Havia outros convidados além de mim, disse-me ele antes de entrarmos: uma amiga de Eloise de Londres e também uma amiga comum dos dois que morava ali perto. Foi por meio da amiga comum que ele e Eloise se conheceram, e ela visitava a casa com frequência.

“Nós tentamos manter o ritmo das libações”, disse ele, com um sorriso semelhante a um esgar.

Ele abriu a grande e rebuscada porta da frente e atravessamos um hall escuro até outra porta debruada de luz, do outro lado da qual emanavam sons de música e conversa. A porta se abriu para um cômodo grande de pé-direito baixo iluminado por tantas velas que por um segundo pareceu estar em chamas. Fazia muito calor, e o espaço estava mobiliado com objetos que eu não reconheci da existência pregressa de Lawrence: sofás modernos em formatos cúbicos; uma imensa mesa de centro de vidro e aço; um tapete de pele animal. Havia diversos quadros modernos que eu não conhecia pendurados nas paredes. Perguntei-me como Lawrence tinha criado aquilo tudo tão depressa, como se fosse um cenário de teatro. Eloise e duas outras mulheres bebiam champanhe sentadas em sofás baixos ao redor da mesa de centro. Do outro lado da sala, várias crianças jogavam um jogo sentadas e deitadas em grupo no chão. Ao seu lado estava uma menina mais velha sentada numa cadeira. A menina tinha impressionantes cabelos ruivos escorridos que caíam como um véu até a cintura, e usava um vestido sem mangas vermelho muito curto, que deixava à mostra toda a extensão de suas pernas grossas, brancas e nuas. Estava calçando um par de sandálias vermelhas com saltos pontudos tão altos que teria sido difícil dar mais de alguns passos.

Eloise se levantou para me cumprimentar. As duas outras mulheres ficaram onde estavam. Eloise estava vestida com elegância e tinha o rosto cuidadosamente maquiado; as duas amigas também estavam de vestido e salto alto. Era como se aguardassem a hora de sair para alguma festa chique, em vez de permanecer ali para uma noite no campo escuro e enevoado. Parecia um desperdício não haver ninguém para admirá-las. Eloise se aproximou e puxou de leve as minhas roupas enquanto dava um muxoxo.

“Sempre tudo tão escuro”, falou. Pude sentir o cheiro do seu perfume. Ela usava um vestido de malha macio feito com uma linha de cor creme. Chegou ainda mais perto e examinou meu rosto. Roçou a ponta dos dedos na minha bochecha, então recuou um pouco para examiná-los. “Só fiquei curiosa para saber o que você estava usando no rosto”, disse ela. “Está muito pálida. Isto aqui…”, ela tornou a puxar minhas roupas, “… está sugando você.”

Ela me apresentou às duas outras, que, apesar de não terem se levantado, esticaram os braços nus das profundezas do sofá para apertar minha mão com os dedos de unhas feitas. Uma delas era uma morena muito magra, com uma boca carnuda pintada de batom e um rosto comprido, estreito e ossudo. Estava usando

um vestido justo com estampa de leopardo e um pesado colar de ouro que parecia uma coleira em volta do pescoço cheio de tendões. A outra tinha cabelos claros e sedosos e uma beleza nórdica severa, acentuada pelo vestido justo e branco com o qual estava vestida. As crianças no seu canto estavam ficando inquietas, e logo uma menininha com um par de asas de musselina e arame preso às costas se afastou do grupo e veio se postar ao nosso lado. A mulher loura lhe disse alguma coisa num idioma estrangeiro e a menina respondeu com petulância. Então começou a escalar o encosto do sofá, ação que a mulher deu o melhor de si para ignorar até a menina chegar por trás de onde ela estava e se jogar em cima dela com os braços muito apertados em volta do seu pescoço.

"Ella!", disse a mulher, assustada. Fez uma tentativa pouco eficaz para se soltar. "O que está fazendo?"

A menina se pôs a rir loucamente, esparramada junto às costas da mulher com a boca aberta e a cabeça jogada para trás. Pude ver os cotocos brancos de seus dentinhos nas gengivas rosadas. Ela então escalou os ombros da mulher e, ainda pendurada no seu pescoço, atirou-se pesadamente no seu colo, onde ficou se contorcendo e chutando com as pernas de modo descontrolado. Vi que a mulher não queria ou não conseguia assumir o controle da situação, e portanto não tinha deixado a si mesma outra alternativa senão agir como se aquilo não estivesse acontecendo.

"Você veio de carro de Londres?", perguntou para mim, com dificuldade, enquanto a criança se contorcia no seu colo.

Era difícil tomar parte naquele seu fingimento, pois a menina estava com os braços tão apertados em volta do seu pescoço que a estava visivelmente sufocando. Por sorte, bem nesse momento Lawrence passou por ali e, tirando com facilidade a menina do colo da mulher, com asas e tudo, alegremente carregou sua forma de repente flácida e dócil de volta até o outro lado da sala. Olhando para ele, a mulher levou a mão ao pescoço, no qual ainda restavam diversas marcas vermelhas.

"Lawrence tem tanto jeito com a Ella", comentou. Falou de modo ameno, quase desinteressado, como se houvesse observado a cena que acabara de acontecer, e não participado dela. Um levíssimo sotaque era audível na sua voz. "Ela reconhece a sua autoridade sem ter medo dele."

Seu nome era Birgid; ela me disse que ao longo do último ano, desde que ele fora morar com Eloise, tinha estudado de perto o comportamento e o caráter de Lawrence. Eloise era uma de suas amigas mais antigas; ela queria se certificar de que Lawrence fosse bom o bastante para ela, falou. No início ele não havia

apreciado aquele seu exame e o modo como ela questionava tudo que ele dizia e fazia, mas no fim os dois tinham se tornado próximos, e com frequência ficavam acordados conversando depois de Eloise ir se deitar. Era comum Eloise ficar muito cansada, acrescentou Birgid, pois seu filho mais novo tinha dificuldade para dormir e acordava várias vezes à noite; o mais velho, enquanto isso, estava com dificuldades na escola. Eloise não tinha energia para questionar Lawrence sozinha — ele gostava de fazer as coisas do seu jeito —, então Birgid fazia isso por ela.

"Já vi isso acontecer com Eloise antes", disse Birgid. "Os homens gostam dela porque ela transmite uma impressão de independência, quando na verdade é completamente submissa. Ela atrai homens truculentos", acrescentou ela, torcendo o pequeno nariz. "O último marido dela era um porco de marca maior."

Birgid tinha olhos extraordinariamente compridos e estreitos de um incrível tom de verde-claro. Seus cabelos também eram claros — quase brancos — e à luz das velas sua pele tinha a mesma lisura e solidez do mármore. Perguntei-lhe de onde ela vinha, e ela respondeu que tinha nascido e sido criada na Suécia, mas que morava na Inglaterra desde os dezoito anos. Tinha vindo cursar a universidade e conhecera o marido — um colega seu — no primeiro semestre. Os dois tinham se casado durante as férias universitárias e voltado, para grande espanto de seus amigos estudantes, marido e mulher. Jonathan não pudera ir naquela noite, acrescentou ela. Estava com trabalho demais para fazer, e além disso achava que seria bom para a mulher e a filha fazerem a viagem juntas. Birgid decidira não ir dirigindo porque nunca tinha ido a lugar nenhum sozinha de carro com Ella. Em vez disso, as duas tinham pegado o trem.

"Por isso perguntei se você tinha vindo de carro", disse ela. "Eu tive medo de vir dirigindo."

Eu disse que ela estava certa em sentir medo, e ela me escutou com uma compostura rígida, balançando a cabeça.

"Quando você tem medo de alguma coisa, é sinal de que é algo que deve fazer", falou.

Ela própria sempre tinha vivido segundo essa filosofia, acrescentou, mas, desde o nascimento de Ella, notara que repetidas vezes fora infiel a tais ideias. Jonathan e ela tinham esperado muito tempo para ter um filho; ela descobrira estar grávida no dia do seu aniversário de quarenta anos. Daria para dizer que tinham esperado até o último segundo possível, falou. Não era biologicamente impossível ter um segundo filho, claro — estava agora com quarenta e quatro anos —, mas ela não queria. Já fora difícil o suficiente acomodar Ella na vida

deles após mais de duas décadas sendo apenas os dois. Eles não eram mais tão flexíveis quanto aos dezoito anos. Introduzir um elemento novo em algo já consolidado era extremamente difícil. Não que Jonathan e eu tivéssemos uma vida engessada, acrescentou. Mas éramos felizes daquele jeito.

Ela estendeu a mão para sua taça de champanhe e tomou um gole devagar. Atrás dela, a névoa pairava opaca do outro lado das janelas. Fiquei espantada com a sua idade, que teria chutado ser, no mínimo, uns dez anos a menos, embora ela não tivesse a juventude árdua obtida à custa de uma preservação ativa de si; apenas parecia, isso sim, ter evitado se expor, como uma dobra de cortina que não desbota porque nunca vê o sol.

Perguntei com que frequência ela voltava à Suécia.

Muito raramente, ela respondeu. Falava um pouco de sueco às vezes com Ella, mas tirando isso seus vínculos com esse passado eram poucos. Seu marido — pai de Ella — era inglês, e como eles tinham se casado muito jovens, Birgid tinha quase a sensação de que a Suécia representava a infância, ao passo que a Inglaterra era o palco da vida adulta. Seu pai ainda vivia lá, e alguns de seus irmãos — eram cinco filhos na família —, mas a sua agenda de trabalho era tal que ela não tinha muito tempo para visitas familiares. Quando ela e Jonathan tiravam folga, preferiam ir a lugares quentes e exóticos — para a Tailândia ou para a Índia —, embora naturalmente agora que tinham Ella essas viagens fossem impraticáveis. Além disso, porém, ela não gostava de ser lembrada de como sua família tinha mudado; preferia recordar sua infância como havia sido.

Algum tipo de desavença havia surgido na outra ponta da sala. Um dos filhos de Eloise chorava; o outro estava engalfinhado com a filha de Lawrence para disputar a posse de um brinquedo que se partiu quando eles o puxaram cada um para um lado, fazendo a filha de Lawrence cair para trás e começar a chorar também. Como punição, a filha de Birgid começou a bater no menino mais velho com sua varinha de condão de plástico. A menina de vestido vermelho permaneceu imóvel na sua cadeira, assistindo à cena com um semblante inexpressivo e os olhos arregalados. Sustentava a cabeça muito parada com seu lençol de cabelos ruivos. Tinha as mãos unidas no colo; mantinha as pernas compridas e nuas com seus sapatos de salto alto muito juntas. Embora usasse pouca roupa, parecia aprisionada dentro dela.

Eloise se levantou para intervir, e segundos depois estava sendo atacada por todos os lados, o filho mais novo pendurado em seu vestido e o mais velho socando seu quadril com a mãozinha branca fechada, todos gritando com suas vozes agudas para dar sua versão da história. A mulher de vestido de leopardo se

virou no sofá, com a taça de champanhe na mão, e dirigiu-se à menina ruiva do outro lado da sala com uma voz surpreendentemente alta saída do seu corpo estreito.

“Henrietta!”, gritou ela. “Henrietta! Você não deveria estar cuidando deles, querida?”

Henrietta a encarou, seus olhos se arregalaram mais ainda, e ela virou a cabeça devagar em direção às crianças. Pareceu dizer alguma coisa, quase sem mexer os lábios, mas ninguém lhe deu a menor atenção.

“Sério”, disse a mulher de vestido de leopardo, virando as costas. “Nem sei por que me dou ao trabalho de abrir a boca.”

Recostado no sofá, de pernas cruzadas e com um copo na mão, Lawrence não parecia reparar nas dificuldades de Eloise do outro lado da sala.

“Lawrence, vá ajudá-la”, disse Birgid, olhando para ele.

Lawrence lhe abriu um sorriso levemente ameaçador.

“Nós combinamos que não vamos nos meter nas brigas deles”, disse ele.

“Mas você não pode simplesmente deixar tudo na mão dela”, disse Birgid.

“Se ela decidiu romper o combinado, ela que se vire”, disse Lawrence.

O filho de Eloise tinha levantado os pés do chão e estava agora pendurado inteiramente no vestido da mãe. O tecido frágil cedeu na mesma hora e rasgou bem na frente, revelando os seios brancos de Eloise abrigados dentro do sutiã lilás de renda.

“Que horror”, murmurou Birgid, virando-se.

“Ela vai ter de se virar”, disse Lawrence com os lábios contraídos.

Eloise passou por eles com os saltos altos estalando, segurando a frente da roupa. Voltou dali a poucos minutos usando outro vestido.

“Que bonito”, disse a mulher de leopardo, inclinando-se para tocar o tecido. “Eu já vi esse antes?”

Assim que Eloise sentou, Lawrence se levantou, como para se distanciar da conduta dela fazendo o contrário do que quer que ela fizesse. Foi até a geladeira, pegou outra garrafa de champanhe e começou a abri-la.

“Ele é um homem orgulhoso”, disse-me Birgid enquanto o observava. “E de certa forma tem razão”, acrescentou. “Se eles começarem a ficar sentimentais em relação aos filhos, seu relacionamento vai estragar.”

Os seus próprios pais, disse ela, tiveram uma história de amor de verdade; a atenção de um em relação ao outro jamais falhara durante todos os anos do seu casamento, apesar do fato de estarem criando cinco filhos de idades tão próximas que nos álbuns de fotos da família a mãe parecesse seguidamente

grávida durante vários anos. Eram pais jovens, acrescentou ela, e tinham uma energia incansável; sua infância fora cheia de viagens para acampar, expedições de barco a vela e verões na cabana que eles haviam construído com as próprias mãos. Seus pais nunca tiravam férias sozinhos e tratavam todos os eventos de família com grande cerimônia, comendo todas as noites com os filhos em volta da mesa da cozinha, tanto que ela não conseguia se lembrar de uma única refeição da noite em que eles tenham estado ausentes, o que devia significar que eles raramente saíam para jantar juntos, se é que saíam. Enquanto Jonathan e eu, acrescentou ela, comemos em restaurantes quase toda noite. Ela saía para trabalhar tão cedo e voltava tão tarde, continuou, que quase nunca chegava a ver Ella comendo, embora a babá naturalmente lhes desse as comidas corretas, como Jonathan e Birgid tinham lhe instruído a fazer. Para ser totalmente honesta, disse Birgid, eu na verdade evito os horários de refeição de Ella — arrumo coisas para fazer no escritório em vez disso. Desde o nascimento da filha, Jonathan teve de começar a fazer carne assada com batatas para o almoço de domingo, já que isso era uma tradição na sua família e ele achou que eles devessem repeti-la para o bem de Ella.

Mas eu na verdade não gosto de comer no almoço, disse Birgid, e Ella fica chatinha a essa hora, então Jonathan acaba comendo a maior parte da comida sozinho.

Seus pais costumavam preparar um cardápio de pratos alternados que acabara se tornando tão conhecido para os filhos quanto os dias da semana. As cadências da sua infância quase podiam ser expressas nesses sabores e texturas recorrentes e nas mais longas e mais lentas repetições das estações, nas nuances e gradações das comidas de verão e de inverno pontuadas pelo bolo de aniversário que nunca mudava, um bolo diferente para cada filho e os cinco bolos sempre os mesmos a cada ano. Birgid tinha nascido no verão: seu bolo era uma linda estrutura de vários andares com merengue, frutas vermelhas e creme de leite fresco, o melhor de todos. Um dos motivos pelos quais ela não gostava de voltar à Suécia era por causa da comida, que ao mesmo tempo a soterrava em lembranças e lhe deixava um gosto amargo na boca, pois parecia conhecida quando na realidade era totalmente estranha.

Perguntei o que havia causado essa dissonância, e durante algum tempo ela não respondeu, e ficou manuseando a pedra verde que usava numa correntinha de prata ao redor do pescoço e que obviamente fora escolhida pela semelhança com seus olhos.

Era verdade, disse ela, que em determinado ponto — quando estava talvez

com doze ou treze anos — alguma coisa tinha se alterado em sua participação na vida familiar, algo tão sutil e imperceptível que era-lhe até difícil nomear. Mas ela recordava de modo bem distinto o momento em que essa mudança ocorrera, quando estava voltando da escola para casa numa tarde cinza de semana igual às outras. Estava descendo da calçada para pisar na rua e teve uma súbita sensação de deslocamento, quase a sensação de algo cedendo. Esperou a sensação passar, mas não passou; voltou para casa sentindo aquilo, e na manhã seguinte, quando acordou, a sensação continuava lá. Não conseguia dar um nome àquilo, falou, mas uma das consequências foi que desse dia em diante sentiu estar observando a vida de fora, em vez de fazer parte dela. Começou a observar os pais e os irmãos sentados conversando e comendo em volta da mesa, e embora o que mais quisesse fosse participar outra vez daqueles jantares e conversas, não conseguia. Talvez tenha sido essa sensação de irrealidade que a fez, em determinado momento, começar a gravar seus parentes sem eles perceberem. Ela usava um gravador que tinha ganhado de presente, que posicionava perto da mesa da cozinha e cuja fita trocava diariamente. Seus pais nunca repararam, mas depois de algum tempo os irmãos sim, e por um tempo aquilo se tornou para eles uma espécie de obsessão, escutar a repetição da hora ou mais que haviam passado sentados jantando em volta da mesa. Nenhum deles estava particularmente interessado em ouvir a própria voz; queriam ouvir, isso sim, as vozes dos pais. Às vezes os irmãos a faziam reproduzir várias vezes um trecho específico de conversa entre sua mãe e seu pai. Analisavam-no em detalhes, tentando destrinchar cada significado possível por trás das palavras. Estavam tentando, agora ela percebia, compreender o relacionamento dos pais, e repetidamente não conseguiam, pois noite após noite faziam novas gravações e recomeçavam o processo. No final, deviam ter escutado centenas de horas de conversas dos pais, e nem sequer uma vez sua mãe ou seu pai disseram alguma palavra que proporcionasse um vislumbre ou uma nesga de visão para entender o mistério do seu amor.

Perguntei se ela ainda tinha as fitas.

Claro, respondeu. Mandei digitalizar faz muitos anos. As originais estão catalogadas por data num grande armário no meu escritório. Quando nossa mãe morreu, meus irmãos pediram as fitas e eu neguei, disse ela. Brigamos por causa disso, acrescentou. É meio triste. Agora não nos vemos mais tanto assim.

Depois que sua mãe morreu, prosseguiu ela, o pai logo se casou outra vez. Uma mulher tinha aparecido um belo dia na casa dele vendendo produtos de limpeza de porta em porta, e ele se casara com ela assim, sem mais. Os dois

tinham vendido a linda casa da sua infância e se mudado para um bangalô horrendo numa parte ruim da cidade. A mulher em si era horrenda, grosseira e obesa, o total oposto da esbelta e bonita mãe de Birgid. Ultimamente seu pai vivia feito um mendigo, desgrenhado e sujo, e não tinha mais um tostão. Seus irmãos haviam tentado processar a mulher, mas acabaram descobrindo que o pai tinha lhe dado tudo por livre e espontânea vontade, inclusive todos os objetos da sua vida em família, que ela havia vendido ou jogado fora. Deixara que ele continuasse morando no bangalô junto com ela, mas o tratava feito um cachorro. A própria Birgid já tinha ido embora para a Inglaterra quando essas coisas aconteceram; na sua ausência, seu passado inteiro fora desmantelado. Até mesmo os álbuns de retrato haviam sumido — se não fossem as fitas, ela nunca mais poderia provar que aquilo tudo de fato acontecera.

Lawrence estava nos chamando à mesa para comer, e as outras se levantaram do sofá.

Perguntei se ela ainda tinha a sensação de irrealidade, e por que achava que esta tinha surgido, para começo de conversa. Ella havia voltado a ficar em pé do nosso lado, e então subiu no colo de Birgid, pousou a cabeça no seu peito e começou a chupar o dedo. Distraidamente, Birgid afagou seus cabelos escuros e ergueu os estranhos olhos para encarar os meus.

“Eu gosto que você faça essas perguntas”, falou. “Mas não entendo por que você quer saber.”

Lawrence tornou a nos chamar e ela tentou pôr a menina no chão, mas Ella se agarrou, protestando, então Birgid se levantou com a filha ainda no colo e ficou parada de modo um tanto impotente até Lawrence aparecer para buscá-la.

“Venha cá, macaquinha”, disse ele, levando a menina embora até a outra ponta da mesa comprida sob as janelas cercadas de névoa que havia sido posta com esmero para o jantar.

As crianças estavam sentadas numa das pontas da mesa; os adultos, na outra. A menina de cabelos ruivos estava sentada no meio. Eu fora acomodada em frente a Eloise, e durante algum tempo fiquei observando seus olhos se moverem ansiosos de um convidado a outro enquanto os dedos alisavam com frequência o próprio vestido e os cabelos, que ela tocava como se quisesse se tranquilizar em relação a alguma coisa. Tinha um rosto suave, gracioso, com uns olhinhos miúdos rodeados de vermelho que pareciam estar sempre à beira do choro e um sorriso corajoso que exibia com frequência, como para contrabalançá-los. Bem diferente de Susie, que era uma mulher alta, forte e volúvel, com tendência a dar ordens e administrar questões práticas, e que tinha um domínio tão completo da

organização que havia planejado a vida de Lawrence e a própria até um futuro distante, e muitas vezes sabia dizer onde eles iriam estar e o que estariam fazendo numa data meses e às vezes anos depois. Com Susie, Lawrence tinha se tornado cada vez mais truculento e menos cooperativo, algo que só ela parecia não haver notado, por ser, eu imaginava, insensível. Mesmo assim, parecia especialmente cruel que, apesar de toda a sua obsessiva previsão do futuro, ela nunca houvesse permitido passar pela cabeça a ausência de Lawrence desse futuro. Andava sozinha ultimamente, tinha me dito Lawrence, e estava tentando — nem sempre com sucesso — se comportar de maneira civilizada e até mesmo generosa com ele e Eloise. Eu lhe disse que ela havia mandado presentes de Natal para os meus filhos. Os presentes estavam embrulhados de modo tão bonito e cuidadoso que vê-los tinha me feito sentir uma tristeza desproporcional, como se o que estivesse debaixo do embrulho fosse não um brinquedo ou um jogo, mas a própria inocência, a inocência das boas intenções que por fim se desgastariam ou seriam descartadas após terem sido reveladas. Essa inocência pareceu subitamente muito mais real do que todas as aberrações documentadas na conduta de Susie tanto antes quanto depois de Lawrence a deixar: naquele instante — eu não disse isso a ele — o que eu mais havia desejado era que ele voltasse atrás e honrasse as promessas feitas a ela.

Eloise havia reparado que eu a estava observando, e na mesma hora reuniu sua atenção dispersa e a apontou na minha direção num único raio sorridente. Uniu as mãos por sobre o peito e se inclinou por cima da mesa como se fosse numa conversa confidencial.

“Quero saber tudo!”, falou.

Seu filho mais novo, Jake, tinha deixado seu lugar na outra ponta da mesa e estava em pé ao lado dela. Deu um tapinha no braço da mãe.

“O que foi, Jakey?”, indagou ela, virando a cabeça distraidamente.

O menino ficou na ponta dos pés para sussurrar no seu ouvido, e ela escutou com uma expressão de paciência animada no rosto. Quando o filho terminou de falar, pediu licença, levantou-se e foi falar com Lawrence, que tirava comida do forno com um avental amarrado na cintura.

Enquanto ela estava ausente, Jake me perguntou se eu já tinha ido a Marte. Respondi que não.

“Eu tenho uma foto de Marte”, disse ele. “Quer ver?”

Ele se retirou, voltou com um livro e o abriu na mesa à minha frente.

“Está vendo o que é?”, indagou, apontando.

Eu disse que parecia uma pegada. Ele aquiesceu.

“É isso mesmo que é”, falou. “Pensei que você pudesse ter visto na vida real”, acrescentou, desapontado. Disse que iria morar em Marte assim que tivesse idade suficiente para comprar um foguete. Parece um bom plano, falei.

Lawrence apareceu e disse a Jake para se sentar no seu lugar outra vez.

“E pare de pedir comida diferente para a mamãe”, disse ele. “Nós vamos todos comer a mesma comida.”

Na mesma hora, Jake adquiriu uma expressão ansiosa.

“Mas e se eu não gostar?”, disse ele.

Vi que Lawrence estava se esforçando para não perder a paciência. Tinha o rosto vermelho feito um tijolo, e a boca contraída numa linha.

“Aí você não come”, falou. “Mas vai ficar com fome.”

Eloise tornou a sentar, alisando o vestido. Inclinou-se por sobre a mesa para se dirigir a mim com seu sussurro conspiratório.

“Já reparou como Lawrence é controlador em relação à comida?”, disse ela. “É totalmente francês. Outro dia fomos ao restaurante e ele obrigou Angelica a comer um escargot.”

Angelica era a filha de Lawrence.

“A pobre menina comeu como se fosse Joana d’Arc na fogueira”, disse Eloise. “Jakey e Ben ficaram com os olhos totalmente esbugalhados. Dava para ver os dois pensando que seriam os próximos. Jakey só come doce”, acrescentou ela. “E Ben não encosta em nada que não seja basicamente branco. Depois eles passaram horas sem chegar perto de Angelica. Segundo eles, podiam sentir o cheiro no seu hálito.”

Ela correu os olhos pela mesa, então se inclinou mais ainda na minha direção.

“Ele fica uma fera quando eu dou aos meninos o que eles querem”, sussurrou. “Fica consternado com a falta de disciplina deles. Você sabe que Jakey não dorme”, disse ela. “Vai para o nosso quarto quatro ou cinco vezes por noite, e Lawrence não o deixa subir na nossa cama. Ele não acha isso bom. Mas a questão é que Jakey sempre teve o costume de subir na minha cama”, disse ela. Era o que fazia ele voltar a dormir. Mas agora eu tenho de acordar também e levá-lo lá para baixo no meio da noite.”

Perguntei o que eles faziam juntos àquela hora.

“Ficamos vendo TV”, respondeu ela. “A verdade é que Susie era muito organizada”, continuou ela, chegando mais perto ainda. “Ela lia tudo nos livros. Eles tinham uma biblioteca inteira de livros. Toda vez que uma criança fazia alguma coisa, era preciso parar e esperar ela ir pesquisar. Tinha umas coisas na verdade bem vitorianas”, acrescentou ela.

Lembrei-me de certa vez ter ido visitar a casa de Susie e Lawrence e cruzado com Angelica, de três ou quatro anos, sentada sozinha no pé de uma escada. Aquele era o degrau do malcriado, disse-me ela quando perguntei. Continuava lá quando fui embora.

"Eu digo a Lawrence: amor, tudo que precisamos fazer é amá-los." Eloise estava ficando com os olhos marejados. "É verdade, não é? Eles só precisam ser amados."

Eu disse que não sabia. Para alguém como Lawrence, esse tipo de amor era indistinguível da autoabnegação.

"Eu acho que as pessoas têm medo", disse Eloise. "Medo dos próprios filhos."

Se isso fosse verdade, falei, era porque viam nos filhos o registro das próprias falhas e deslizes.

"Você não tem medo, tem?", perguntou ela, me encarando com os olhos miúdos.

Dei por mim lhe contando sobre um início de noite alguns anos antes, quando eu estava em casa sozinha com meus dois filhos. Era inverno; estava escuro desde o meio da tarde, e os meninos estavam ficando indóceis. O pai tinha saído, estava voltando de carro de algum lugar. Estávamos os três esperando que ele chegasse. Lembro-me da sensação de tensão naquele espaço, que parecia estar relacionada ao caráter provisório daquela situação, ao fato de estarmos esperando. Os meninos não paravam de perguntar quando ele iria chegar, e eu também não parava de olhar para o relógio, esperando o tempo passar. No entanto, sabia que nada de diferente ou particularmente importante iria acontecer quando ele chegasse. O fato era que algo estava sendo esticado pela ausência dele até quase se romper, algo que tinha a ver com acreditar: era como se a nossa capacidade de acreditar em nós mesmos, na nossa casa, na nossa família e em quem dizíamos ser estivesse sendo tão esgarçada que poderia ceder por completo. Eu recordava a sensação opressiva de realidade logo abaixo da superfície das coisas, como um segredo que eu estivesse me esforçando para conter. Percebi que não queria estar ali naquele espaço. Queria sair e caminhar pelos campos no escuro, ou ir até uma cidade onde houvesse animação e glamour, ou estar em qualquer lugar onde a compulsão da espera não pesasse sobre mim feito chumbo. Queria estar livre. Os meninos começaram a discutir e a brigar, como tinham o hábito de fazer. E isso também de repente pareceu um formato suscetível de ser rompido, de ser transgredido de modo súbito e chocante. Estávamos na cozinha, e eu estava lhes preparando algo para comer na comprida bancada de pedra. Os meninos estavam na outra ponta da bancada,

sentados em bancos altos. Meu mais novo importunava o mais velho querendo brincar com ele, e o mais velho ia ficando cada vez mais irritado. Parei o que estava fazendo com a intenção de intervir na briga quando vi meu mais velho de repente segurar a cabeça do irmão com as duas mãos e arremetê-la contra a bancada. O mais novo na mesma hora caiu no chão, aparentemente desacordado, e o mais velho o deixou ali e saiu correndo da cozinha. Essa demonstração de violência, de um tipo que nunca tinha acontecido antes na nossa casa, não foi apenas chocante — ela também concretizou algo que eu parecia já saber, a ponto de acreditar que meus filhos tinham apenas agido em consequência desse conhecimento, que tinham sido levados a executar algo de que eles próprios não se davam conta ou que não compreendiam. O pai deles ainda demorou mais um ano para sair de casa, mas se eu tivesse de identificar o momento em que o casamento acabou, seria esse, naquele início de noite escuro na cozinha, quando ele nem sequer estava presente.

Eloise escutava com uma expressão de empatia no rosto.

“Ele ficou bem?”, perguntou ela. “Você teve de levá-lo para o hospital?”

Ele ficou chocado e chateado, falei, e fez um baita galo na cabeça, mas não precisou ir para o hospital.

Ela passou algum tempo calada, com as mãos unidas em frente ao corpo e os olhos baixos. Estava usando vários anéis de prata delicados nos dedos, e a grande e reluzente pedra preciosa que Lawrence lhe dera como anel de noivado.

“Mas você não se arrepende, não é?”, disse ela. “Deve ter sido a coisa certa, senão você não teria feito.”

Eu disse que não tinha resposta para isso, porque ainda não sabia exatamente o que era que eu tinha feito.

Ela abriu um sorrisinho travesso e me espiou por baixo dos cílios louros e curtos. Disse que pretendia me apresentar a um dos seus amigos solteiros. Estava pensando num deles em especial — era muito bonito e muito, muito rico. Tinha um apartamento de cair o queixo em Mayfair — era colecionador de arte — e também uma casa na Côte d’Azur. Lawrence, que agora tinha vindo se sentar do nosso lado, deu um grunhido.

“Por que você vive tentando empurrar Freddie para as suas amigas?”, disse ele. “Ele é um grosso de marca maior.”

Eloise fez uma careta e deu uma leve fungada.

“Aquele dinheiro todo”, disse ela. “Pelo menos estaria indo para uma boa causa. Parece um desperdício tão grande.”

“Nem todo mundo liga tanto para dinheiro quanto você”, disse Lawrence.

Eloise não pareceu se ofender com o comentário. Em vez disso, riu.

"Mas eu não liguei", disse ela. "A questão é essa."

Lawrence tinha servido todo mundo com finas fatias de *foie gras* cercadas por bolinhas de massa *choux.*

"O que tem dentro disto?", perguntou em voz alta o filho mais velho de Eloise, levantando uma delas entre os dedos.

"Tutano", respondeu Lawrence, sem dó.

Ele vinha se interessando cada vez mais por culinária, contou-me, e havia até começado a cultivar no jardim coisas difíceis de encontrar ali por perto — ervas raras, legumes exóticos. Essa transformação tinha ocorrido um dia quando ele estava sentado no seu escritório comendo mecanicamente um sanduíche de queijo comprado numa loja, e se dera conta de que poderia estar comendo algo melhor. Isso devia fazer um ano e meio, falou, e tivera algumas consequências interessantes, uma das quais o fato de ele sentir um desejo intenso — após uns seis meses comendo comidas mais refinadas — exatamente pelo sanduíche de queijo que o levara no início a renegar a alimentação desregrada. A essa altura já tinha se acostumado tanto a interpretar os impulsos sutis dos próprios desejos — muitas vezes deixando de comer qualquer coisa até conseguir encontrar exatamente o que queria — que automaticamente havia se disposto a satisfazer aquele dali, considerando-o uma espécie de ironia ou *beau geste* inventado por seu apetite agora mais sofisticado. Dirigiu-se à mesma loja e comprou o mesmo sanduíche, e na rua, quando abriu a boca para dar uma mordida, foi repentinamente soterrado por memórias sensoriais: a textura esfarelada de malte do pão fatiado, o travo do queijo industrial, a espessura e a brancura da maionese cobrindo os fiapos de alface. Minha boca literalmente aguou, disse Lawrence. Nesses segundos ele tinha ido ainda mais além, até a lembrança de morder e mastigar o sanduíche, de engoli-lo e sentir um obscuro alívio inundar momentaneamente seu organismo. Então, disse Lawrence, pus o sanduíche inteiro de volta na embalagem e o joguei no lixo.

O que ele havia percebido, falou, ali na rua, era que estava num processo de formatação dos próprios desejos, de domá-los com o pensamento, e foi só quando se viu momentaneamente dominado pelos antigos impulsos sensoriais que se deu conta de que esse processo, no fundo, tinha a ver com disciplina. Em outras palavras, não desejava almoçar seu pato defumado com a mesma cegueira e a mesma salivação com que havia desejado o sanduíche de queijo industrializado. O primeiro precisava ser abordado de forma consciente, enquanto o segundo se apoiava no inconsciente, em necessidades nunca

examinadas porque eram satisfeitas pela simples repetição. Ele precisou decidir ser uma pessoa que preferia pato defumado a queijo industrializado: ao decidir isso, pouco a pouco ia se tornando essa pessoa. O que o sanduíche de queijo representava era conforto, e depois que ele passou a ver as coisas desse modo, o vespeiro de fato foi aberto.

"Pelo menos ele não come vespas", disse Eloise, pousando com devoção a mão pequenina sobre a mão grande de Lawrence. "Ou, pelo menos, não ainda."

"Que mundo é esse em que se pode encontrar conforto num sanduíche produzido em massa?", indagou Lawrence. "Que tipo de pessoa sou eu para pensar que é isso que mereço?"

Ali sentado, ele correu os olhos pela sala, pela mesa e pelas pessoas sentadas à sua volta como à procura de uma resposta.

Havia chegado à conclusão, prosseguiu, de que até determinado ponto sua vida inteira fora impulsionada por necessitar das coisas em vez de apreciá-las, e que uma vez que ele tinha começado a questioná-la com base nisso, a coisa toda havia titubeado e ruído. Mas a questão do gostar, como ele já tinha dito, era mais complexa do que isso: pessoas juravam necessitar das coisas por gostarem delas, ou também juravam gostar daquilo de que necessitavam. Por exemplo, ele fora tomado por tamanha culpa após deixar Susie que às vezes tinha a sensação de quase desejar voltar para ela. Estava acostumado a estar com ela; uma vez que ela se foi, restou uma necessidade impossível de ser satisfeita, pois o ciclo da repetição fora rompido. Mas ele começou a perceber que o que chamava de necessidade era na verdade outra coisa, que era mais uma questão de excesso, do desejo de ter um acesso ilimitado a alguma coisa. E pela sua própria natureza essa coisa teria de ser relativamente sem valor, como o sanduíche de queijo, do qual existia uma quantidade infinita e facilmente acessível. Desejar algo melhor exigia autocontrole, exigia aceitar o fato de que talvez você não fosse ter aquilo para sempre e que, ainda que tivesse, nunca se sentiria tão saciado daquilo a ponto de explodir. Isso deixava você sozinho consigo mesmo, esse desejo, e quando pensava na própria vida, ele a via como uma série de tentativas de se perder fundindo-se com alguma outra coisa, algo externo a ele que pudesse ser internalizado, a ponto de ter esquecido por longos períodos que ele e Susie eram pessoas distintas.

"Coma, querido", instou Eloise. "Todo mundo já terminou."

Lawrence pegou seu garfo, espetou uma lasca de *foie gras* e a levou à boca devagar.

"Como estão os meninos?", perguntou ele a mim.

Respondi que eles estavam passando duas semanas com o pai enquanto eram feitas algumas reformas na casa. Agora que tínhamos nos mudado para Londres, falei, visitas desse tipo eram uma possibilidade.

“Já estava na hora de ele assumir alguma responsabilidade”, comentou Lawrence num tom sombrio. “O ex de Eloise é igualzinho. Não sei como eles conseguem ser assim. Não são homens”, disse ele, tomando um demorado gole de vinho. “São crianças.”

“Não é tão ruim assim”, disse Eloise, afagando sua mão.

“Você só teve de aguentar um ano”, ele lhe disse. “Ao contrário de você”, disse ele a mim.

“Qual foi a pior coisa que você teve de fazer?”, perguntou Eloise, quase animada, com as mãos unidas no peito.

Eu disse que não sabia muito bem — coisas diferentes eram difíceis por motivos diferentes. Houve uma fase, falei, em que os animais de estimação dos meninos não paravam de morrer. Primeiro foi o gato, depois os dois hamsters, depois sucessivos hamsters comprados para substituir os primeiros, e então, por fim, os porquinhos-da-índia, que viviam numa casinha no jardim e cujos cadáveres de pelos emaranhados eu fora obrigada a desenterrar com uma pá da palha em que eles haviam se enterrado. Eu não sabia por quê, falei, mas a circunstância dessas mortes e o fim dado aos cadáveres me pareceram uma coisa especialmente difícil de suportar sozinha. Era como se algo na casa os houvesse matado, algum clima que eu passava a vida tentando negar ou dispersar. Como uma maldição, falei, que cumpre a si mesma de formas que você nunca consegue prever. Durante muito tempo, era como se todas as tentativas que eu fazia para me libertar dela tornassem sua vitória sobre mim mais complexa e mais substancial. O que os comentários de Lawrence sobre desejo e autocontrole tinham deixado de fora, falei, era o componente de impotência que as pessoas chamam de destino.

“Isso não foi destino”, disse Lawrence. “Isso foi porque você é mulher.”

Eloise irrompeu numa sonora gargalhada.

“Que coisa mais ridícula de dizer!”, exclamou ela.

“Nada de bom nunca iria acontecer com você lá, sozinha com dois filhos”, continuou Lawrence, sem se deixar perturbar. “Ele a abandonou à própria sorte — você e os meninos”, acrescentou. “Queria puni-la. Não ia deixar você escapar impune.”

Era disso que se tratava, disse Lawrence, de vingança: como ele tinha dito, essas pessoas eram crianças. Quando ele tinha dito que às vezes esquecia que ele

e Susie eram pessoas distintas, o que quis dizer é que a consciência de eles serem distintos havia extinguido a raiva que ele sentia dela e ao mesmo tempo lhe permitira deixá-la. Ele a respeitava muito mais divorciado do que jamais havia respeitado durante o casamento: honrava-a como mãe da sua filha; se ela estivesse em crise, sabia que poderia vir pedir sua ajuda, e ele da mesma forma sabia que ela tentaria ajudá-lo.

"Nós sabemos bem ser divorciados", disse ele. "É a primeira coisa que sabemos fazer bem."

Olhando para ele e Susie agora, era quase difícil compreender por que seu casamento tinha sido um desastre, embora muito abertamente tivesse sido.

"Mas vocês", ele me disse, "vocês eram as últimas pessoas com quem eu jamais pensaria que isso fosse acontecer."

Quando Susie e ele se separaram, continuou ele, o que veio à tona foi um conjunto de boas intenções que, na sua escravidão um em relação ao outro, eles nunca tinham conseguido realizar. No seu caso, disse-me ele, o contrário aconteceu: algo que parecia bom visto de fora se revelou pleno de violência e ódio. E nesse contexto ser mulher significava estar numa desvantagem inerente, do mesmo jeito que teria acontecido numa luta física.

"Alguém como você", disse-me ele, "jamais aceitaria que a feminilidade pressupunha determinados códigos de honra masculinos. Por exemplo, um homem sabe que não pode bater numa mulher. Se essas fronteiras estão ausentes, vocês ficam basicamente indefesas."

Falei que não estava certa de querer o tipo de poder ao qual ele estava se referindo. Era o antigo poder matriarcal; um poder de imunidade. Eu não entendia por que não deveria assumir minha parcela de culpa pelo que acontecera, falei; nunca havia considerado as coisas que tinham acontecido, por mais horríveis que fossem, como algo além do que eu própria — quer conscientemente ou não — provocara. Não era uma questão de considerar minha feminilidade intercambiável com o destino; muito mais importante era aprender a ler esse destino, a ver formas e padrões nas coisas que aconteciam, a estudar sua verdade. Era difícil fazer isso continuando a acreditar na identidade, quanto mais em conceitos pessoais como justiça, honra e vingança, assim como era difícil escutar quando se estava falando. Eu tinha descoberto mais coisas escutando, falei, do que jamais julgara possível.

"Mas você precisa viver", disse Lawrence.

Havia mais de uma maneira de viver, falei. Disse-lhe que recentemente, quando estava preparando a mudança, tinha encontrado uma agenda velha do

meu filho. Ele havia escrito na capa: *Se você ler, assuma as consequências.*

Lawrence riu. Eloise havia saído da mesa de fininho enquanto falávamos, e vi os olhos dele acompanhá-la pela sala. Ela estava levando duas tigelas de alguma coisa até a outra ponta da mesa.

"Ah, pelo amor de Deus", resmungou ele entre os dentes. "Ela está dando uma droga de macarrão para os meninos."

Ele se levantou da cadeira, foi atrás dela, segurou-a pelo cotovelo e disse algo no seu ouvido.

"Por que ele não a deixa e pronto?", disse-me a mulher de estampa de leopardo. "Os filhos são dela."

Virei-me para encará-la. A mulher tinha uma cabeça estreita e olhos pequenos muito redondos que arregalava com frequência, como num assombro particular com as coisas que as pessoas diziam e faziam. Seus cabelos escuros estavam muito esticados para trás do rosto ossudo e presos por uma faixa com estampa de leopardo. Ela usava brincos que pareciam lingotes de ouro pendentes e combinavam com o colar semelhante a uma coleira. Estava recostada na cadeira com a taça de vinho na mão, a comida intocada no prato. Havia amassado as bolinhas de massa *choux* até transformá-las numa maçaroca irreconhecível e escondido ali embaixo o *foie gras*.

"Gaby", disse Birgid num tom severo, "ele está tentando criar limites."

Gaby girou o garfo no meio da maçaroca em seu prato.

"Você tem filhos?", perguntou ela para mim. "Eu não iria querer alguém me dizendo como criar os meus." Ela franziu a boca pintada de batom escuro, virou o garfo e amassou a comida com a parte de trás. "Você é a escritora, não é?", disse ela. "Lawrence falou de você. Acho que li um dos seus livros. Mas não me lembro sobre o que era."

Ela lia tantos livros, falou, que eles tendiam a se confundir na sua mente. Muitas vezes deixava as crianças na escola, voltava para a cama e passava o dia inteiro lá, lendo, só levantando quando chegava a hora de ir buscá-las. Lia seis ou sete livros por semana. Às vezes estava no meio de um e de repente se lembrava que já o tinha lido. Isso estava fadado a acontecer visto o número de livros que lia, mas mesmo assim era um pouco perturbador que ela pudesse levar tanto tempo para perceber. Começava a experimentar uma sensação surreal, como se estivesse recordando algo ao mesmo tempo que ocorria, mas por algum motivo nunca punha a culpa no livro; sempre achava que essa sensação de déjà-vu tivesse a ver com a sua própria vida. Além disso, em outros momentos, lembrava-se das coisas como se elas tivessem acontecido com ela pessoalmente,

quando na verdade eram apenas coisas que tinha lido. Poderia jurar de pés juntos que essa ou aquela cena existiam na sua própria lembrança, e na verdade aquilo não tinha absolutamente nada a ver com ela.

“Isso acontece com você?”, perguntou.

O pior eram os bate-bocas que isso causava entre ela e o marido. Ela se mostrava convencida de que eles tinham ido a algum lugar ou feito alguma coisa, e ele simplesmente negava tudo de bate-pronto. Às vezes se dava conta, depois da discussão, de que a viagem à Cornualha na verdade tinha acontecido num livro, e não na realidade, mas em outros momentos sua certeza em relação a algo perdurava, a ponto de a recusa dele em reconhecer aquele fato a deixar quase maluca. Recentemente, por exemplo, ela havia mencionado um cocker spaniel que eles tiveram chamado Taffy. Seu marido afirmava não ter a menor lembrança de Taffy. Mais do que isso, acusou a esposa de ter inventado Taffy; eles nunca tiveram esse cachorro, falou. Os dois acabaram aos berros, gritando um com o outro, até ela se dar conta de que deveria haver alguma prova e revirar a casa de cima a baixo à procura da prova de que Taffy havia existido. Passara a noite inteira nisso — havia revirado cada caixa, cada gaveta e cada armário — enquanto ele ficava sentado no sofá bebendo uísque e ouvindo no volume máximo sua coleção de jazz contemporâneo, que ela detestava, e zombando e fazendo pouco dela sempre que ela por acaso passava pela sala. No final, os dois haviam tombado de raiva e exaustão; as crianças acordaram no dia seguinte e encontraram os pais totalmente vestidos dormindo no chão da sala, com a casa parecendo ter sido saqueada por ladrões.

Ela levou a taça de vinho aos lábios escuros carnudos e a esvaziou num gole só.

“Mas você achou alguma coisa?”, indagou Birgid. “Chegou a solucionar o mistério?”

“Achei uma foto”, disse Gaby. “Na última caixa tinha a foto de um lindo filhote cocker marrom. Não sei nem dizer o alívio que foi. Eu pensei que, de fato, estivesse ficando louca de vez.”

“E ele disse o quê?”, perguntou Birgid.

Gaby deu uma risadinha sem alegria nenhuma.

“Ele disse: ah, você quis dizer *Tiffy.* Se eu soubesse que você estava falando de Tiffy, disse ele, é claro que teria sido totalmente diferente. Mas nunca existiu nenhum Taffy, disse ele. Mas o fato”, disse ela, “é que eu sei que o cachorro se chamava Taffy. Eu simplesmente sei.”

A menina de vestido vermelho — Henrietta — falou pela primeira vez.

“Como você pode ter certeza?”, perguntou ela.

“Eu tenho”, disse Gaby. “Eu sei.”

“Mas ele diz que o nome do cachorro era Tiffy”, falou Henrietta.

Seu rosto era liso, redondo e branco como o de uma boneca de porcelana. Ela devia ter quinze ou dezesseis anos, mas apesar do vestido justo e dos sapatos de salto se portava com uma simplicidade infantil. Encarou a mãe com os olhos arregalados e sem piscar. Sua expressão, que nunca parecia mudar, era de alarme.

“Ele está errado”, disse Gaby.

“Está dizendo que ele está mentindo?”, disse Henrietta.

“Estou dizendo só que ele está errado”, disse Gaby. “Eu jamais o chamaria de mentiroso. Jamais chamaria o seu pai de mentiroso.”

Eloise chegou, sentou-se de novo no seu lugar na minha frente e olhou sucessivamente para cada uma de nós com um ar animado, tentando tomar pé da conversa.

“Ele não é meu pai”, disse Henrietta. Ela estava sentada muito quieta e ereta, e seus olhos redondos de boneca não piscaram.

“Como é que é?”, disse Gaby.

“Ele não é meu pai”, repetiu a menina.

Gaby se virou para Eloise e para mim com uma irritação patente, e pôs-se a explicar os detalhes da concepção de Henrietta como se ela não estivesse sentada ali escutando. A menina era fruto de um relacionamento anterior — ou nem mesmo um relacionamento, um caso de uma noite só que ela tinha tido com alguém aos vinte e poucos anos. Ela havia conhecido Jamie — seu marido e pai de seus dois outros filhos — quando Henrietta tinha apenas algumas semanas de vida.

“Então ele na verdade é o pai dela”, falou.

Lawrence serviu o prato principal, uma ave pequenina com as pernas amarradas para cada um.

“O que é isso?”, perguntou Angelica quando a sua foi posta na sua frente.

“Galeto”, respondeu Lawrence.

Angelica deu um grito. Lawrence se retesou, com o prato na mão.

“Saia da mesa, por favor”, disse ele.

“Querido”, disse Eloise, “isso é meio demais, querido.”

“Por favor, saia da mesa”, disse Lawrence.

Lágrimas começaram a rolar pelas faces de Angelica. Ela se levantou.

“Você sabe onde ele está?”, perguntou Eloise, virando as costas.

“Ele quem?”, disse Gaby.

“O pai”, disse Eloise em voz baixa. “O homem com quem você teve um caso de uma noite só.”

“Ele mora em Bath”, disse Gaby. “É antiquário.”

“Bath é logo ali”, exclamou Eloise. “Como ele se chama?”

“Sam McDonald”, disse Gaby.

O rosto de Eloise se iluminou.

“Eu conheço Sam”, disse ela. “Na verdade, esbarrei com ele faz poucas semanas.”

Um grito soou na outra ponta da mesa. Nós nos viramos para olhar e vimos que uma criança depois da outra estava se levantando junto com Angelica, até todas estarem em pé diante de seus pratos, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Estavam todas enfileiradas e suas bocas emitiam sons indistinguíveis como palavras, mas que se fundiam num coro unificado de protesto. As velas acesas à sua volta as riscavam de luz vermelha e laranja, iluminando seus cabelos e olhos e reluzindo em suas faces molhadas, quase fazendo parecer que elas estavam em chamas.

“Meu Deus”, disse Birgid.

Por alguns instantes todos ficaram olhando, fascinados, a fileira de crianças incandescentes aos prantos.

“Uma pequena fila de mártires”, disse Gaby, achando graça.

“Eu desisto”, disse Lawrence, tornando a se sentar pesadamente.

“Querido, deixe que eu cuido disso”, disse Eloise, pondo a mão por cima da dele. “Você consegue? Me deixar cuidar disso?”

Lawrence agitou a mão num gesto resignado, e Eloise se levantou e foi até o final da mesa.

“Às vezes a vontade humana não é suficiente”, disse ele.

Henrietta havia permanecido perfeitamente ereta e imóvel, com os olhos redondos vidrados e o lençol de cabelos vermelhos parecendo um véu flamejante ao redor dos ombros nus.

“Por que eu não conheci ele?”, perguntou ela.

“Não conheceu quem?”, perguntou Gaby.

“O meu pai. Por que nunca encontrei com ele?”

“Ele não é seu pai”, disse Gaby.

“É, sim”, disse Henrietta.

“Seu pai é o Jamie. É ele quem cuida de você.”

“Por que eu nunca vi ele?”, perguntou Henrietta, sem piscar. “Por que você

nunca me levou para ver ele?”

“Porque ele não tem nada a ver com você”, disse Gaby.

“Ele é o meu pai”, disse Henrietta.

“Ele não é o seu pai”, disse Gaby.

“É, sim. Ele é o meu pai.”

A água começou a escorrer dos olhos de Henrietta também. Ela permaneceu totalmente imóvel, com as mãos brancas unidas no colo, enquanto as lágrimas não paravam de rolar por suas faces e pingavam por cima dos dedos entrelaçados.

“Um pai é alguém que cuida de você”, disse Gaby. “Aquele outro homem não cuida de você, então ele não pode ser o seu pai.”

“Pode, sim”, soluçou Henrietta. “Você nunca me disse nem o nome dele.”

“Que importância tem quem ele é?”, disse Gaby. “Ele não é nada para você”.

“Ele é o meu pai”, repetiu Henrietta.

“Ele é seu pai”, disse Birgid. “Seu pai biológico.”

“Você nunca nem me disse o nome dele”, disse Henrietta.

“Seu pai é o Jamie, meu amor”, disse Eloise. “Ele te conhece desde que você era um bebezinho.”

“Não”, disse Henrietta, balançando a cabeça. “Ele não é, não.”

“Um pai é alguém que te conhece”, disse Eloise. “Alguém que te conhece e que te ama.”

“Eu nunca nem vi ele”, disse Henrietta. “Não sei nem que cara ele tem.”

“Ele não é seu pai”, disse Gaby num tom conclusivo. Ficou sentada ali triunfante, com os olhos em brasa, encarando a taça de vinho enquanto Henrietta chorava na sua frente.

Ninguém disse nada. Os outros adultos continuaram sentados num silêncio constrangido. Ao redor da mesa, lágrimas escorriam pelos rostos das crianças. Mas a visão da menina de cabelos ruivos paralisada de dor deu tanta pena que me senti forçada a falar com ela. Ao ouvir minha voz, ela virou a cabeça de modo quase imperceptível. Encarou-me nos olhos.

“Sim”, respondeu ela. “Eu quero conhecer ele, sim. Ele quer me conhecer?”

Eu disse que não sabia. Ela virou os olhos para a mãe.

“Ele quer me conhecer?”

“Acho que sim”, respondeu Gaby com amargura. “Vou ter que perguntar para ele.”

Pude ouvir meu celular tocando dentro da bolsa e levantei para atender. No início ninguém disse nada do outro lado. Ouvi os barulhos de uma briga, em

seguida uma colisão distante. Perguntei quem era. Débeis soluços soaram. Quem é, falei. Por fim, meu filho mais novo começou a falar. Sou eu, disse ele. Estava ligando do fixo — seu celular tinha ficado sem bateria. Ele e o irmão estavam brigando, falou. Tinham passado a noite inteira brigando, e não pareciam conseguir parar. Ele estava com os braços cobertos de arranhões e um corte no rosto. Está sangrando, soluçou, e algumas coisas quebraram. Papai vai ficar superbravo, disse ele. Perguntei onde estava o pai deles. Eu não sei, choramingou meu filho. Mas aqui ele não está. É tarde, falei. Vocês deveriam estar na cama. Houve novos ruídos de briga, então o barulho do telefone sendo derrubado no chão. Pude ouvi-los brigar. Seus gritos e grunhidos se afastaram, depois tornaram a se aproximar. Esperei um deles pegar o telefone. Fiquei chamando na linha. Por fim, escutei a voz do meu filho mais velho. O que foi, disse ele, seco. Não sei, falou quando perguntei onde estava o seu pai. Ele não apareceu a noite inteira. Não é culpa sua, falei, mas você vai ter que resolver isso. Ele também começou a chorar. Passei um tempão falando com ele. Ao terminar, voltei para a mesa. As crianças e a menina ruiva tinham ido embora. Gaby e Birgid conversavam. Lawrence, recostado na cadeira com uma expressão preocupada, tinha os dedos pousados no pé da taça de vinho. Algumas das velas haviam se apagado. A névoa agora inteiramente opaca pressionava as janelas por fora. Dei-me conta então de que nenhum de nós poderia ter saído da casa de Lawrence, por mais que precisássemos ou quiséssemos.

Eloise estava pondo as crianças para dormir, disse-me Lawrence. Estavam todas cansadíssimas. Eles deveriam ter lhes servido o jantar antes, disse ele, e as acomodado em frente à televisão.

“Às vezes”, disse ele, “tenho a sensação de estar me esvaindo em sangue aos poucos.”

Eloise voltou, sentou-se ao lado dele e pousou a cabeça no seu ombro.

“Coitadinho de você”, disse-lhe ela. “Se esforçou tanto.” Ela ergueu os olhos para ele e riu. “Mas por um lado foi bem engraçado”, falou. “Todas aquelas crianças bem-educadas histéricas por causa do seu *poussin*.”

Lawrence deu um sorriso de lábios contraídos.

“Amanhã você vai achar engraçado, amor”, disse ela, esfregando o braço dele. “Sério, vai sim.”

Ela bocejou e me perguntou o que eu iria fazer no resto do fim de semana. Eu disse que na noite seguinte iria à ópera.

“Com quem?”, perguntou ela, sentando-se um pouco mais ereta com um brilho nos olhos. Estudou meu rosto e sentou-se mais ereta ainda. “Olhe só,

Lawrence!”, falou, apontando para mim.

“O quê?”, disse Lawrence.

“Olhe a cara dela… ela ficou vermelha! Eu nunca a vi ficar vermelha antes, você já? Quem é ele?”, disse ela, inclinando-se por cima da mesa na minha direção. “Eu preciso saber.”

Falei que era apenas alguém que eu tinha conhecido.

“Mas como?”, disse Eloise, batendo no tampo da mesa com impaciência. “Como o encontrou?”

Na rua, falei.

“Você o encontrou na rua?”, disse Eloise, incrédula. Ela começou a rir. “Me conte”, disse ela. “Quero saber tudo.”

Eu disse que ainda não tinha nada para contar.

“Ele é rico?”, sussurrou Eloise.

Lawrence me observava com olhos escuros que pareciam contas.

“Bom”, disse ele. “Isso é muito bom.”

Eu não sabia nem se aquilo era possível, falei.

“Você precisa esquecer os meninos”, disse ele. “Pelo menos por um tempo.”

“Ela não pode simplesmente esquecer os meninos”, disse Eloise.

“Eles vão devorar você”, disse Lawrence. “Não podem evitar. É da sua natureza. Vão pegar tudo até não sobrar mais nada.”

Ele tinha visto aquilo acontecer com Eloise, continuou: quando a conheceu, ela era uma ruína física e emocional, estava abaixo do peso, devorada pela exaustão e pela ansiedade financeira. Na verdade, ele nem sequer a teria conhecido caso a mãe dela não estivesse cuidando das crianças naquele dia, coisa que raramente fazia, uma vez que morava fora e não gostava de ser deixada sozinha com os netos quando vinha visitar, porque, para falar francamente, a mãe de Eloise de fato nunca quis ser mãe…

“Amor”, disse Eloise, pousando uma das mãos no braço dele. “Amor, não.”

… não quis ser mãe, continuou Lawrence, quanto mais avó. Mas de alguma forma Eloise a tinha convencido, naquela noite, a passar umas horinhas com as crianças para ela poder ir a uma festa. Eloise até então era uma espécie de fantasma famoso no seu círculo de amigos. Lawrence já ouvira falar dela muitas vezes, mas nunca a vira; ouvira dizer várias vezes que Eloise estaria presente nesse ou naquele evento, e ela não aparecera sequer uma vez. Por ironia, fora Susie quem havia despertado a sua curiosidade — certo dia ela mencionara que Eloise a havia abordado na porta da escola e se oferecido para levar e buscar Angelica, já que quando ia levar os próprios filhos passava de carro bem em

frente à porta deles. Susie ficara perplexa com a sugestão — o que levava Eloise a pensar, dissera, que ela precisava de ajuda para levar os próprios filhos à escola? Ela nem sequer conhecia Eloise; não sabia se ela era uma motorista segura e competente. Lawrence tentara assinalar que a sugestão obviamente fora feita com boa intenção, mas dali em diante Susie passara a ver Eloise como uma pessoa suspeita.

Lawrence descansou os dedos no pé da sua taça de vinho e a girou lentamente sob a luz das velas.

O destino, disse ele, é apenas a verdade no seu estado natural. Quando você deixa as coisas a cargo do destino, elas podem levar muito tempo, falou, mas seus processos são precisos e inexoráveis. Mais dois anos se passaram depois dessa conversa com Susie antes de Lawrence conhecer Eloise; nesse intervalo, ele tinha pensado muitas vezes na sua sugestão de levar Angelica à escola, a tinha avaliado sob muitas luzes distintas, e avaliado também Susie à luz da sugestão. A sugestão era um ponto fixo, como uma estrela que um viajante poderia usar para se orientar no escuro. Quando enfim conheceu Eloise, Lawrence já tinha passado a compreender muita coisa em relação a Susie e em relação a si próprio; eles já tinham conversado sobre passar um tempo separados e estavam fazendo terapia de casal. Susie — que era o oposto de fatalista, que via a vida como um enredo fantástico cheio de dispositivos — tinha olhado para trás e inventado uma história diferente a partir desses acontecimentos, uma história na qual Eloise havia conspirado de forma premeditada e mal-intencionada para se imiscuir na vida de Lawrence e Susie e tirar Lawrence dela, história essa que tinha contado tanto para os amigos quanto para si mesma. Mas Lawrence, que navegava guiado por aquele ponto fixo, conseguira avançar de forma segura em meio à confusão. Pensava ter aprendido mais sobre Eloise a partir das suas ausências do que a sua presença teria podido lhe ensinar; a primeira coisa que amou nela, e que ainda amava, eram justamente essas ausências, cujo mistério e intangibilidade o haviam levado a examinar a realidade da própria vida.

O motivo pelo qual Eloise nunca tinha comparecido aos eventos sociais, continuou ele — mesmo quando pretendia fazê-lo e quando tinha dito que iria —, era obviamente por causa dos filhos, a quem tinha a sensação de não poder abandonar. O pai das crianças — seu ex-marido — abrira mão de qualquer responsabilidade em relação a elas após o fim do casamento; sentia quase prazer em vê-las sofrer, pensava Lawrence, em parte porque o sofrimento delas dramatizava o seu — da mesma forma que os agressores gostam de ver nas

vítimas o próprio medo — e em parte porque esse era um modo infalível de punir Eloise. Toda vez que Eloise deixava os meninos com ele, alguma coisa saía errada: eles se machucavam ou machucavam um ao outro, voltavam contando histórias de abandono e negligência, ou diziam ter sido levados a lugares estranhos e inadequados ou deixados com pessoas que não conheciam. Ele se conduzia de modo absolutamente impiedoso, além de se recusar a contribuir com um centavo sequer para o sustento das crianças. Apesar de estar ela própria muito apertada, Eloise precisava mandar os filhos para a casa do pai com dinheiro para o caso de precisarem comprar comida, e chegava até a levar pratos que ela mesma havia preparado, dizendo que estavam sobrando. No Natal, foi ela quem comprou, embrulhou e entregou os presentes dele para os próprios filhos.

"Você ainda faz isso", disse Lawrence, olhando para ela. "Ainda sustenta aquele imprestável."

"Amor", disse ela. "Por favor."

"Não aguenta ouvir uma palavra contra ele", disse Lawrence. "Quanto mais enfrentá-lo…"

Eloise exibia uma expressão de súplica.

"De que iria adiantar?", perguntou ela.

"Ele não deveria poder se safar assim", disse Lawrence. "Você deveria enfrentá-lo."

"Mas de que iria adiantar?", disse Eloise.

"Você deveria enfrentá-lo", repetiu Lawrence, "em vez de ficar passando a mão na cabeça dele e de se matar dia e noite para compensar o que ele não faz. Eles deveriam saber a verdade", disse ele, tomando um grande gole de vinho.

"Eles só precisam ver que têm um pai", disse Eloise, chorosa. "Qual o problema se é uma farsa?"

"Eles deveriam ver a verdade", disse Lawrence.

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Eloise.

"Eu só quero que eles sejam felizes", disse ela. "Que importância tem todo o resto?"

Os dois ficaram sentados ali, lado a lado sob a luz tremeluzente das velas. Eloise chorava com o rosto erguido, os olhos reluzindo, a boca aberta num estranho sorriso misto de esgar. Gaby relanceou os olhos para ela, então voltou a encarar rapidamente o próprio prato, arregalando os olhos. Lawrence segurou a mão de Eloise e ela apertou com força, ainda chorando, enquanto ele fitava com um olhar sombrio os confins da sala. Birgid se inclinou mais para perto, uma

forma branca na penumbra, e pousou a mão no ombro de Eloise. Quando falou, foi com uma voz surpreendentemente sonora e reconfortante.

“Eu acho”, disse ela, “que está na hora de todos nós irmos para a cama.”

De manhã, ainda estava escuro quando me levantei. Lá embaixo, as ruínas do jantar continuavam em cima da mesa. As velas derretidas tinham endurecido em formatos escorridos. Guardanapos amassados jaziam jogados entre os copos e talheres sujos. O livro de Jake estava aberto em cima da cadeira; olhei para a foto que ele tinha me mostrado, o declive sombreado e estriado na superfície planetária destruída. Do outro lado da sala, uma luz azul tremeluzia além da porta semiaberta. Ouvi o rumor da TV e vi uma forma passar depressa pela brecha da porta. Reconheci a silhueta de Eloise, captei um vislumbre de sua camisola fina e dos pés descalços velozes. Do outro lado das janelas nascia uma estranha luz subterrânea que mal se podia distinguir da escuridão. Senti uma mudança bem lá no fundo de mim, movendo-se nas profundezas sob a superfície das coisas, como as placas da Terra se movendo às cegas em seus trilhos negros. Encontrei minha bolsa e minha chave do carro e saí da casa sem fazer barulho.



Siemon Scamell-Katz

Rachel Cusk nasceu em 1967 e é autora de diversos romances. *Esboço* (2014), *Trânsito* (2016) e *Kudos* (2018) formam uma das trilogias de maior sucesso da literatura recente.

Transit © Rachel Cusk, 2016. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à Todavia.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa
adaptação da capa original de
Rodrigo Corral para Faber & Faber
imagem de capa
Charlie Engman
preparação
Leny Cordeiro
revisão
Tomoe Moroizumi
Huendel Viana
versão digital
Antonio Hermida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
——
Cusk, Rachel (1967-)
Trânsito: Rachel Cusk
Título original: *Transit*
Tradução: Fernanda Abreu
São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020
200 páginas

ISBN 978-65-5692-054-2

1. Literatura inglesa 2. Romance 3. Ficção contemporânea I. Abreu, Fernanda II. Título

CDD 823.9
——
Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa: Romance 823.9

todavia
Rua Luís Anhaia, 44
05433.020 São Paulo SP
T. 55 11. 3094 0500
www.todavialivros.com.br

RACHEL CUSK



ESBOÇO

Esboço

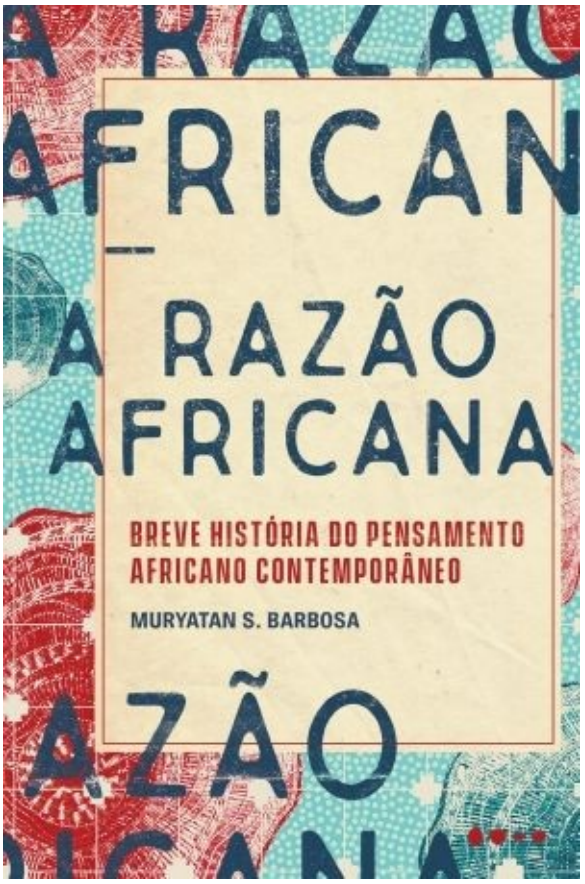
Cusk, Rachel
9786580309245
192 páginas

Compre agora e leia

Ao mesmo tempo desprovido de artifícios e literário ao extremo, este romance inaugura uma trilogia que transformou a literatura contemporânea.

Quando Esboço foi publicado originalmente, em 2014, um pequeno furor tomou conta do mundo literário. Como era possível uma trama tão simples e uma escrita tão desprovida de artifícios produzir um efeito tão poderoso? Uma escritora vai a Atenas, num verão particularmente quente, para ministrar um curso de criação literária. Ela propõe aos alunos exercícios de narrativa. Ela vai a restaurantes com amigos. Ela sai para um passeio de barco com um grego que encontra no avião. As pessoas a seu redor falam livremente sobre suas fantasias, ansiedades, teorias, arrependimentos e desejos. A vida familiar ocupa o centro das conversas: relacionamentos interrompidos, casamentos frustrados, os dilemas da maternidade, as encruzilhadas profissionais à medida que a idade avança. Esboço é o primeiro de livro de uma trilogia magistral — os seguintes são Trânsito e Kudos —, a ser lembrada como uma das grandes conquistas literárias do nosso tempo.

Compre agora e leia


A RAZÃO AFRICANA
BREVE HISTÓRIA DO PENSAMENTO AFRICANO CONTEMPORÂNEO
MURYATAN S. BARBOSA

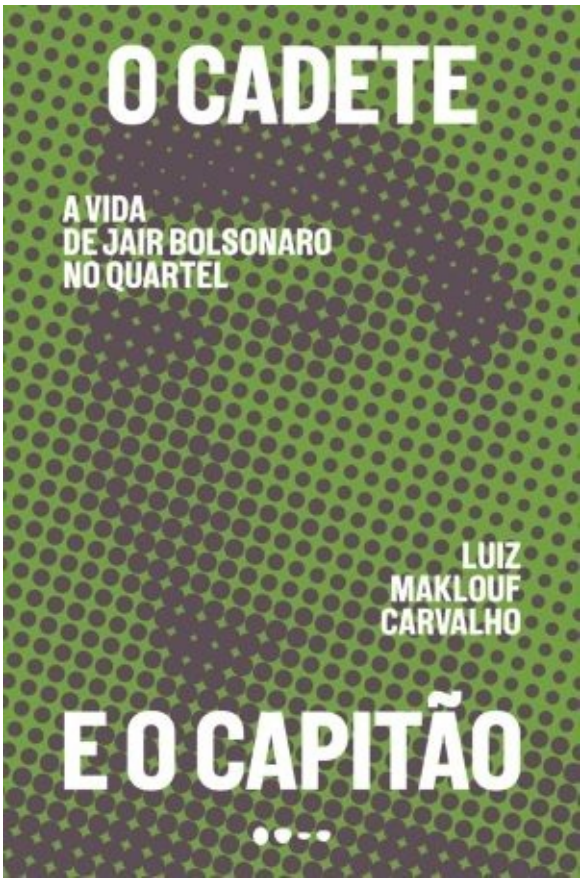
A razão africana

Barbosa, Muryatan S.
9786556920573
216 páginas

Compre agora e leia

O colonialismo não se ocupou apenas de territórios. Também se provou bastante eficaz em povoar as mentes. E, por causa da hegemonia europeia e branca, durante muito tempo soubemos pouco a respeito da produção intelectual nos países africanos. Terminado o período colonialista, demorou ainda muitos anos para passarmos a valorizar — e a articular — nomes fundamentais da filosofia e das ciências sociais daquele continente. Temas como nação, autonomia cultural, racismo, identidade e entendimento da questão negra perpassam o melhor pensamento vindo da África nos últimos dois séculos. E nos ajudam, latino-americanos e brasileiros, a ler com mais acuidade a nossa própria posição no Ocidente. É o que propõe este livro pioneiro, escrito com clareza exemplar pelo historiador Muryatan S. Barbosa; uma obra de síntese, abrangente e sofisticada, para ser lida por qualquer pessoa interessada na construção de um sistema intelectual original e inovador. O autor oferece um panorama claro e articulado (no percurso social e na história das ideias) sobre pensadores e conceitos que ajudaram a romper os grilhões da África. E do mundo inteiro.

Compre agora e leia


O CADETE
A VIDA
DE JAIR BOLSONARO
NO QUARTEL
LUIZ
MAKLOUF
CARVALHO
E O CAPITÃO

O cadete e o capitão

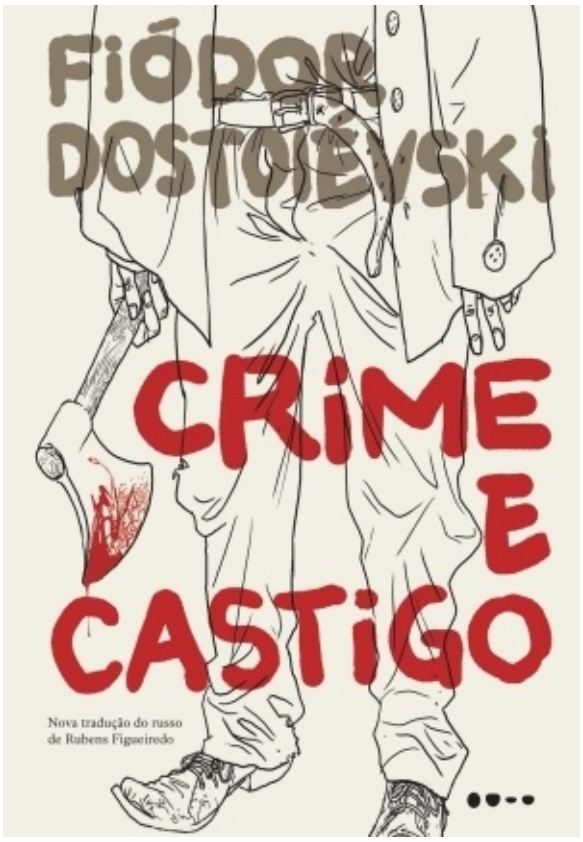
Maklouf Carvalho, Luiz
9786580309368
256 páginas

Compre agora e leia

Uma investigação sobre um momento controverso na trajetória de Jair Bolsonaro: o abandono da carreira militar e o ingresso na vida política.

Jair Bolsonaro tornou-se uma figura pública em 1986, quando assinou na revista Veja um artigo em que reclamava do baixo soldo pago aos militares. Um ano depois, nas páginas da mesma revista, reapareceu numa reportagem que revelava um plano de estourar bombas em locais estratégicos do Rio de Janeiro. A revista publicou um desenho que detalhava o plano. O croqui, supostamente de autoria do capitão, comprovaria a conspiração em curso no Exército. Instado a prestar contas, Bolsonaro foi considerado culpado no primeiro julgamento, e mais tarde inocentado pelo Superior Tribunal Militar (stm). Após a decisão da corte, deixou a farda, passou à reserva e ingressou na política. Esta é a reportagem mais completa já escrita sobre esse período pouco conhecido. O autor examinou a documentação do processo (reproduzida no livro) e escutou as mais de cinco horas de áudio da sessão secreta — ambos disponíveis no stm. Também entrevistou personagens que atuaram no caso, entre jornalistas de Veja e militares colegas de Bolsonaro. Além de reunir indícios suficientes para apontar que a autoria do croqui, como sustentou Veja até o fim, era mesmo do capitão, Maklouf reconstitui um episódio decisivo não apenas para a trajetória do presidente eleito em 2018, mas também para a redemocratização e o jornalismo no Brasil.

Compre agora e leia


FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI
CRIME
E
CASTIGO
Nova tradução do russo
de Rubens Figueiredo

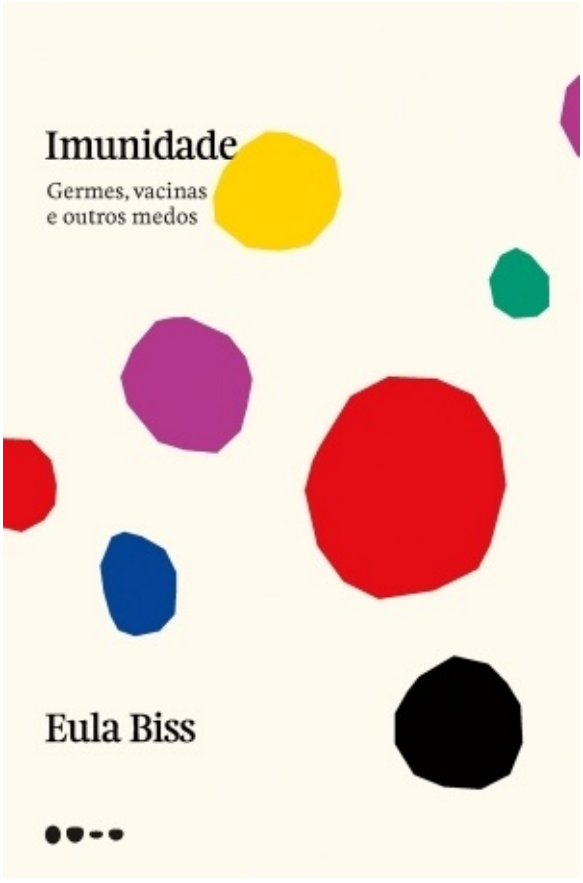
Crime e Castigo

Dostoiévski, Fiódor
9788588808850
608 páginas

Compre agora e leia

Nova tradução direto do russo, a cargo de Rubens Figueiredo, de um dos romances mais importantes e influentes de todos os tempos. Crime e castigo é a obra mais célebre de Dostoiévski e um dos romances fundamentais da literatura ocidental. Escrita entre 1865 e 1866, quando Dostoiévski tinha 45 anos, foi publicada em partes na revista Rússki Viéstnik [O Mensageiro Russo], a mesma que vinha publicando, na época, o romance Guerra e paz, de Liev Tolstói. A ideia do livro surgiu quando Dostoiévski propôs a Katkóv, editor da revista, redigir um "relato psicológico de um crime". Na obra, Raskólnikov, um rapaz sombrio e orgulhoso, retraído mas também aberto à observação humana, precisa interromper seus estudos por falta de dinheiro. Devendo o aluguel à proprietária do cubículo desconfortável em que vive, ele se sente esmagado pela pobreza. Ao mesmo tempo, acha que está destinado a um grande futuro e, desdenhoso da moralidade comum, julga ter plenos direitos para cometer um crime – o que fará de uma maneira implacável. Por meio da trajetória de Raskólnikov, Dostoiévski apresenta um testemunho eloquente da pobreza, do alcoolismo e das condições degradantes que empurram para o abismo anônimos nas grandes cidades. O personagem tem a convicção de que fins humanitários podem justificar um crime, mas conviver com a culpa será um pesadelo permanente. Ainda assim, a tragédia não exclui a perspectiva de uma vida luminosa, e o castigo pelo crime vai lhe abrir um longo caminho em direção à verdade. Thomas Mann julgava Crime e castigo "o maior romance policial de todos os tempos". Como ele, a crítica é unânime em considerar a obra um marco da análise psicológica na ficção ocidental. Em nova tradução do russo por Rubens Figueiredo, o clássico ressurge em todo seu esplendor, sua originalidade e seu inesgotável caráter moral.

Compre agora e leia


Imunidade
Germes, vacinas
e outros medos
Eula Biss

Imunidade

Biss, Eula
9788593828119
208 páginas

Compre agora e leia

Movimentos contra vacinação estão em alta. Com texto esclarecedor, sem deixar de ser pessoal, Imunidade traz o debate sobre imunização para um novo patamar. Eula Biss quase morreu no parto do seu primeiro filho. Confrontada com a fragilidade da vida, ela tornou-se obcecada com assuntos relacionados à saúde, em especial aqueles envolvendo o recém-nascido. Imunidade é o resultado dessa pesquisa, um livro pessoal e esclarecedor. Mistura de ensaio pessoal, história cultural e investigação científica, o livro – ao estilo de Susan Sontag e Andrew Solomon – une entretenimento, esclarecimento e qualidade literária.

Compre agora e leia

Table of Contents

Folha de Rosto
Sumário
Trânsito
Autora
Créditos